

# TRANSFORMACIÓN

revista de psicoanálisis | número 12 | septiembre 2014



**integração, diversidade e desenvolvimento**  
**integración, diversidad y desarrollo**



# TRANSFORMACIÓN

revista de psicoanálisis | número 12 | septiembre 2014

**integração, diversidade e desenvolvimento**  
integración, diversidad y desarrollo

**OCAL** - Organización de  
Candidatos de América Latina

## Sociedades pertenecientes à OCAL

- BRASIL** *Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ)*  
*Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)*  
*Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)*  
*Sociedade Psicanalítica do Recife (SPR)*  
*Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPB)*  
*Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA)*  
*Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel)*  
*Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP)*  
*Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro (Rio 4)*  
*Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul (SPMS)*  
*Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais (GEPMG)*  
*Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia (GEPG)*  
*Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza (GEPFOR)*  
*Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEPCampinas)*  
*Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC)*
- ARGENTINA** *Asociación Psicoanalítica Argentina (APA)*  
*Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires (APdeBA)*  
*Asociación Psicoanalítica de Córdoba (APC)*  
*Sociedad Psicoanalítica de Mendoza (SPM)*  
*Asociación Psicoanalítica de Rosario (APR)*  
*Sociedad Argentina de Psicoanálisis (SAP)*
- COLÔMBIA** *Sociedad Colombiana de Psicoanálisis (SOCOLPSI)*  
*Sociedad Psicoanalítica Freudiana de Colombia*  
*Asociación Psicoanalítica Colombiana*
- CHILE** *Asociación Psicoanalítica Chilena (APCH)*
- MÉXICO** *Asociación Psicoanalítica de Guadalajara (APG)*  
*Asociación Psicoanalítica Mexicana (APM)*  
*Asociación Psicoanalítica para la Práctica, Investigación y Enseñanza del Psicoanálisis (AMPIEP)*  
*Asociación Regiomontana de Psicoanálisis (ARPAC)*  
*Sociedad Psicoanalítica de México (SPM)*
- PARAGUAI** *Asociación Psicoanalítica de Asunción (APdeA)*
- PERU** *Sociedad Peruana de Psicoanálisis (SPP)*
- URUGUAI** *Asociación Psicoanalítica del Uruguay (APU)*
- VENEZUELA** *Sociedad Psicoanalítica de Caracas (SPC)*
- ILAP** *Instituto Latinoamericano de Psicoanálisis*

## Diretoria da OCAL 2013-2014

**Presidente** - Cecilia Moia (Argentina)

**Vice-presidente** - Luisa Pérez Suquilvide (Uruguay)

**Secretário** - Osvaldo Canosa (Argentina)

**Secretário Científico** - Jean Marc Tauszik (Venezuela)

**Editor** - Carlos Cesar Marques Frausino (Brasil)

**Secretária de Difusão** - Alejandra Uscanga (México)

**Tesoureira** - Irene Spivacow (Argentina)

**Representante Brasil** - Christiane Paixão (Brasil)

**Representante Chile** - Javier Ravinet (Chile)

**Assessoras** - Rita Andrea Mello (Brasil) e Carmen Cuenca (México)



## Sumário

<b>EDITORIAL</b>	
por Carlos Cesar Marques Frausino (Brasil)	7
<b>MENSAGEM DA PRESIDENTE</b>	
por Cecília Moia (Argentina)	9
<b>À GUISA DE INTRODUÇÃO</b>	
<i>Pertencer a OCAL: “OCAL somos todos”</i>	
por Carmen Cuenca (México) e Osvaldo Canosa (Argentina)	15
<i>Representação e pertencimento</i>	
por Christiane Paixão (Brasil)	17
<b>UM CAPÍTULO DA HISTÓRIA DA OCAL</b>	
<i>Sementes compartilhadas – uma experiência junto à OCAL</i>	
por Rita Andréa Alcântara de Mello (Brasil)	24
<b>A REPRESENTAÇÃO DOS ANALISTAS EM FORMAÇÃO BRASILEIROS</b>	
<i>Um percurso...</i>	
por Joselane A. Tenório Campagna da Silva (Brasil)	29
<i>Novos rumos e desafios da Associação Brasileira de Candidatos</i>	
por Miriam Altman (Brasil)	33
<b>A OCAL EM MOVIMENTO</b>	
<i>Correntes mexicanas</i>	
por Alejandra Uscanga Castillo (México)	39
<i>Correntes chilenas</i>	
por Juan Dittborn (Chile)	43
<i>Correntes brasileiras</i>	
por Carlos Cesar Marques Frausino e Christiane Paixão (Brasil)	47
<i>Correntes argentinas</i>	
por Luisa Pérez Suquilvide (Uruguai)	53
<i>Correntes peruanas</i>	
por Eduardo Llanos B. (Peru)	57

**DIÁLOGOS**

<i>Entrevista com Abel Fainstein</i> por Cecilia Moia e Osvaldo Canosa (Argentina)	61
<i>Entrevista com Fernando Orduz</i> por Carlos Cesar Marques Frausino (Brasil) e Luisa Pérez Suquilvide (Uruguai)	73
<i>Entrevista com Sergio Nick</i> por Carlos Cesar Marques Frausino (Brasil)	83

**TEMAS LIVRES**

<i>A Cadeira vazia – recortes de uma sessão psicanalítica de grupo</i> por Evelyn Prizant (Brasil)	89
<i>A língua que está na minha mão – especulações neurocientíficas e psicanalíticas sobre fantasia e realidade</i> por Petruska Menezes (Brasil)	95
<i>El todo y sus partes: el gran cuerpo del psicoanálisis</i> por Alejandra Uscanga Castillo (México)	103
<i>Édipo e luto em Melissa – um estudo</i> por Cynthia Peiter (Brasil)	111
<i>Más allá de las fronteras. El paciente “S” – algunos apuntes sobre el vínculo y la melancolía</i> por Eduardo Llanos (Peru)	121
<i>Era uma vez... O conto como possibilidade da criação de um espaço transicional entre a fantasia e o sonho</i> por Marília Silveira Modesto (Brasil)	127
<i>El psicoanálisis en nuestros tiempos</i> por José Galeano (Paraguai)	133
<i>El sobre que sobra</i> por Lila Gómez (Argentina)	137
<i>Detrás de los muros. Aproximación a mi práctica, como analista en formación, en un penal de mujeres</i> por María Julia Ardito (Peru)	143
<i>Realidade e ficções: a fotografia e seu uso na clínica</i> por Ana Maria Rosenzvaig (Brasil)	153
<i>Será que nascemos todos Pinóquios?</i> por Marta Maria Maud e Carla Cristina Bellodi (Brasil)	159
<i>Personalizar en América Latina</i> por Sylvia Martínez Moreno (Argentina)	165

## Editorial

A atual gestão da OCAL escolheu como slogan de trabalho: *Diversidad, Integración y (Des)Envolvimento. Psicoanalizar en América Latina*. Esse tema foi o norte para as ações da diretoria e da construção dessa Revista. Um conjunto de ideias que apontam para os diversos aspectos da formação, representação dos analistas em formação e balizam uma política de *transmissão da psicanálise entre pares*.

A América Latina é um continente marcado pelo forte dinamismo e diversidade cultural. Esse traço do continente está espelhado na revista. Os textos publicados mantêm os idiomas que foram escritos. A manutenção da diversidade idiomática foi uma das características da diretoria. Uma tentativa de integração para além das dificuldades inerentes à comunicação entre idiomas parecidos mas diversos.

Esse lema moveu a diretoria da OCAL para uma política e uma ética com o intuito de ser um *lócus* de troca de experiências clínicas e teóricas, por meio de ferramentas eletrônicas e pela presença da diretoria nos eventos dos analistas em formação.

Um dos nossos objetivos, que se deriva do lema de trabalho, foi a aproximação da Organização com os analistas em formação latino-americanos. Seja pela *promoção* de jornadas (Chile, México, Montevideu etc) ou pela *participação*, em eventos promovidos pelos candidatos, para os quais fomos convidados – no Brasil (Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Campo Grande etc), na Argentina (Córdoba, Mendoza, Rosário, Buenos Aires etc) e em outros países. Tais atividades estão retratadas na seção *OCAL em movimento*.

Na função ou no exercício de analista, cotidianamente, estamos interpretando, construindo, reconstruindo, desconstruindo. A seção *Um capítulo da história da OCAL* narra a construção da OCAL e sua relação com o movimento psicanalítico latino-americano.

A representação dos analistas em formação brasileiros diferencia-se dos demais países latino-americanos pela existência da Associação Brasileira de Candidatos – ABC, que aglutina e dinamiza as Associações de Candidatos dos Institutos de Psicanálise brasileiros. Esse tema é abordado no item *A representação dos analistas em formação brasileiros*.

A seção *Diálogos* é dedicada a um intercâmbio de ideias com Abel Fainstein, Fernando Orduz Gonzales e Sergio Eduardo Nick. Por fim, o item *Temas Livres* elenca trabalhos de analistas em formação apresentados no Congresso da OCAL, que apresentam reflexões sobre o *fazer psicanálise* na América Latina, por meio de artigos que tratam dos conceitos fundamentais da psicanálise, de temas associados à “psicanálise na rua”, do diálogo entre psicanálise e outras áreas do conhecimento e, por fim, de reflexões relacionadas à clínica psicanalítica.

Boa leitura!

O Editor



## Mensagem da presidente

### ***Semillero del Psicoanálisis***

Siempre me gustó la expresión: *semillero del psicoanálisis*, pues imagino por un lado la valentía que tiene una semilla al desprenderse de su origen y por el otro su condición de potencia. El campo que Freud dejó a nuestro cuidado nos hace sembradores, “*sembrando la divina llama*”, diría Aristóteles, a la vez que semilla, con su potencia transformadora

¿Pasará lo mismo en nuestra tarea institucional a la hora del trabajo en la transmisión del psicoanálisis? Freud a modo de gesto inaugural también nos legó una herramienta para que cada quien la ajuste a sus propia mano.

Con ese mismo espíritu, con esa misma pasión que marcó ese gesto inaugural freudiano es que desde OCAL nos planteamos el lema de nuestra gestión: “***Diversidad, Integración y Des-envolvimiento: Psicoanalizar en América Latina***”.

Pensar ciertas *dificultades* a la hora de poner en juego nuestro *quehacer* nos sitúa frente al interrogante: *¿qué hacer* ante los síntomas inherentes a nuestra formación? Descubrimos que trabajar “*entre pares*” germina y enciende las llamas del debate, pone en tensión lo diferente en mí con lo diferente del otro. Allí está la **diversidad**, donde lo singular transita entre los pliegues del discurso grupal.

Bajo la consigna de promover novedosos dispositivos recorrimos Latinoamérica proponiendo talleres de trabajo, con la idea de que el saber circule, y así evitar la centralización en un lugar único, desmarcándolo de la función de amo. Para que cada quien surja como uno más que piensa con..., generando efectos de **integración** que habiliten una operatoria en búsqueda de propiciar trama grupal y trazo singular, como proceso de elaboración psíquica.

Para finalmente estar en condiciones de desplegar, **des-envolvimiento**, nuevas capacidades de simbolización que enriquezcan nuestra permanente formación como la expresión más definida de nuestra práctica.

Con esta experiencia corroboré una vez más que la eficacia de los grupos de trabajo consiste en crear lugares de intersección, en donde el encuentro polifónico de discursos trate de mantener, a la vez, el aspecto de alteridad, así como el de su identidad común. Ese es el desafío en el marco de **Psicoanalizar en América Latina** ¡Que desafío! Pues a poco andar la frase y su geografía, sobrevienen los ecos del problema de la identidad Latinoamericana, su historia, su pensamiento psicoanalítico o la historia de su pensamiento psicoanalítico, con sus bemoles y tensiones, sus posturas políticas y cambios teóricos. El pensamiento no tiene fronteras pero ciertamente la identidad asumida habilita un pensar libre, abierto y, a la vez, propio, singular. La tradición cultural latinoamericana es un legado denso y complejo, por momentos problemático, del cual la práctica psicoanalítica no queda exenta.

Por eso, la tarea de *trabajar psicoanalíticamente los temas institucionales y de la formación* fue una idea primigenia que hasta hoy me causa.

Desde OCAL pensamos que el tiempo de la formación es, ante todo, permanente, no concluye con el egreso de un Instituto. Todos somos analistas en formación, algunos somos candidatos a una membresía, propuse. El tiempo de formación es el que los analistas nos damos ante nuestros maestros y entre nosotros, cuando nos exponemos entre pares, en una publicación, en un trabajo teórico, en la presentación de un material clínico.

Entonces, no se trata de cuestionar un modelo de formación, sino de interrogarnos sobre nuestra formación. La pasión del ser analista es agitar nuestra experiencia viva, aquella que intenta aprender del paciente y de nosotros mismos en esa posición, en dónde a través del síntoma, lugar de transacción diría Freud, progresamos a través del yerro (herrar).

¿A qué llamo yerro? A los tropiezos. En mi país versa un refrán que dice “*un tropezón no es caída*”, pero creo que para el psicoanálisis, cuando tropezamos con una formación del inconsciente algo cae, se desliza, se devela, se descubre. Y es a través de ese tropiezo como se alcanza una verdad, y esa verdad no se integra o se hace consciente hasta que no se opere, en análisis, en transferencia y en el trabajo con nuestras propias resistencias. Apliquemos eso hoy a nuestro trabajo en la formación.

Cuando pienso estos casi dos años de trabajo en OCAL, los imagino como una travesía por ríos sinuosos, con sobresaltos pero también con momentos de júbilo, recreando cada vez el desafío de la transgresión que deviene en acto instituyente. No perdamos el espíritu subversivo del psicoanálisis.

“*La tarea entre pares convoca y provoca el deseo*”, propuse. Convoca a que una agrupación devenga en grupo de trabajo y provoca el deseo de hablar a otro, y esto es el fundamento de la dialéctica de la palabra, entonces el lazo entre los significantes se hace *lazo social*, donde la producción y la creación resultan una forma posible, de bordear el Malestar. Una existencia desanudada produce vacío, tejer lazos con “otros”, produce ligadura, pulsión de vida, quiebra la ilusoria idea de lo único.

Pero no todo se puede, no todo puede hacerse, ni decirse, siempre hay un resto que falta, que queda inconcluso, siempre hay corte, siempre hay sutura. ¿Continuidad o disolución? ¿Ser o no ser? esa es la cuestión. En todo caso plantearía una dialectización de ambos términos. El grupo cambia continuamente de tarea. Va de la mano de la idea de discontinuidad. La legalidad de un grupo no está en el proyecto de hacer, sino en el hacer mismo. Hoy OCAL y sus representantes mantienen ese desafío.

En este sentido, y para los que siguen sembrando, pienso en los inicios de Freud y formulo un deseo: que en su devenir las futuras generaciones prosigan con la dignidad acorde a aquellos inicios; vale decir, junto al pensamiento más avanzado de nuestra época. Es lo que aspiro del psicoanálisis de mi tiempo y del tiempo por venir.

Mi profundo agradecimiento a toda la Directiva de OCAL, compañeros de siembra, que cada terça-feira asumieron la aventura y el compromiso de la tarea. También a la fratria de amigos y colegas latinoamericanos que a lo largo de los viajes me alojaron y con quienes también supimos plantar e intercambiar semillas. De todos he recibido marcas, las que propician, las que habilitan. Me haré cargo de esa transmisión, avanzando, llevando lo recibido a su límite.

Un abrazo!

*Cecilia Moia*<sup>1</sup>

Presidente da OCAL (Gestión 2012-2014)



# **à guisa de introdução**



## Pertenecer a OCAL: “OCAL somos todos”

*por Carmen Cuenca<sup>1</sup> (México)*

*y Osvaldo Canosa<sup>2</sup> (Argentina)*

En principio podemos pensar que pertenecer es algo bueno, y más si lo asociamos con el lema publicitario de una conocida tarjeta de crédito que, si bien no es la N° 1 es la de los mejores. Pertenecer tiene sus privilegios...

Asociaciones de humor libre aparte, pertenecer implica compartir algo, no necesariamente material sino fundamentalmente simbólico que sirve como apuntalamiento a nuestra identidad. En el caso de la tarjeta de crédito, ella apuntala nuestra identidad de consumidores; OCAL apuntala (así lo esperamos) nuestra identidad de analistas en formación.

Por medio de OCAL, puedes tener la oportunidad de acudir a encuentros regionales e inter-regionales, al pre-congreso; exponer trabajos teórico-clínicos, presentar material clínico para ser discutido entre pares y también con analistas reconocidos. Por supuesto en esos eventos contarás con el apoyo de otros amigos candidatos que podrán hospedarte a fin de facilitar tu estancia. En estos encuentros puedes conocer las diferencias y similitudes en relación a la formación, a las dificultades que en la vida misma, todos sorteamos en el devenir analistas. Sobre todo podemos hacer amigos en distintos países y ciudades, que seguramente serán caminantes con los que nos reuniremos en distintos puntos siempre como colegas, en eterna formación, que vivimos la pasión del psicoanálisis...

Otros beneficios de pertenecer a OCAL son, las becas para acudir y presentar trabajos a jornadas o al pre-congreso. También podrás acceder al premio OCAL, que premia a los tres mejores trabajos que se presenten en el pre-congreso. Por supuesto la premiación incluye la publicación de los trabajos en la revista TRANS/FORMACIÓN, la ya tradicional revista que OCAL presenta en cada Pre-congreso.

Obviamente pertenecer implica participar de la puesta en marcha de nuevos proyectos como la página web y la publicación de una revista online con el objetivo de que todos los Candidatos de Latinoamérica tengan la posibilidad de publicar sus trabajos y de ese modo acercarse de manera más fluida, rápida y eficaz a la producción de otros colegas.

Perteneciendo a OCAL puedes obtener el beneficio de las publicaciones cruzadas: es decir, puedes enviar un artículo para ser publicado en revistas de los distintos claustros de Latinoamérica, de esta forma tu trabajo cuenta con difusión internacional y todos nos enriquecemos accediendo a diversas perspectivas.

---

1 Asesora de OCAL, APG. mc\_cuenca@hotmail.com

2 Secretario de OCAL, APA. osvaldocanosa@yahoo.com.ar

Recuerden. OCAL es la Organización de Candidatos de América Latina. Es el lugar simbólico en donde convergen los analistas en formación de América Latina que responden a las exigencias de formación (el trípode) que propone IPA, y FEPAL acepta.

*En definitiva, OCAL somos todos*, pues formamos parte de una agrupación que busca crear los dispositivos de intercambio entre pares de producciones psicoanalíticas y afectivas, en presencia y desde ahora, virtualmente.

## Representação e pertencimento

por Christiane Paixão<sup>1</sup>

Ao longo dos anos, vem sendo acrescido ao conhecido tripé da formação analítica um quarto eixo, a participação dos analistas em formação (candidato) na vida institucional.

Ingressar em uma instituição psicanalítica, por si só, não garante o sentimento de pertencimento. A instituição garante um lugar, mas não uma autoridade. Dizendo de outra maneira, o ingresso na formação analítica coloca em marcha o necessário movimento em direção à construção de sua identidade analítica. E essa construção é perpassada também pela relação com os pares, tanto no que nos aproxima como naquilo que nos diferencia. Desde a perspectiva de analistas em formação, muitos de nós está vinculado a grupos/associações em seus próprios institutos ou fora deles, que têm a função de nos representar.

A Organização dos Candidatos da América Latina (OCAL) é uma dessas organizações que se propõe a congregar colegas em formação analítica, de diferentes nacionalidades, em torno da psicanálise. Uma das grandes perguntas com que nos defrontamos é por que participar da OCAL, da associação de candidatos local ou da Associação Brasileira de Candidatos (ABC)? Lembrando que os brasileiros são os únicos na América Latina que têm uma organização de membros que congrega todos os candidatos brasileiros. Em qualquer outro país da América Latina, isso não existe.

Criamos instituições ou organizações porque necessitamos delas.

Necessitamos trocar com nossos pares, necessitamos conhecer outras realidades, também necessitamos encontrar no grupo de iguais um escoadouro para nossa angústia, advinda do próprio ofício de analista e da construção da nossa identidade de analistas. Com o tempo, fomos descobrindo a importância fundamental desse quarto eixo da formação analítica, que é relação com a Instituição. Os colegas que nos precederam já o sabiam, por isso criaram e sustentaram nossas organizações e cabe aos que vêm vindo fazer o mesmo.

*Tradicionalmente, as associações de candidatos têm a função de representar seus membros junto ao Instituto ou a outras associações, como porta-voz de suas reivindicações. A esse papel político, acrescentamos o de criação e manutenção de um espaço privilegiado de continência onde as suas vivências emocionais possam ser elaboradas através do pensar juntos. Esse holding, apoiado na fratria, acolheria e estimularia a participação mais ativa, articulando raízes e bases para o posterior sentimento de pertencer à IPA. (Rodrigues, A. et alli, 2007).<sup>2</sup>*

1 Representante do Brasil na OCAL, SBPdePA. cv.paixao@hotmail.com

2 Rodrigues, A. et alli (2007) O candidato e a instituição psicanalítica: um quarto eixo na formação analítica? Porto Alegre, Revista da SBPdePA, Nº 1.

A OCAL vem trabalhando nesse sentido, criando espaços de troca entre colegas, favorecendo a participação e, acima de tudo, estimulando que a fratria tenha um papel fundamental no desenvolvimento desse analista. Somos candidatos a um desejo: desejo de sermos analistas e sustentarmos, junto aos nossos analisandos, a transferência. Também somos candidatos à IPA, a pertencermos a essa grande fratria criada por Freud, que alberga analistas de diferentes filiações transferenciais e teóricas, sua maior riqueza.

Nessa linha, lembro-me de uma lenda contada por Virginia Bicudo, psicanalista fundadora da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPB), descrita no jornal da entidade, que pode servir como uma interlocução para pensarmos nossa relação com as instituições e, fundamentalmente, com a psicanálise.

Conta a lenda que os habitantes de uma pequena cidade da Europa, famosa pela intensa produção de leite, preparavam-se para receber a honrosa visita do Rei. O líder do lugar propõe que cada produtor coloque cinco litros de leite no reservatório da fonte da cidade, para que, quando o Rei chegasse fosse surpreendido ao ver a fonte jorrando leite. Quando o ilustre visitante chegou, a expectativa era enorme. Qual não foi a decepção quando da fonte jorrou água! É que cada um, na hora de colocar o leite, pensou: se os outros vão colocar leite, eu posso colocar água que não fará diferença.

Somos, todos, produtores de leite nessa nossa aldeia local/global. Desde aqueles que começam a dar os primeiros passos nos caminhos da psicanálise, passando pelos que trazem consigo uma grande bagagem, e ainda há aqueles que se sentem em final de jornada.

Nessa direção, perguntamos qual a relação que cada um estabelece com a psicanálise, estando em que parte do caminho estiver. Se somos analistas em permanente construção, ninguém poderá se furtar de examinar qual sua relação com a psicanálise e com o seu ofício de analista. Leite ou água, com o que alimentamos a fonte? Ou em nome de que/quem o fazemos?

O caminho de construção de um analista passa, necessariamente, pela transferência vivida na sua própria análise e na relação com seus pares e espera-se que, ao longo desse processo, o analista sofra aquelas transformações subjetivas necessárias para saber fazer, com o próprio inconsciente, sustentando assim, sua posição de analista.

Finalizo com as palavras de Mariano Horenstein, quando dizia que somos tributários de uma tradição a qual devemos saber preservar, como um fogo que não pode ser apagado e que passa de geração a geração.

# **um capítulo da história da OCAL**



## Sementes compartilhadas – uma experiência junto à OCAL

por Rita Andréa Alcântara de Mello<sup>1</sup>

Foi com imenso prazer que recebi o convite de Carlos Frausino, atual editor da revista, para escrever sobre minha vivência na presidência da OCAL (gestão 2010-2012). Escrever sobre uma experiência significativa sempre é muito bom, pois me fez refletir, de uma forma mais amadurecida, sobre algo já sedimentado, mas que ainda permanece muito vivo.

Iniciei minha formação no Instituto da SBPSP – Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo – em fevereiro de 2008. Coincidência ou não, a minha primeira participação em um congresso internacional, como membro filiado, ocorreu em setembro do mesmo ano, em Santiago, no Congresso da FEPAL. Tudo era novo e muito estimulante e, até aquele momento, não tinha ideia de como a psicanálise na América Latina era viva, pulsante e forte.

Apesar dos idiomas distintos e de alguma dificuldade na comunicação, percebia o enorme esforço para que a integração fosse amistosa e muito calorosa, mas o que verdadeiramente me chamou a atenção, e que me tocou profundamente, foi presenciar a paixão pela psicanálise e o compartilhamento desse sentimento entre os colegas presentes no congresso.

Lembro-me que participei intensamente das atividades: discussões no pré-congresso da OCAL, cursos, oficinas e palestras; mas confesso que o mais esperado eram os encontros de confraternização, apesar da ausência dos brasileiros. Esses momentos eram de troca de experiências sobre a formação – de poder compartilhar dificuldades, conhecer diferenças, reivindicações e, logicamente, ampliar as amizades.

A experiência de “intercâmbio” com os colegas latino-americanos tinha despertado um interesse muito grande sobre o funcionamento das instituições psicanalíticas. A experiência foi tão positiva que fiquei motivada a iniciar minha participação junto à AMF - Associação dos Membros Filiados do Instituto Durval Marcondes, da SBPSP, e esse movimento foi crescente na vida societária da instituição.

No início de 2010, soubemos que o futuro presidente da FEPAL seria Leopold Nosek. A Associação dos Membros Filiados recebeu a solicitação para que escolhêssemos um representante para assumir o cargo de presidência da OCAL (esse cargo é estipulado por estatuto – o presidente da FEPAL e da OCAL, necessariamente, são da mesma sociedade/instituto que sediará o congresso do próximo biênio). Após algumas reuniões

<sup>1</sup> Membro Filiado do Instituto de Psicanálise Durval Marcondes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Presidente da OCAL (gestão 2010-2012). raamello1@terra.com.br

da associação, fui indicada como representante da AMF para assumir o cargo. Não houve outro candidato para concorrer à vaga. Antes de chegar a Bogotá, tive algum tempo para assimilar o desafio e talhar as primeiras ideias sobre a representação. Mas o que continuava certo, e me acompanhava desde Santiago, era o estímulo recebido pela vivência no Chile e o desafio de inserir os candidatos brasileiros junto à OCAL.

Tinha a noção de que teria muito trabalho, mas uma confiança enorme que tudo daria certo. Fiz o convite aos colegas que trabalhariam comigo nos dois anos seguintes e sempre compartilhei com eles da nossa “sorte” nessa escolha; afinal, nos conhecemos e travamos os primeiros contatos somente durante os quatro dias do congresso na Colômbia. Não tivemos um contato anterior e muito menos tempo para traçarmos um esboço de planejamento para uma maior organização ou um direcionamento para a nossa gestão. Tudo era muito rudimentar e impreciso (uma crítica que desenvolvi nesse período e, principalmente, no momento de transmissão de cargo, foi que poderíamos nos aproximar do formato utilizado pela IPSO (International Psychoanalytical Studies Organization) – um sistema mais consistente que determina uma continuidade do trabalho realizado pela gestão anterior. Talvez, inclusive, seja algo para se discutir/pensar para as próximas gestões e viabilizar a possibilidade ou interesse de implantação de tal sistema dentro da OCAL.

Retornei ao Brasil com muitas ideias em mente e pronta para dar conta de todo o trabalho que estava por vir com a ajuda da diretoria da OCAL. Sabia que seria um desafio enorme, mas a disposição e o carinho como conduzíamos as atividades dominavam os receios e incertezas, e o grupo seguiu, durante os dois anos de trabalho, muito unido, dinâmico, fértil e fraterno.

Na primeira reunião com a diretoria, compartilhei o desejo de, literalmente, dividir o gerenciamento da representação com todos e propus que a OCAL fosse separada por regiões. Acreditava que, assim, poderíamos, de uma forma mais eficaz, estabelecer um contato mais próximo com os candidatos latino-americanos.

Inicialmente, o grupo foi composto por Jean Marc Tauszik (Venezuela), Carmem Cuenca (México), Luisa Acrich (Argentina) e Fernanda Bertua (Uruguai) - onde cada um responsabilizou-se por um subgrupo. Jean Marc ficou responsável pelos institutos da Venezuela, Peru e ILAP – Instituto Latino-Americano de Psicanálise; Carmem, com os institutos do México e da Colômbia; Luísa, com os institutos argentinos; Fernanda, com Uruguai e Chile; e eu, a única que falava português, assumiria os institutos brasileiros. Dessa forma, todos estavam envolvidos e com responsabilidades semelhantes (acredito que esse foi o diferencial e o motivo principal que uniu o grupo em um trabalho afinado e muito colaborativo).

Essa forma de trabalho facilitou um levantamento dos candidatos na América Latina com a ajuda das secretarias dos institutos e das sociedades ligadas à FEPAL, e conseguimos chegar muito perto de um mapeamento acurado dos analistas em formação. Tínhamos um número muito aproximado de candidatos (lembrando que há uma variação mensal em decorrência da passagem de candidatos para membros associados e da entrada anual de candidatos novos nos institutos), além disso, tínhamos o conhecimento

da metodologia utilizada pelos institutos para a formação dos seus candidatos (currículo, seminários obrigatórios, tempo e número de sessões para a análise didática, supervisões, relatórios etc.), além de outros dados para a realização de qualquer pesquisa que fosse necessária. Sabíamos como era a formação psicanalítica na América Latina e tínhamos dados sobre as dificuldades e reivindicações dos candidatos.

Mas a pergunta que surgia era: o que fazer com todos esses dados? A ideia que realmente motivou e permeou toda nossa gestão era favorecer uma maior integração entre os candidatos dos vários institutos para favorecer o intercâmbio e o fortalecimento da psicanálise em nosso continente. Dessa forma, essas diferenças seriam compartilhadas e poderíamos proporcionar um “autoconhecimento” sobre a formação psicanalítica na América Latina.

Lembro-me que a primeira visita realizada pela OCAL no Brasil foi com os representantes dos três institutos do Rio Grande do Sul e, logo em seguida, com os representantes dos quatro institutos do Rio de Janeiro e, para a nossa surpresa, os candidatos dessas duas cidades nunca tiveram a oportunidade ou interesse de realizarem atividades de intercâmbio, encontros ou jornadas entre candidatos. Constatamos que a única possibilidade para a realização desses encontros ocorria somente nos congressos! Esse fato motivou ainda mais a realização de encontros regionais brasileiros e em outros países do continente. Mas uma pergunta que nos permeou nesse momento foi: “Não havia motivação ou era o contexto de diferenças históricas que impedia tal aproximação entre institutos?” Aproveitamos para deixar as rugas no passado e proporcionarmos novas possibilidades para os psicanalistas em formação.

Verificamos que, no México, ocorria a mesma situação e realizamos a primeira Jornada na sede da APM (Associação Psicanalítica Mexicana), em março de 2012, com a presença de candidatos de todos os institutos daquele país. Atualmente, as Jornadas de Candidatos mexicanos tornaram-se anuais. Acredito que nossa semente caiu em terreno fértil e, aos poucos, fomos observando que o nosso objetivo se concretizava. Seguíamos como exemplo a integração dos institutos argentinos, onde há encontros anuais entre os analistas em formação das seis sociedades psicanalíticas ali existentes.

A semente rendeu bons frutos e a consequência foi que muitas representações locais de candidatos “começaram a andar pelas próprias pernas”. Atualmente, organizam-se sem a presença de uma representação maior. Conseguiram se fortalecer e reconhecer a necessidade do intercâmbio entre os candidatos de diferentes institutos de seus países.

A diretoria da OCAL manteve-se unida e fértil durante todo o percurso, tão fértil que Fernanda Bertua retirou-se para dar a luz e, nesse momento, tivemos a importante contribuição de Osvaldo Canosa, da Argentina, para nos auxiliar com a edição da Revista OCAL.

Todos esses acontecimentos estimularam o grupo e ainda tivemos fôlego para prepararmos a *Jornada Sul*, em Montevideu, e a *Jornada Norte*, no Panamá, com os colegas do ILAP, na América Central.

O fôlego não terminava, e continuávamos marcando presença assídua junto aos candidatos. Na Argentina, participamos da Jornada dos Analistas em Formação, em

2011 e 2012. No Brasil, tivemos a oportunidade de trabalhar com a ABC (Associação Brasileira de Candidatos) e a IPSO e, juntos, elaboramos as **Jornadas de Candidatos** da *Sociedade Psicanalítica de Brasília* – reunindo os colegas da região central do Brasil; a Jornada do Instituto da *Sociedade Psicanalítica de Recife*, onde conseguimos reunir os colegas dos grupos e núcleos de estudos psicanalíticos da região Nordeste; a Jornada dos Candidatos, no Instituto da *Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro*, onde estiveram presentes os candidatos das quatro sociedades da cidade; a Jornada no Instituto da *Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, onde reunimos os colegas dos três institutos do sul do Brasil. Realizamos também a Jornada com os colegas do *Grupo de Estudos Psicanalíticos de Belo Horizonte* e, finalmente, a Jornada do Instituto da *Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo*, em parceria com a Associação de Membros Filiados.

Foi um trabalho árduo, mas colhemos os frutos no pré-congresso da OCAL, em São Paulo.

Durante a preparação do pré-congresso, houve certa tensão no grupo, pois administrar os problemas de organização e divulgação não era uma tarefa fácil. Além disso, tínhamos que gerenciar o recebimento e a escolha de muitos trabalhos; a formatação da revista; os problemas de cronograma; a edição, com a editora, devido aos idiomas (português e espanhol); convites aos palestrantes; a organização do jantar; a administração financeira; e muitos outros problemas ligados à organização de um congresso. Detalhes que não podiam ser esquecidos para recebermos todos os colegas e fecharmos a nossa gestão com “chave de ouro”. Tudo isso exigiu demais de todo o grupo. Felizmente, contei com a ajuda de colegas do Instituto de São Paulo para poder dar conta de todo o trabalho na organização da Revista, o que me aliviou na administração do restante do pré-congresso.

No dia da abertura do Congresso da FEPAL, o número de candidatos presentes superou nossas expectativas. Reencontramos candidatos de todo o continente, inclusive da primeira turma do Núcleo Psicanalítico do Paraguai. Na plenária de abertura, tínhamos a presença de Stéphano Bolognini, atual presidente da IPA, Claudio Eizerik, ex-presidente da IPA e Marcelo Vinãr, que discutiram assuntos relacionados à formação psicanalítica e ao futuro da psicanálise na América Latina. Nas mesas, os trabalhos conversavam entre si e geraram boas discussões. Houve distribuição de prêmios para os melhores trabalhos e o jantar de confraternização no *Instituto Tomie Ohtake*, um importante centro cultural da cidade de São Paulo. Enfim, estávamos presenciando a realização de um sonho e também o término de um ciclo.

Hoje, olho para trás e reconheço que o esforço foi imenso, estávamos tão envolvidos que não tínhamos noção do volume das tarefas. Orgulho-me muito do trabalho realizado pela diretoria da OCAL e acredito que fomos “fisgados” por um *amor compartilhado e incondicional pela psicanálise*. Estávamos totalmente apaixonados!

Lembro-me da última reunião dessa diretoria - todos estavam muito emocionados, principalmente eu. Emocionada pelo fim de uma gestão, pelo fim dos nossos encontros semanais via *skype*, pelos planos que ainda poderiam vir. Mas, ao mesmo tempo, muito orgulhosa pelas conquistas, pelo que havíamos construído, pelo andamento do grupo,

pelos laços que havíamos desenvolvido, pelas amizades que havia conquistado, mas, principalmente, pelo meu amadurecimento profissional. Foi uma experiência muito rica e muito construtiva, ajudou-me a ver a psicanálise com um olhar mais amplo. Foi muito enriquecedor. *Foi apaixonante!!*

E querem saber? Se precisasse, faria tudo de novo!

Aproveito para agradecer a todos meus amigos incansáveis, apaixonados e apaixonantes da diretoria da gestão 2010/2012: Jean Marc, Carmen, Luiza, Fernanda e Osvaldo; aos colegas que nos receberam em suas casas e institutos e, principalmente, os amigos de São Paulo que me ajudaram na escolha dos trabalhos para a *Revista OCAL* e também na organização do pré-congresso OCAL. Agradeço a todos que tiveram a intenção de unir e compartilhar esse amor incondicional pela psicanálise.

Muito obrigada!



# **a representação dos analistas em formação brasileiros**



## Um percurso...

por Joselane A. Tenório Campagna da Silva<sup>1</sup>

*“A maior riqueza do homem é sua incompletude...”*

Manuel de Barros

Inicialmente, gostaria de agradecer a atual diretoria da OCAL pelo espaço concedido à ABC – Associação Brasileira de Candidatos, espaço que ocupo para fazer um depoimento da minha participação nesta associação, contando como se deu esse percurso.

Como o objetivo deste relato é deixar um registro, citarei colegas brasileiros que estiveram ligados à ABC, pois quero deixar ressaltado, desde as primeiras linhas, que o trabalho nas organizações de representação de candidatos deixa, na construção do vir a ser analista, a marca da participação efetiva do outro.

Resido em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, na região Centro-Oeste. O instituto de psicanálise a que pertenço faz parte da SPMS [Sociedade de Psicanálise de Mato Grosso do Sul], sociedade que tem cerca de 20 anos de existência. Entre todas as atribuições da formação, recebi o convite para representar meu grupo de candidatos junto à ABC, instituição que eu não conhecia na época, mas que fora muito bem recomendada por colegas candidatos mais antigos. Recebi as primeiras comunicações via e-mail e me deparei com uma sensação muito gostosa, pois sentia naquelas comunicações muito entusiasmo. Poder me comunicar com outros candidatos de regiões tão distantes, pessoas que também estavam passando pela mesma experiência que eu.

Nessa época, a diretoria da ABC estava no Rio Grande do Sul, durante a gestão do biênio 2008/2009. As diretorias da ABC são eleitas a cada dois anos e migram pelas regiões. Em um esforço de integração, os colegas gaúchos conseguiram reunir um candidato de cada instituto do Brasil, em um fim de semana, em Porto Alegre, possibilitando, assim, estar em contato pessoalmente com colegas que se comunicavam apenas por e-mail, discutindo sobre formação psicanalítica, trocando ideias, falando sobre psicanálise. Foi extraordinário! Pude experimentar o que o Eduardo Brod Mendez, presidente da ABC, escreveu naquele momento: “Penso que criar e manter um espaço próprio para candidatos, onde possam ser cultivados aspectos específicos dessa categoria, é muito saudável.” (Mendéz, 2009, p.19)

---

<sup>1</sup> Analista em formação do Instituto de Psicanálise da Sociedade de Psicanalítica de Mato Grosso do Sul (SPMS), ex-presidente da ABC (gestão 2012/2014). joselaneacampagna@hotmail.com

Voltei para minha cidade muito entusiasmada, me sentindo acompanhada e pertencendo a uma “rede disponível”, um espaço para pensar, refletir e questionar. Quero, aqui, chamar a atenção para esse aspecto da participação nas organizações de candidatos, o sentimento de pertencimento que nos invade quando em contato com nossos pares, principalmente entre pares no período de formação psicanalítica, que vivemos sentimentos tão singulares.

Na ABC, além da diretoria, composta por presidente, vice-presidente, secretário e tesoureiro, são eleitos cinco conselheiros das diferentes regiões, com o objetivo de que todo o país esteja representado. Fui eleita conselheira consultiva na gestão 2010/2011, com sede em Ribeirão Preto, cargo que me aproximou muito do funcionamento da ABC, estreitando mais meu contato com os colegas de todo Brasil. A gestão de Ribeirão Preto deu continuidade ao projeto Construções, iniciado pela gestão anterior, de reunir em um livro as produções dos candidatos brasileiros. Para a edição do livro, era solicitado um trabalho que representasse cada um dos institutos. No meu instituto, pensamos em escrever um trabalho a muitas mãos, cinco autoras. Nessa ocasião, pude conhecer colegas que estavam no início da formação e estreitar maior contato com colegas que já conhecia.

Quando da notícia de que o Congresso Brasileiro de Psicanálise se realizaria em Campo Grande e que seria interessante ter a sede da ABC em nossa cidade, para viabilizar a organização das atividades dos candidatos durante o congresso, e, também, como tínhamos trabalhado na confecção do trabalho para o livro Construções II, eu e três colegas – Deise Comparin, Thalita Gabínio e Odete Koltermann – nos animamos a compor a diretoria da ABC gestão 2012/2013.

Penso que a experiência vivida na elaboração do trabalho para o livro Construções II viabilizou nosso desejo de continuarmos as vivências que o encontro entre pares provoca e iniciamos, então, nossas atividades. Dentre os muitos objetivos de nossa diretoria da ABC, estavam os seguintes: congregar e promover a maior integração possível entre os psicanalistas brasileiros em formação e representá-los mantendo contato com as instituições ligadas a psicanálise nacionais e internacionais. Nosso maior esforço de efetivar e manter a comunicação da associação com os candidatos brasileiros e estar em contato permanente, em um país de grande extensão territorial como o Brasil, foi realmente um desafio! Uma solução encontrada para viabilizar a comunicação foi a elaboração de boletins informativos enviados aos colegas bimestralmente, encontros regionais e um encontro nacional.

Nesses encontros, trabalhamos sempre em parceria com a OCAL e a IPSO [International Psychoanalytical Studies Organization]. O contato com essas organizações de representação internacional possibilitou a expansão de nossas fronteiras, como, por exemplo, participando das jornadas promovidas pela OCAL, no Panamá e no Chile. Nos encontros, pudemos trocar experiências, apresentando trabalhos teóricos-clínicos. Sempre que voltava desses eventos renovava os sentimentos de pertencimento, entusiasmo e consolidação de minha função analítica.

*[...] O psicanalista se constrói diariamente na relação com seus pacientes, com o seu analista e seus pares; constrói-se de matéria viva, que alimenta nossas mentes e deve ser reinventada ininterruptamente. O resultado efetivo das experiências emocionais que nos deparamos no caminho da formação nos impulsiona à lapidação do nosso mundo mental, que se constitui como nosso bem mais precioso. Nesta caminhada o psicanalista mítico torna-se humano, ganha carne, osso, suor, sentimento; torna-se o que precisa ser para acompanhar outro alguém em sua trajetória: gente.<sup>2</sup>*

Outro desafio na função de presidente da ABC era fazer com que as decisões tomadas pela diretoria representassem os candidatos com um todo e não o que um grupo ou aquela diretoria pensava apenas. Parece muito simples dizer que sabíamos que representávamos todos os candidatos, mas o contato com diferentes grupos, identificações muito positivas e outras hostis, nos colocaram em contato com a diversidade que, no primeiro momento, aguçava nosso narcisismo, a reflexão e a lembrança permanente de que “...onde se ganha qualidade humana é na diversidade”<sup>3</sup> nos ajudou muito e nos incentivou.

Já assisto, muito feliz, que a gestão atual, com sede em São Paulo, está trabalhando arduamente para a continuidade desse espaço tão saudável e importante para os candidatos brasileiros.

Finalizo deixando o testemunho que o trabalho nas organizações de representação nos enriquece pessoal e profissionalmente.

### **Referências**

Associação Brasileira de Candidatos. (2009). *Construções*. Porto Alegre: Associação Brasileira de Candidatos.

Associação Brasileira de Candidatos. (2011). *Construções II*. Ribeirão Preto: Associação Brasileira de Candidatos.

---

2 Torrano (2011, p. 17) que está no *Construções* (2011).

3 Campos (2009, p.29) que está inserido no *Construções* (2009).



## Novos rumos e desafios da Associação Brasileira de Candidatos

por Miriam Altman<sup>1</sup>

Este convite para falar dos objetivos e desafios da Associação Brasileira de Candidatos (ABC) me leva a lembrar da nossa eleição. Gostaria de fazer uma breve contextualização das condições em que ela ocorreu em setembro passado, no congresso de Campo Grande, recordando que foi a segunda vez na história da ABC em que haviam concorrido duas chapas. Esse fato nos pareceu interessante no sentido de mostrar um envolvimento maior dos candidatos nas questões institucionais. O processo de concorrer à eleição foi motivo de nos mobilizarmos, conhecermos as colegas em Campo Grande e começarmos a pensar no nosso programa de trabalho. Quando resolvemos assumir esta responsabilidade, percebemos que estávamos abraçando algo que envolveria bastante dedicação e muitas horas de estudo e reuniões.

Outro fato importante é o de que nossa diretoria se baseou em que cada uma de nós já havia tido alguma experiência institucional, seja aqui na nossa sociedade ou em outras instituições. Tivemos um período de intenso trabalho e pudemos formar um grupo colaborador entre si. Juntamos nossos esforços no sentido de formar uma equipe unida, onde cada uma poderia colaborar com uma experiência diferente. Contribuir com alguma qualidade para acrescentar aos nossos objetivos nesta nova fase da associação era fundamental naquele momento, mas, na verdade, trabalhar em grupo tem sido para nós um grande desafio.

Vou procurar descrever sucintamente a função da ABC e nossos objetivos, pois acho importante ressaltar alguns aspectos relevantes:

A Associação Brasileira de Candidatos é uma entidade representativa de todos os candidatos dos Institutos das Sociedades, Núcleos e Grupos de Estudos ligados à International Psychoanalytical Association (IPA).

Fundada em 1993, é uma sociedade civil sem fins lucrativos e tem por objetivo congregar e promover a maior integração possível entre os psicanalistas brasileiros em formação, representando-os junto a organizações internacionais congêneres e buscando o aprimoramento da formação psicanalítica nas sociedades filiadas à IPA.

A diretoria da ABC, atualmente localizada em São Paulo, é composta por quatro associados - presidente, vice-presidente, secretário e tesoureiro - eleitos em assembleia geral para um mandato de dois anos, sem renovação. A eleição ocorre durante o Congresso Brasileiro de Psicanálise ou extraordinariamente fora deste período, desde

<sup>1</sup> Presidente da Associação Brasileira de Candidatos, gestão biênio 2014-2015. Membro do Instituto de Psicanálise Durval Marcondes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. miriam@miriamaltman.psc.br

que respeitadas as normas do estatuto, o que já pode ser visualizado no nosso site. Temos também uma página no Facebook que possui uma comunicação direta com nosso site. Conseguimos colocar links tanto no site da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) quanto no da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, fato importante que facilita nossa comunicação.

Em todos os institutos de sociedades psicanalíticas, núcleos e grupos de estudos, existem representantes da ABC, que formalizam o contato com a diretoria e fazem esta comunicação com os candidatos das diversas instituições brasileiras. Hoje, no Brasil, existem 11 sociedades, cinco grupos ligados à IPA e oito núcleos de psicanálise em desenvolvimento, ligados a estas sociedades e grupos.

Representada pelo seu presidente, a ABC participa de todas as reuniões de delegados da Febrapsi, inclusive no Congresso Brasileiro de Psicanálise. Desde 1995, a ABC trabalha com os analistas didatas na organização do pré-congresso didático, que antecede o Congresso Brasileiro realizado a cada dois anos. A participação da ABC é uma conquista que vem ampliando o espaço destinado aos candidatos nas discussões das questões relacionadas à formação psicanalítica.

Com o intuito de estimular a produção científica dos candidatos, a ABC criou o “Concurso Virginia Bicudo”, cujo prêmio é entregue durante o Congresso Brasileiro ao melhor artigo relacionado ao tema do congresso.

Nas últimas gestões, foram também publicadas três edições do livro *Construções*, uma iniciativa muito importante que reúne as publicações de artigos de candidatos de diferentes estados brasileiros. Reconhecemos o trabalho importante das gestões anteriores e acreditamos que cada uma contribuiu com algum aspecto, deixando sua marca.

Na nossa gestão, daremos continuidade a estes trabalhos que já vêm sendo desenvolvidos. E demos especial atenção ao site para dar uma maior visibilidade à ABC, assim como para melhorar a comunicação entre nós.

Alem da nossa função e participação na formação, acreditamos ser uma tarefa importante da ABC ajudar a fortalecer a Associação de Candidatos em núcleos e grupos que ainda estão iniciando. Nesse sentido, iniciaremos nosso trabalho indo a Goiânia para fazer o primeiro encontro regional no Centro-Oeste, neste grupo que inicia a sua primeira turma este ano.

Sendo o Brasil um país de extensões tão vastas, sabemos como é difícil manter viva a comunicação entre nós. Nos últimos anos, a ABC vem promovendo e estimulando atividades que propiciem a troca de ideias entre candidatos de todo o Brasil, realizando encontros regionais com representantes dos candidatos, participando de eventos nas diversas sociedades, grupos e núcleos e criando meios de difusão de ideias e debates.

Consideramos que, na gestão de uma organização que abarca um espaço continental como o do Brasil, existem conflitos que devem ser considerados e que estamos levando em conta. Cada Sociedade tem seu Instituto, sua história de fundação, com suas consequentes formas peculiares de funcionamento, que inclui o modo como transmitem a psicanálise, sua cultura e seu(s) modelo(s) de formação. A ABC tem procurado levantar as demandas de cada Instituto junto aos candidatos e estas nem sempre coincidem. Nosso trabalho

tem sido o de nos aproximar pessoalmente para conhecer a diversidade e especificidade de cada região e poder levar estas características em conta na hora de propormos temas para refletirmos nos debates e encontros regionais, nacionais e congressos. Dessa forma, pensamos poder falar de uma psicanálise inserida na realidade do nosso país, que inclua as necessidades e anseios dos candidatos, enriquecendo a formação do analista. Para que isso se concretize, temos proposto mesas em congressos, como esta na OCAL, em que estamos convidando os presidentes de cinco associações de candidatos (AC's) de Institutos brasileiros de formação de psicanalistas de diferentes estados.

Com isso, pretendemos trazer à discussão a pertinência destas associações de candidatos como espaços de representação das demandas e questões que permeiam o percurso dos candidatos em seus diferentes ambientes acadêmicos, pessoais, culturais e políticos. Apresentando também as diferenças de formação existentes nas diversas regiões em nosso país.

Outro ponto muito importante que daremos prosseguimento são os encontros e parcerias entre a IPSO-OCAL e a ABC, fortalecendo vínculos e dando continuidade a trabalhos já em andamento.

É com muito entusiasmo e alegria que temos desenvolvido nossa função e pretendemos continuar cooperando para fazer circular o pensamento e a prática da psicanálise na contemporaneidade, entre os candidatos do país. Temos consciência da importância da ABC, na medida em que contribui para refletir sobre a inserção da psicanálise no mundo atual. Cada vez mais, percebemos como nossa ciência tem o alcance de ajudar as pessoas a minorar seu sofrimento psíquico. Está em pauta, em nossos dias, a rapidez do agir, a exposição excessiva, as demandas de resolução imediata mais do que de expansão e reflexão, deixando o 'humano' com poucos elementos para o 'existir'.

Acreditamos que é muito importante que possamos desenvolver o nosso trabalho com amor, prazer e paixão. E a nossa experiência institucional nos tem trazido esta faceta. Ao ouvir as demandas de nossos colegas, aparecem as diferenças na formação e na cultura de cada instituição. Mas algo significativo que tem surgido, em comum a todos, é a necessidade que os colegas têm de, cada vez mais, sair da posição de passividade, ansiando participar de uma forma ativa da vida institucional.

Dessa forma, fazemos um convite para que, neste congresso, e o momento penso que é no pré-congresso da OCAL, possamos encontrar espaços para nos reunir e trocar nossas experiências e nos aventurarmos a conversar sobre temas que ultrapassam ao que chamamos "acadêmico", que possamos incluir tantas outras inquietações que fazem parte da nossa formação, mas que tendemos a deixar de fora.



# **a OCAL em movimento**



## CORRENTES MEXICANAS

## Tercer Encuentro de Analistas en Formación México, 17 de mayo del 2014

*por Alejandra Uscanga Castillo<sup>1</sup>*

Me remonto un poco al final del Primer Encuentro de Analistas en Formación de México, que se llevó a cabo hace dos años en las instalaciones de la Asociación Psicoanalítica Mexicana. Con mucho entusiasmo al terminar, los demás claustros pidieron ser sede del siguiente encuentro. Se jugó al azar. Así, el tercer encuentro quedaba ya pactado, desde dos años antes, en la ciudad de Monterrey, con sede en la Asociación Psicoanalítica Regiomontana. En ese entonces parecía que el tiempo sería demasiado y algunos nos preguntábamos si no se extinguirían estas ganas de juntarnos entre pares y hablar de psicoanálisis. El segundo encuentro, realizado en Guadalajara, del que queda también una semblanza que se compartió en el primer boletín de OCAL, fue todo un éxito: Acudimos bastantes analistas en formación de casi todas las instituciones de México y se reafirmó el compromiso de vernos en un año en Monterrey. No obstante, los últimos años en nuestro país no han sido nada fáciles y lamentablemente, una de las ciudades más golpeadas por la situación de inseguridad en este tiempo fue justamente Monterrey -que además es una ciudad al norte de nuestro grande territorio- ciudad a la que le tocaba organizar el tercer encuentro...

El claustro de candidatos en Monterrey es pequeño (cuando se realizó el evento eran 8, 5 de la generación que estaba por terminar y 4 que se quedarían con la labor de seguir participando). Esto conllevaba una complicación extra para la convocatoria de analistas en formación que asistieran y, sobre todo, que participaran en el encuentro. La organización empezó varios meses antes, como suele ser la organización de estos eventos: semanas de mucho trabajo, que se seguían de semanas de poca actividad, con el tiempo corriendo y con la preocupación de si daría para organizar lo que se debía organizar. Desde el primer encuentro quedó algo asentado en el espíritu de los candidatos mexicanos: el primer encuentro había sido organizado y sobre todo movilizado por OCAL, pero el objetivo era que este movimiento se independizara y que los claustros de candidatos de los distintos institutos de México se sintieran con la libertad de organizar el evento por ellos y para ellos. La labor fue bien entendida en Guadalajara, donde se realizó un escalón intermedio de participación compartida con OCAL; pero el gran reto era Monterrey, donde se pretendía alejarse aún más para darle espacio a los candidatos de organizarse de forma autónoma -y tomando en cuenta el tamaño del claustro, bien que fue un reto.

---

<sup>1</sup> Secretaria de Difusión de OCAL, APM. [alusca11@gmail.com](mailto:alusca11@gmail.com)

Hay que decir que la respuesta de los representantes de los otros claustros fue muy favorable, lo que permitió un intercambio de ideas y de sugerencias que me parece le ayudó a las organizadoras de Monterrey a seguir adelante. Así, con el factor distancia e inseguridad encima, las dos valientes que se animaron a continuar con el proyecto fueron Paulina Carrión y Nancy Esquivel, representantes de OCAL y de IPSO, respectivamente, en Monterrey. Con algunos correos, conversaciones por chat y algunas video-llamadas, fuimos testigos de la organización que poco a poco iba tomando forma: el tema, el logo, el cartel (afiche), la sede (sorpresivamente no fue ARPAC si no un hotel). Todo esto iba generando dudas, expectativas, y muchas ganas por llegar a ayudarlas en los últimos detalles del evento.

El tema del encuentro, inspirado en el congreso de OCAL “Diversidad, Integración y (Des)envolvimiento: Psicoanalizar en América Latina” (ha realizarse en el marco del congreso de FEPAL) fue “*La importancia de la pluralidad teórica en la formación de la identidad analítica*”. La recepción de trabajos comenzó lenta y complicada, era claro que mucha gente no se movería a Monterrey. Los representantes de claustro hablaban con los candidatos y estos no parecían muy interesados en aventurarse hasta esta ciudad del norte para participar. Honestamente llegué a pensar que nuestro “soltar” el evento para que se organizara de forma autónoma había sido prematuro... Pero la organización continuó y lo que empezó a verse con claridad era que, pese a que íbamos a hacer pocos asistentes, por primera vez iban a estar representados los 5 institutos de México (APM, SPM, AMPIEP, APG y ARPAC): todos mandaban algún representante, algunos más como es el caso de Guadalajara, un claustro muy participativo y unido. Si bien la victoria del primer encuentro fue lograr que analistas en formación de diversos institutos que se encuentran siempre en pleito se juntaran, la del segundo encuentro fue mantener la llama con un evento nutrido de asistencia y con mucha participación, la victoria de este tercer encuentro fue tener a todos los claustro de México participando, pocos pero variados, podríamos poner como lema de este encuentro, y creo que es algo que vale la pena aplaudir.

Un logro más fue la aceptación por parte de los candidatos, de participar con una modalidad relativamente nueva para México que fue la elaboración de trabajos breves (5 minutos) y la apertura a la discusión cruzada y abierta con el público. De este modo, el encuentro quedó formado por dos talleres y dos mesas de trabajos libres, finalizando con un ejercicio clínico que cerró la idea de la importancia de la diversidad de puntos de vista, para que los candidatos fuéramos construyendo nuestra propia forma de pensar y de hacer la clínica. Hubo presencia de la escuela francesa, de la escuela de relaciones de objeto contemporánea, de la psicología del Yo y de muchas otras influencias -incluida la presencia de autores latinoamericanos (Viñar, Alizade, León de Bernardi, Bleger, etc.) y algunos intersubjetivistas disfrazados; que se decantaban en los escritos de todos los candidatos que participamos en este encuentro. Asimismo la diversidad de puntos de vista se expresaba en los comentarios que se cruzaban de un lado a otro de las mesas de trabajo cuando se abría el espacio a la discusión general.

La jornada comenzó a las 8:30 de la mañana con la mesa de inscripción. Posterior a este proceso de “romper el hielo”, conocerse, reconocerse, acercarse y comenzar a intercambiar -un grupo chico favorece así como complica este momento, por la necesaria cercanía inmediata que hay que establecer entre todos- se inició la mesa de inauguración, con la presencia de la nueva Presidenta de ARPAC, quién hizo el favor de inaugurar el evento. Seguida a la inauguración hubo espacio para que IPSO y OCAL hablaran de cada organización y de lo que puede ofrecer a los candidatos. Después del primer descanso para socializar y romper aún más la tensión del grupo pequeño que empieza a conocerse, se dio paso a la primer mesa de trabajos libres, la cual giró en torno al tema de los institucional, lo cultural y el análisis personal, agrupando de forma creativa el trípede, visto desde diferentes posturas, que es esencia de nuestra formación. Posterior a esta primer mesa de trabajos vino el primer taller, conformado por analistas en formación de distintos institutos de México y que planteaba la pregunta sobre la posibilidad y la conveniencia de integrar las diferencias. Fue una mesa de divergencias teóricas y personales, que consiguió inspirar en la discusión la forma en que cada uno se para frente a la alteridad y lo que decide o puede hacer con ella? ¿se integra? ¿se acepta pero se deja de lado? ¿qué se integra y qué se aparta? ¿cómo se hace eso en la formación cuando estamos expuestos a un variado marco teórico durante los seminarios? ¿De verdad estamos expuestos a aun variado marco teórico? ¿Sería necesario que las instituciones abrieran más el marco teórico del que enseñan para que cada candidato pueda definir su rumbo? Una avalancha de preguntas y muy pocas respuestas... todo un éxito.

¡Finalmente la hora de la comida! Como no podía faltar en nuestros anfitriones, enseguida hubo acuerdo para llevarnos a comer el tradicional “cabrito norteño”. Como decía, el grupo pequeño tiene sus ventajas y una de ellas fue la posibilidad con la que los 20 participantes nos movimos a comer todos juntos y a convivir durante hora y media frente a una muy buena carne y una refrescante cerveza... Plática, risas e intercambio fue el común denominador de esta comida, lo que nos llenó a todos de energía para regresar a continuar con nuestra jornada de trabajo.

Para no caer en el adormecimiento posterior a una copiosa comida, la actividad de regreso fue el segundo taller planeado para estas jornadas, un taller de técnica organizado por el claustro de Guadalajara que abrió la oportunidad para la discusión sobre el encuadre y sobre los procesos íntimos que nos ocurren en el consultorio y que momentáneamente nos llevan a perder nuestro lugar como analistas para comprender la problemática del paciente, para luego recuperar ese lugar y dar cauce al proceso analítico. La última mesa de trabajos, trajo una visión interesante sobre la frontera del psicoanálisis vista desde afuera, lo que nos llevó a discutir el hecho de que muchas veces estamos concentrados por pelearnos adentro (qué no es psicoanálisis entre nosotros) en lugar de atender la necesidad de también definirnos desde afuera, frente a una demanda social que nos lo exige debido a la gran diversidad de “terapias” que se ofertan y que confunden a la gente que es mal informada.

El ejercicio clínico, como es costumbre, fue complicado: reconocer nuestro derecho a experimentar con la escucha analítica entre pares ha sido un tema difícil. En ocasiones se siente que estamos usurpando el lugar de supervisores, o que no tenemos las herramientas para contener lo que ocurra durante la discusión de un material clínico siendo analistas en formación. Considero que en todos sentidos fue un ejercicio de escucha clínico interesante, primero porque se logró comunicar -eso espero- que no se trataba de “supervisar” a la candidata que prestaba el material clínico, si no de pensar con ella psicoanalíticamente el material, con lo que cada uno de nosotros, desde la diversidad que nos caracteriza, podíamos aportar a la problemática descrita; segundo porque durante el tiempo del ejercicio clínico se logró relajar la tensión imperante y se logró jugar con el material clínico (y hablo del juego en un sentido winnicottiano evidentemente, no peyorativo), dando espacio para que la candidata lograr identificar elementos que no había considerado y que, a decir de ella en la conclusión, le resultó de mucha utilidad.

¡Por fin el día académico había terminado! con tensión por todo lo que conllevó la organización de este evento, pero con mucha satisfacción evidente en las risas y en la cercanía de todos los presentes, que nos dirigimos a casa de una de las organizadoras a cerrar el evento con una fiesta ¡por supuesto! Fue un encuentro rico, entre pares y amigos que nos vamos encontrando año con año para seguir pensando juntos lo que hacemos en nuestra formación y aunque con los años se va haciendo más evidente la ruta teórica que cada uno va eligiendo para dar cuenta de su experiencia clínica, no por eso se hace menos evidente la presencia de amigos dispuestos a compartir de forma cercana y sincera, después de diferir en las discusiones de las mesas de forma igualmente comprometida: discutir ideas divergentes y tomar una copa de tequila con la misma pasión y entrega entre un grupo que empieza a mostrarse integrado y con ganas de seguirse viendo, se seguir creciendo entre pares.

## CORRENTES CHILENAS

# Jornada Trasandina de la Organización de Candidatos de Latinoamérica (OCAL) Santiago, 25 y 26 de Octubre 2013

*por Juan Dittborn<sup>1</sup>*

Los días 25 y 26 de Octubre del 2013 se realizaron en la sede de la APCH las Jornadas Trasandinas de OCAL. Asistieron a dicho encuentro Analistas en Formación de Argentina, Brasil, Chile, Uruguay y del Instituto Latinoamericano de Psicoanálisis (ILAP), éramos alrededor de 40 estudiantes provenientes de los distintos Institutos de formación latinoamericanos pertenecientes a la IPA, todos congregados e invitados a reflexionar sobre un tema que nos resulta de suma relevancia: “Compartiendo material clínico: Elaboración y Publicación”.

La Jornada se inició el Viernes en la mañana en la Universidad del Desarrollo, en el Pre-encuentro de Candidatos que convocó a más de 50 estudiantes de Psicología de distintas universidades, en esta actividad la Presidenta de la Organización de Candidatos de Latinoamérica (OCAL) Cecilia Moia (APA, Argentina) compartió un material clínico de un paciente en análisis. Luego los analistas en formación de la APCH, Angela Farrán y Javier Ravinet, presentaron un correlato teórico sobre las principales perspectivas psicoanalíticas en Psicósomática, para finalizar con la presentación de la Dra. Julia Lauzón (Miembro APCH) quien desde la experiencia clínica compartió su mirada comprensiva del material presentado por nuestra colega de Argentina. Todo finalizó con un productivo y creativo diálogo junto a los estudiantes de Psicología, quienes con entusiasmo y curiosidad, comentaron sobre el caso clínico interrogando a los presentadores.

En la tarde del día Viernes y ya en la sede de la APCH, se dio oficialmente por inaugurada las Jornada de Analistas en Formación de Latinoamérica. El presidente de la APCH nos dio la bienvenida y nos invitó a pensar sobre la complejidad del intercambio de ideas entre colegas, pero también como actividad fundamental en el proceso de formación y desarrollo de todo psicoanalista. Luego, y dando paso a la primera actividad científica de la tarde, el Dr. Alfonso Pola (Miembro APCH) presentó un trabajo titulado “Sobre la Presentación de Material Clínico” en la cual planteó una serie de preguntas que han sido controversiales dentro de la comunidad analítica y que animaron un apasionante intercambio entre los candidatos ahí presentes. Se reflexionó entre otras

---

<sup>1</sup> Analista en formación. Director Científico Jornada OCAL 2013. Asociación Psicoanalítica Chilena. juandittborn@mi.cl

temáticas, respecto de la confidencialidad en la presentación de materiales clínicos, sobre los distintos métodos para recabar información y si habrían métodos más confiables que otros, acerca de las dificultades que presenta nuestra disciplina para intercambiar sus conocimientos con otras ramas de la ciencia y sobre la siempre tensionante discusión epistemológica del psicoanálisis: ¿Ciencia o Hermenéutica?.

Ese día concluyó con la presentación de trabajos libres desarrollados por analistas en formación y que fueron discutidos en pequeños grupos de trabajo, aparecieron una diversidad de temas que transitaron desde la problemática racista en Bolivia y su incidencia en la práctica clínica, la experiencia de supervisión durante la formación, sobre los hechos clínicos, la presentación de material clínico en la obra de Freud, la discusión de material clínico, etc. Todo esto fiel reflejo de la pluralidad que caracteriza al Psicoanálisis Latinoamericano. Evidentemente no podía faltar la camaradería y nos juntamos a compartir algo más que material clínico, poder hablar de nuestras experiencias formativas y sobra las realidades de nuestros países, que nos separa y que nos hermana.

La Jornada de trabajo del Sábado comenzó temprano, con la tradicional supervisión cruzada de material clínico. Cuatro candidatos de la región presentaron material de pacientes en análisis que fueron discutidos por una dupla de Analistas Titulares en Función Didáctica de la APCH, que generosamente accedieron a colaborar en estas jornadas. Esta fue una instancia muy enriquecedora y oportuna para observar al *analista trabajando y pensando sobre su trabajo*. A cada uno de estos supervisores les agradecemos con un regalo simbólico: una Araucaria, que tendrá un proceso de devenir en árbol como esperamos sea el nuestro como analistas, lento pero con raíces firmes y duraderas.

En el transcurso de la mañana tuvimos la participación del Dr. Claudio Martínez miembro de la APCH y miembro de la directiva de ILAP, quien invitó a los candidatos a estrechar los lazos con los Analistas en Formación de otros países latinoamericanos que no poseen institutos de formación, además de compartir con el auditorio el trabajo que ILAP ha venido realizando en los últimos años para difundir y promover la formación psicoanalítica en el continente.

Nuestra última actividad científica de la Jornada fue dirigida por la directiva de OCAL presidida por Cecilia Moia, su Vice presidente Luisa Pérez de APU y su secretario Osvaldo Canosa de APA. Tuvimos la oportunidad de pensar sobre nuestra próxima actividad de OCAL, me refiero al Pre Congreso de candidatos de FEPAL a realizarse el próximo año en Buenos Aires y sugerir qué temáticas nos gustaría abordar ahí y sobre las modalidades de trabajo.

Para sintetizar la productiva Jornada de trabajo que tuvimos durante estos días de Octubre en Santiago de Chile, quisiera citar las palabras de nuestro vice presidente de OCAL, quién quiso compartir junto a nosotros su “elaboración y publicación” personal:

*“TRADUCIR, TRANSCRIPCIÓN, TRANSMISIÓN se hicieron presentes en mi mente. Hasta hace pocos minutos que escribiendo estas notas me di cuenta que otra palabra esta sobre volando mi mente desde ayer: COMPARTIR. Para eso traducimos, escribimos, analizamos y nos analizamos, leemos y pintamos. Cantamos y gritamos, para compartir eso que damos en llamar “la experiencia del inconsciente”, que sabemos no es posible pero aún así...”*

Quisiera finalizar estas palabras agradeciendo a la directiva de OCAL por su apoyo y orientación, a la directiva de la APCH por incentivarnos desde un principio a embarcarnos en este proyecto y felicitar a todos los analista en formación de la Asociación Psicoanalítica Chilena, quienes hace más de un año se propusieron con mucho entusiasmo asumir el desafío de organizar esta Jornada con analistas en formación de Latinoamérica. Actividades de intercambio científico y de experiencias en torno a la clínica hacen más estimulante y llevadera nuestra formación, permitiéndonos salir del aislamiento de nuestros consultorios y fortalecer nuestra convicción sobre una profesión llamada imposible.

Gracias.



CORRENTES BRASILEIRAS

**2º Encontro de Candidatos de Belo Horizonte  
As dificuldades na formação da identidade  
psicanalítica dos Candidatos  
Grupo de Estudos Psicanalíticos  
de Minas Gerais (GEPMG)  
Belo Horizonte, 03 e 04 de maio**

*por Carlos Cesar Marques Frausino<sup>1</sup>*

*“Em suma: as paisagens andam e todas as fisionomias  
geográficas do Brasil passam por Minas.”*

Minas Gerais, singularidade plural  
Paulo Mendes Campos

O objetivo do encontro foi criar um espaço de troca de vivências sobre questões que inquietam os candidatos, suas dificuldades, angústias, medos, obstáculos, bem como experiências exitosas.

O organizador do evento foi Lucas Santos, analista em formação do Grupo de Estudos, que me recebeu afetivamente e hospedou-me, gentilmente, em sua casa juntamente com outros participantes do evento.

Sob a inspiração de Drummond, Otto Lara Rezende, Helio Pellegrino, Pedro Nava, Sábato Magaldi, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, entre outros tantos artistas mineiros que se transformaram em referências e até ícones da cultura nacional, começamos o encontro.

Aliás, sobre a riqueza da cultura mineira, lembro-me de uma carta, da troca de correspondências entre Manuel Bandeira e Mário de Andrade, onde Bandeira escreve para Andrade, em 1925, afirmando algo próximo a: *sobre os mineiros você tem inteiramente razão. Estou convencido que são a “coisa” mais séria e mais digna de se observar no Brasil literário de hoje.*

Lucas fez a abertura do evento e enfatizou os objetivos do encontro e sua importância para o desenvolvimento do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais (GEPMG).

<sup>1</sup> Editor de OCAI, SPB. carlosfrausino@gmail.com

Um das metas era ampliar o sentimento de pertencimento dos candidatos na dinâmica da instituição. A primeira mesa de trabalho foi sobre as instituições de representação dos analistas em formação: Associação Brasileira de Candidatos (ABC), Organização dos Candidatos da América Latina (OCAL) e International Psychoanalytical Studies Organization (IPSO).

A ABC foi a primeira instituição a apresentar o trabalho que está realizando e estava representada pela sua vice-presidenta, Deise Cabral Comparin, com comentários do conselheiro da entidade, Eduardo Brod Mendez (SPPel – Sociedade de Psicanálise de Pelotas). Na sequência, Sylvia Pupo Netto – vice-presidenta da IPSO para a América Latina – discorreu sobre a organização da IPSO e seu papel na formação dos analistas em formação no âmbito da IPA.

Por fim, a OCAL foi a última instituição a se apresentar e a conversar com os candidatos de Belo Horizonte. Nessa mesa, contamos com a presença da última presidente da OCAL, Rita Andréa Alcântara de Mello, que nos relatou o seu trabalho à frente da instituição e do seu trabalho de aproximar os analistas em formação da OCAL, assim como de estimular os sentimentos de pertencimento, dos candidatos, junto às suas respectivas instituições de representação.

Eu e Osvaldo Canosa, Secretário-Geral da OCAL, como um dueto, discutimos e conversamos com os analistas em formação, à luz do pensamento ocaleño, o tema do evento: *as dificuldades na formação da identidade psicanalítica dos candidatos*. Em sua fala, Osvaldo foi direto ao ponto e perguntou à plateia: “¿Qué hace OCAL, hoy?” e, ato contínuo, respondeu: “Hoy, la directiva de OCAL intenta a trabajar psicoanaliticamente los malestares en la formación de los candidatos de América Latina” e desenvolveu esse tema.

Desenvolvi o tema do encontro, à luz do *slogan* de trabalho da atual diretoria da OCAL (Diversidade, Integração e (Des)Envolvimento). Postulando que é possível pensar/questionar a formação, de forma a “oxigenar” cânones estabelecidos nas instituições – alguns deles cristalizados, coagulados e estagnados – e que podem, inclusive, afastar-nos do desejo de continuar na perene construção de sermos analistas. Acreditamos (a OCAL) que os analistas em formação/candidatos possam contribuir efetivamente no formato, no conteúdo e na organização da formação, assim como na difusão e desenvolvimento do pensamento e do método psicanalítico.

Terminei a sessão de sexta-feira com uma pergunta, cujo debate para as respostas ficaram para as atividades do sábado: como lidar com as transferências (algumas psicóticas) e as nossas identificações e projeções na formação, sem que isso não conduza a um processo de infantilização da nossa formação?

À manhã do sábado, saímos do auditório onde foram realizados os trabalhos anteriores e nos dirigimos a uma sala de reunião, o que proporcionou uma conversa informal, e iniciou-se ali uma criativa discussão clínica. Thiago Crestana (SPPA – Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre) apresentou uma sessão clínica com observações sob o vértice kleiniano e freudiano.

Com uma pausa, para o café, continuamos a refletir sobre o tema do evento. Nesse sentido, Osvaldo ofereceu alguns temas para o debate: as ideias de J. Ranciere, do seu livro *El maestro ignorante*:

“La igualdad nunca deviene como resultado a alcanzar.”;

“La igualdad debe ubicársela antes, como premisa y no como un logro.”;

“La igualdad es fundamental y ausente, es actual e intempestiva, siempre atribuida a la iniciativa de los individuos y de grupos que, contra el curso ordinario de las cosas, asumen el riesgo de verificarla, de inventar las formas individuales o colectivas, de su verificación.”

No curso da discussão, para temperar ainda mais o profícuo debate, agreguei outros temas presentes no processo formativo: a introjeção da função analítica, as diversidades, a criatividade, resistências, a infantilização e instituição, a sua defesa do *status quo* etc.

O resultado foi um rico e abrangente debate acerca da vivência e da dinâmica institucional e da formação psicanalítica no GEPMG.



CORRENTES BRASILEIRAS

## Primeiro Encontro de Candidatos - ABC Identificações e Singularidades Rio de Janeiro, 18 de maio de 2013

por Christiane Paixão<sup>1</sup>

Queridos amigos,

Sáímos daqui de Porto Alegre, em uma manhã clara de sol, com a intenção de nos deliciarmos com as paisagens do Rio, com vontade de estar bem perto do Cristo Redentor, sentir novamente a mesma emoção, pequena diante de tanta beleza. Como nada é como imaginamos.... Ficou apenas no plano do desejo, pois Cristo resolveu mandar chuva, muita chuva, alagando e atrapalhando nossos planos. Diante disso, saímos a caminhar. Primeira parada, comprar um guarda-chuva e trazer de lembrança para casa. Não era qualquer guarda-chuva, era um com todos os pontos turísticos do Rio, aqueles que não pudemos visitar. Santa ironia.

Talvez para compensar um pouco, encontramos um pequeno bistrô, charmoso e acolhedor, com uma comida deliciosa. O nome do restaurante? *Santa Satisfação*.

À noite, tivemos nosso primeiro encontro com os colegas do Rio, Brasília, Campo Grande, Porto Alegre e Ribeirão Preto. Jantamos à beira-mar, aos pés do Pão de Açúcar. Ainda chovia, mas era uma bela visão. O grupo recebeu a todos com muito carinho. À medida que cada um chegava, nos relatava o esforço para estar ali. Invariavelmente, todos tiveram problemas com atrasos nos voos e muitas horas de espera.

Carlos e eu, que tínhamos nos visto apenas no Congresso da Federação Latino-Americana de Psicanálise (FEPAL), logo nos reconhecemos e foi como se nos víssemos sempre, tamanha intimidade e sintonia sentida, frutos dos nossos encontros virtuais semanais.

No dia seguinte, fomos trabalhar. Carlos apresentou um *powerpoint* sobre a OCAL, explorando ideias em torno do nosso *slogan* “Diversidade-Integração-(Des)Envolvimento”. Juntos, fomos conduzindo a conversa, um no ritmo do outro.

Trabalhou-se sobre o quarto eixo da formação analítica, que é a relação com a instituição, ao que agregamos a transmissão entre pares. O que leva diretamente à discussão se somos analistas ou se somos candidatos a [sermos analistas]. Descobrimos que, aqui no Brasil, existem institutos onde o colega, ao ingressar, assina um documento

---

1 Representante do Brasil na OCAL, SBPdePA. cv.paixao@hotmail.com

de que não se denominará analista, enquanto durar o processo formal da formação. Isso causou algum tumulto, pois não tínhamos notícia de que isso ainda acontecia. Também descobrimos que, em alguns institutos, o uso do divã é vetado nos dois primeiros anos de seminário, ou que, para dar início à supervisão, é necessário receber uma autorização do seu analista. Isso para dar uma ideia das peculiaridades de algumas instituições brasileiras, marcando, assim, nossa diversidade.

Frente a isso, tratamos de dizer que trabalhamos com a ideia de que, se somos candidatos a alguma coisa, somos candidatos a membros IPA.

Do nosso ponto de vista, já nos sentimos analistas e, diante dos nossos pacientes, tratamos de fazer análise. Outro tumulto. Para alguns, foi como se estivéssemos negando as diferenças de gerações, experiência, tempo. Nada disso.

Esclarecemos que nossa condição de candidato tem sempre como parâmetro a IPA, sermos candidatos a um lugar dentro da IPA. Do ponto de vista da função analítica, esta precisa estar sempre sendo trabalhada dentro de nós mesmos, independentemente do lugar que ocupemos, avaliando se estamos à altura do que o ofício nos exige.

Uma colega do Rio de Janeiro apresentou um interessante material clínico, de uma moça de 25 anos, que, a despeito de todas as suas dificuldades, aderiu a quatro sessões semanais. Caso que nos proporcionou pensar nos limites da analisabilidade em pacientes com grandes falhas simbólicas em sua estruturação psíquica. Junta-se a isso dificuldades intelectuais, e temos um campo de trabalho bastante árido. Nesse caso, ficou evidente o trabalho da analista, que propunha fazer “nascer” ou “renascer” um sujeito subjetivo. Um esclarecimento: a colega chamava-se Renata, que significa renascer.

Para encerrar, tivemos uma mesa sobre regulação e regulamentação da profissão de psicanalista, que nasceu da preocupação de alguns sobre a defesa do campo psicanalítico. Tema controverso e sobre o qual muitos de nós não têm conhecimento, o que empobreceu um pouco a discussão. É possível que esse assunto retorne, como retorno do reprimido, à medida que nos angustiamos diante da dificuldade que é, para cada um de nós, defender o campo psicanalítico diante dos nossos próprios analisandos. Nos despedimos com o desejo que essas férteis discussões prossigam, entre pares e dentro de nós mesmos, como um fogo que não deve ser apagado.

Um forte abraço.

CORRENTES ARGENTINAS

## VII Jornadas Argentinas de Analistas en Formación - Buenos Aires Buenos Aires, 20 y 21 de septiembre 2013

*por Luisa Pérez Suquilvide<sup>1</sup>*

Buenos Aires nos recibió con una primavera cálida y nublada, siempre multitudinaria y febril. Estando tan cerca, a solo a un cruce de charco, desde una Montevideo mucho más pequeña y calma, Buenos Aires siempre impacta.

Aceptando la cordial invitación de nuestros colegas y amigos argentinos, decidimos hacer un corte en nuestra rutina semanal para compartir dos días de trabajo en torno al tema elegido en esta ocasión para debatir: “Trauma”. Concepto siempre vigente, fue desplegado y discutido en trabajos teórico-clínicos y talleres.

Junto a analistas en formación de APA, APdeBA, SAP, Córdoba y Mendoza que colmaron las instalaciones de SAP, trabajamos en un clima de respeto y camaradería que habilitó un intercambio muy fructífero.

Aura Lorenzo Valdés subrayó desde IPSO, la importancia del intercambio entre las diferentes regiones.

Con Cecilia Moia y Osvaldo Canosa compartimos la propuesta de OCAL de la transmisión del psicoanálisis en acto y entre pares, a través de un taller que tomó la literatura y las citas de autores psicoanalíticos como vía para acercarse a pensar la clínica actual.

Al cierre, pudimos compartir un sabroso y “típico almuerzo sapiano” en el que la persistente llovizna fue derrotada por la calidez y el humor de anfitriones y participantes.

Antes de partir, a ese “qué sé yo” de las callecitas de Buenos Aires no podía faltarle el clásico recorrido por un shopping porteño. Y así lo hicimos, al resguardo de una lluviecita tan suave como incómoda, que nos acompañó hasta nuestra despedida en el puerto.

Agradecidos y renovados dejamos atrás la vorágine de la urbe para retornar, noche cerrada ya, a la calma de nuestra pequeña ciudad.

---

1 Vice-Presidente da OCAL, APU. [luisaperez1@gmail.com](mailto:luisaperez1@gmail.com)



CORRENTES ARGENTINAS

**Jornadas Argentinas de Analistas  
en Formación - Mendoza**  
**Sociedad Psicoanalítica de Mendoza (SPM)**  
Mendoza, 16 al 17 de mayo de 2014

por Lic. Lila Gómez<sup>1</sup>

*“Que nuestros claustros no sean de clausura.  
Que la clausura no habite las ideas,  
Que las ideas trasciendan nuestras mentes,  
Que nuestras mentes se abran al encuentro.  
Que las vivencias recorran las jornadas,  
Que el pensamiento circule y nos habite,  
Que el inconsciente nos una y apasione.  
Que ser candidato no pase de largo...  
Que ser psicoanalista no sea de pronto...”*

Estas frases previas a modo de epígrafe marcaron el espíritu de trabajo durante las Jornadas de Analistas en Formación “**El dispositivo analítico hoy**” que se realizaron en la Sociedad Psicoanalítica de Mendoza (SPM) Argentina, del 16 al 17 de mayo de 2014.

A este encuentro, previo al Congreso de OCAL 2014, asistieron un total de 30 candidatos pertenecientes a APdeBA (Asociación Psicoanalítica de Bs.As), APA (Asociación Psicoanalítica Argentina), APCH (Asociación Psicoanalítica Chilena), APC (Asociación Psicoanalítica de Córdoba) y SPM; así como la presidenta, Cecilia Moia y el secretario Osvaldo Canosa de OCAL. También concurrieron pre candidatos de la SPM.

En la mañana del 16 de mayo, se realizaron “Diálogos clínicos psicoanalíticos” en el Hospital Neuropsiquiátrico Dr. Carlos Pereyra, donde una residente presentó un caso clínico que fue comentado por la presidenta de OCAL y una candidata de la SPM, que dio pie para el intercambio fecundo de ideas.

---

<sup>1</sup> Analista en Formación de la Sociedad Psicoanalítica de Mendoza (SPM). lilagza@gmail.com

Durante las jornadas en la SPM, mediante trabajos libres, mesas redondas, talleres de discusión de materiales clínicos, pudimos pensar entre todos, compartir opiniones y experiencias relacionadas con nuestra práctica clínica, el dispositivo analítico y los desafíos que la actualidad de la época nos presenta. Los casos clínicos fueron comentados por un analista en formación y por un analista miembro de la SPM, para luego invitar a la circulación de opiniones entre los candidatos y los precandidatos.

La experiencia de un taller de escritura nos dio la oportunidad de poner a trabajar nuestra creatividad al servicio de esa tarea imposible que es psicoanalizar.

Finalmente se dio lugar a la presentación de las revistas “Devenir” del Claustro de APdeBA y Moción del Claustro de Candidatos de APA, como una forma de motivar el intercambio de trabajos realizados por nuestros pares.

Cabe destacar que estas jornadas tuvieron un “sello fundacional” ya que fueron las primeras jornadas de candidatos que se han realizado en Mendoza, inaugurando así un espacio para futuros encuentros...

## CORRENTES PERUANAS

# Una Visita de Cecilia Moia, Presidenta de OCAL... Lima, 4 de agosto del 2014

por Eduardo Llanos B. <sup>1</sup>

Con nutrida concurrencia los días 25 y 26 de abril se celebró en Lima el XXIII Encuentro Interregional de Niños y Adolescentes – FEPAL con la participación de destacados profesionales de la región.

Esta ocasión fue también marco propicio para contar con la presencia de Cecilia Moia, Presidenta de OCAL. El objetivo de su visita fue estrechar vínculos con los analistas en formación peruanos en el marco de la reciente renovación de nuestra asociación de candidatos bajo la entusiasta presidencia de María Julia Ardito y su equipo de colaboradores. La presencia de Cecilia también tenía como objetivo fomentar la participación de los candidatos peruanos en la presentación de propuestas de trabajos para el próximo Pre-Congreso de OCAL a realizarse en Buenos Aires el 3 de septiembre bajo el título: “Integración, Diversidad y Desarrollo: Psicoanalizar en América Latina” todo en el marco del Congreso de FEPAL “Realidades y ficciones.”

Pero su visita no solo quedó allí, el día martes 29, Cecilia tuvo la gentileza de participar en la Noche de candidatos de la Sociedad Peruana de Psicoanálisis presentándonos su trabajo sobre “*Lo fraterno en la formación psicoanalítica.*” Fue una velada memorable. Me permito reproducir las palabras de Elvira Soto de Dupuy, colega de la formación en niños y adolescente quien, a manera de crónica en un correo electrónico, dio cuenta de esta singular ocasión:

*[...] Esta vez, era una ocasión especial, ya que iba a participar Cecilia Moia, Presidenta de OCAL, que había venido desde Buenos Aires, con ocasión del Encuentro de niños y adolescentes de FEPAL.*

*Fue muy agradable ver que estábamos presentes analistas en formación de diferentes promociones y compartir interrogantes y puntos de vista distintos sobre los objetivos de nuestra asociación, sobre aspectos institucionales y de nuestra formación, entre otros.*

*Resultó muy estimulante la vigencia de un texto que nos leyó Cecilia, escrito por Arminda Aberastury a fines de los 50; más aún, la generosidad con la que nos transmitió su experiencia y la del claustro de analistas en formación de la APA que ella ha dirigido durante varios años, el cual, de haber estado a punto de dejar de existir, tiene ahora una presencia*

<sup>1</sup> Analista en formación de la Sociedad Peruana de Psicoanálisis. eduardo.llanos001@gmail.com

*institucional y una actividad muy interesante. Aparte de esto hecho, de por si llamativo, de su relato me llamaron particularmente la atención la manera en que se organizaron para “diálogos clínicos” o lo que dieron en llamar “la cocina del consultorio” como también animarse a escribir pequeños ensayos, y para crear una red entre colegas y compartir diferentes aspectos de la formación, a manera de crónicas, que luego de varios años han dado como fruto la revista Moción que publican, de la cual nos ha traído dos números de regalo para compartir. Muy bien editada y con artículos muy sugerentes.*

*Todo esto acompañado de un cálido clima de intercambio fraterno y deseo de encontrar nuevas rutas de expresión y de un delicioso vino y algunas cosas ricas para picar.*

Fue efectivamente una noche de fructífero y cálido intercambio. Pero la cosa no quedó allí. Haciendo gala de gran entusiasmo y energía, Cecilia no solo participó durante todo el evento y la noche de candidatos sino también en sendos momentos de confraternidad con los candidatos de distintos grupos y promociones, entre otros, durante el cóctel de bienvenida que ofreció la asociación donde MariCarmen Bello que gentilmente ofreció su casa para la ocasión. Pero también en una intensa noche de sábado en “La Oficina”, en Barranco, un local donde se puede disfrutar de la música tradicional limeña con marineras y vales criollos. Y por si fuera poco, un paseo dominguero por el Centro de Lima, donde por suerte fuimos testigos de un enorme pasacalle con danzas de todo el país con cerca de sesenta grupos de músicos y danzantes que desplegaron sus movimientos y colores por más de seis horas!

En suma fue una visita memorable y entrañable, llena de intercambios y experiencias a todo nivel. Solo me queda, para finalizar esta suerte de breve crónica de una buena visita anunciada, parafrasear nuevamente a Elvira Soto pues resume en sus buenas palabras mucho del sentimiento provocado por esta visita cuando escribe...

*[...] Muchas gracias a María Julia por convocarnos, a Cecilia por habernos acompañado y a la directiva por la organización de esa noche de candidatos; también, por las actividades diversas que han realizado en estos días para agasajar y atender a Cecilia, y por todo el trabajo que están realizando con mucho entusiasmo y dedicación desde que fueron elegidas como directiva, en beneficio de todos nosotros.*

*Gracias de verdad, (a OCAL también) porque sabemos que todo eso se suma al tiempo que demanda la formación y los diversos trabajos clínicos e institucionales que cada quien realiza, además de las ocupaciones personales.*

Seguimos entonces en contacto....

Eduardo Llanos B.

# diálogos



*La entrevista con el Dr. Abel Fainstein (Presidente de FEPAL) se pospuso sin remedio porque nos sentamos a charlar simplemente con Abel.*

## Entrevista con Abel Lima, 4 de agosto del 2014

por Cecilia Moia<sup>1</sup> y Osvaldo Canosa<sup>2</sup>

Apenas nos acomodamos en el amplio recibidor del consultorio de Abel ya estábamos charlando animadamente, café mediante, de los temas que impactaban nuestra sensibilidad. Eran los días del Mundial, hacía frío y llovía suavemente. Nuestro anfitrión acababa de regresar de un viaje al viejo continente, recién llegaba de Italia en donde había participado del Congreso Europeo de Psicoanálisis. Cuando se encendió el grabador ya estábamos en pleno bullicio parlante y la entrevista no había comenzado; de aquél parloteo solo, rescatamos esta reflexión:

*“...En América Latina la gente participa mucho en los Congresos, todos quieren presentar algo. En Europa la gente participa escuchando. En este Congreso (FEPAL, 2014), con la idea de reunir propuestas, difícilmente alguna mesa se quede sin gente...”*

**Yo, Abel.**

**Cecilia Moia y Osvaldo Canosa:** *Vamos a comenzar con algo autobiográfico, después la charla nos llevará por ese litoral compuesto por ficciones y realidades.*

**Abel Fainstein:** Bueno, perfecto. Soy médico. Hice la residencia en el Hospital Neuro-psiquiátrico José T. Borda. Me acerqué al psicoanálisis cuando cursaba Psiquiatría en la Facultad de Medicina. Nuestro docente en Psiquiatría nos llevó al Borda, al Servicio de García Badaracco, a la Comunidad Terapéutica que hacía García Badaracco. Fue una experiencia muy impactante que duró un mes mientras cursaba la materia. Mi idea, una vez recibido, era más por el lado de la Clínica Médica, la Pediatría...pero me super-interesó eso (la experiencia G. B.) entonces cuando me recibí empecé la residencia en el Borda (cinco años), hice grupos de estudio con algunos de mis profesores psicoanalistas que trabajaban en el hospital. Yo me estaba analizando pero tenía que elegir un analista didacta para entrar a APA porque mi analista, con el que me estaba analizando desde hacía 7 u 8 años, no era didacta. Finalmente comencé a analizarme con Carlos Mario Aslán. En ese año que comienzo mi formación, es justo la separación de APdeBA de APA.

1 Presidenta de OCAL, APA. ceciliamoia@gmail.com

2 Secretario de OCAL, APA. osvaldocanosa@yahoo.com.ar

Fueron años (1977) muy determinados por la separación de APA y APdeBA, fueron años duros.

**CM y OC:** *También fue la época del nacimiento de FEPAL...*

**AF:** Yo en esa época estaba bastante ajeno...

**CM y OC:** *Eras candidato...*

**AF:** Si...No tenía registro de eso. En realidad tomé más conciencia de eso cuando terminé los seminarios y al poco tiempo me invitaron a formar parte de la edición de la Revista de Psicoanálisis de APA.

**CM y OC:** *Participaste del Claustro de Candidatos?*

**AF:** No, muy poco. Participé una vez votando en una elección pero perdí. No, no en el Claustro de Candidatos no trabajé.

### ***La vida después de la Reforma del '74.***

**CM y OC:** *Se vivía el clima post-reforma del '74...*

**AF:** Sí. Era muy importante y tenso el clima. Sobre todo por la separación de APdeBA. Porque la separación se produce, justamente, por la Reforma. Además de sentirnos protagonistas del gran cambio, sentíamos que teníamos que defendernos frente al grupo conservador que se había separado de APA.

**CM y OC:** *¿Tenías conciencia, dimensión de lo que eso significaba en ese momento?*

**AF:** Tenía conciencia del impacto que generaba la crítica desde AFuera. Eso generaba un agrupamiento como Boca-River. Este disenso nos llevó 30 años asimilarlo. Nosotros, los jóvenes, nos poníamos la camiseta de algo que nos venía de rebote.

**CM y OC:** *Esta situación reforzaba el sentido de pertenencia...*

**AF:** Sí, por supuesto. Hoy las relaciones con APdeBA y SAP son muy buenas. En realidad...La curiosidad más institucional se me generó a partir de la invitación de Néstor Goldstein para participar en un grupo institucionalmente. Yo estaba en ese momento en la revista y Néstor, en su campaña como candidato a presidente de APA, hizo esa convocatoria. Ahí se conformó el llamado "Grupo Psicoanalítico", grupo que encarnaba la Reforma versus el "Grupo Independiente" quienes se habían quedado en APA pero no acordaban con la Reforma y tenía fuerte transferencia con APdeBA, a través de grupos de estudio con David Liberman.

**CM y OC:** *Es decir, ¿te identificaste con la Reforma?*

**AF:** Claro, en algún punto por una cuestión transferencial con determinados personajes, con los Baranger, Mauricio Abadi, Carlos Mario Aslán, Jorge Mom, Susana Ferrer, Gustavo Dima, toda mi pertenencia tenía que ver con este grupo que encarnaba la Reforma. Muchos años después de este "Grupo Independiente" surge SAP.

Fueron muchos años de confrontación política. Nosotros éramos un grupo político muy activo.

### ***La hora de la política***

Después de la Revista, Andrés Rascovsky me invitó para ser Secretario del Centro Racker<sup>3</sup>. Ahí estuve 4 años y luego me presenté como Director del Centro Racker por 4 años más.

La experiencia de la Revista fue una experiencia de cultura psicoanalítica, no fue una experiencia política. En Centro Racker fue una buena experiencia política. Sobre todo cuando me presenté como Director. Fue en la elección que ganó Fidias Cesio. Yo no era de su lista pero me eligieron como Director. Fue una experiencia muy importante en el sentido de poder trabajar con gente diferente.

**CM y OC:** *Empezaste a trabajar en la gestión.*

**AF:** Sí. Pero en un contexto en el que toda la gestión directiva era de un grupo y el Centro Racker era de la oposición.

**CM y OC:** *Vos estabas en una institución en la que había malestar...*

**AF:** Sí, pero en esa posibilidad de trabajar con una Comisión Directiva diferente, me dio la perspectiva de concebir que la institución no es sólo de un grupo.

**CM y OC:** *A diferencia de cuando un grupo es hegemónico.*

**AF:** El grupo siempre tiene pretensiones hegemónicas y uno, por más que intente trabajar abiertamente, tiene una tendencia a reforzar la cosa hegemónica y por eso fue una experiencia que le agradezco a Fidias, era un placer trabajar con él. Teníamos una relación afetuosa personal. Yo no tenía nada que ver (políticamente) con Fidias, pero era una persona dispuesta a trabajar con otros, a respetarse.

**CM y OC:** *En la base de la Reforma está el pluralismo. Era esto lo que se ponía en juego ¿no?*

**AF:** Se ponía en juego totalmente. De hecho había en ambas agrupaciones grupos duros, halcones y palomas.

**CM y OC:** *Nos gustaría hacer hincapié en esta actividad que vos planteaste en el Centro Racker (CR), ya que fue una actividad más cercana a la clínica y más cercana a los analistas en formación que comenzaban una experiencia clínica simultánea a su formación. ¿Qué recordás de aquellos días, qué anécdota viene a tu mente?*

**AF:** En general me gusta la gestión con la idea de hacer algo diferente. Me gustaba estar mucho tiempo trabajando con el grupo, tirando ideas para ver cómo se podían hacer las cosas diferentes. Creo que produjimos un movimiento muy importante desde la gestión de Andrés (Raskovsky). Del CR estaba la idea que un grupo de didactas se

---

3 Centro Investigación y Asistencia a la Comunidad de APA.

llevaban los pacientes para su consultorio. No me consta que fuera real, pero la idea circulaba. El cuestionamiento venía porque en CR no se hacía clínica ni investigación. Con Victoria Korín tratamos de instalar un dispositivo lo más parecido posible a la técnica psicoanalítica. En aquella época había dos corrientes, una que proponía una atención psicoterapéutica volcada a la comunidad y nosotros que queríamos que fuera un Centro en que se pusiera a la gente en contacto con psicoanalistas; buscamos un dispositivo que fuera lo más respetuoso del encuadre psicoanalítico; entonces, nada de equipo de admisión como hasta ese momento que estaba en boga el modelo hospitalario; nosotros dijimos desde el principio tomemos el modelo de Maud Mannoni en “La primera entrevista con el psicoanalista”. Los pacientes iban directamente al consultorio del psicoanalista asignado; luego se hacía una entrevista grupal con varios psicoanalistas, se charlaba y se hacía como una especie de supervisión de esa primera entrevista con el paciente. Quitamos la idea de admisión para jerarquizar el encuentro con el psicoanalista.

**CM y OC:** *¿Había Candidatos?*

**AF:** Había candidatos que hacían el seguimiento de cada paciente, de cómo se distribuían en relación al listado de analistas que CR disponía, cosa que hasta ese momento estaba concentrado en la autoridad del CR. Esa tarea fue delegada a los candidatos para que hubiera más transparencia. Hicimos un arreglo con los Departamentos de Familia-Pareja, y Niños-Adolescentes para que hagan investigación con un porcentaje de las consultas recibidas en el CR. Con esto evitábamos que los departamentos de APA monopolicen las consultas del Centro. Asegurábamos así que cualquier analista (candidato o no) pudiera tener experiencia clínica en Familia y Pareja sin el condicionamiento de tener que pertenecer al Departamento en cuestión. Esto fue lo que más fuerza tuvo en nuestra gestión, el cambio de dispositivo que llevó a reemplazar al equipo de admisión por las primeras entrevistas con el psicoanalista.

**CM y OC:** *Siempre trataste, en tus gestiones, de promover actividades novedosas.*

**AF:** Y sí, traté de hacerlo. En general las cosas novedosas que hemos promovido han perdurado. Todas las actividades de APA que tienen que ver con Grupos de Estudio, Espacios de Autor, Grupos de Investigación...las inauguramos nosotros en el 2000 (Abel Fainstein fue elegido presidente de APA durante el período 2000-2004). Sin ir más lejos, los escritos breves que hoy se promueven en APA, fue la primera participación importante de la membresía de APA en la actividad científica. Antes sólo lo hacían no más de 30 personas por año; con los escritos participan muchos más. Me acuerdo una vez que le pregunté a Jorge Canestri: “¿cómo hago una agenda científica?” Él me dijo: “La actividad científica se arma con la actividad de los miembros. Vos tenés que ser el que organiza lo que los miembros producen. No tenés que inventar vos la agenda científica.” A partir de ahí, de esa idea, que me quedó como muy fuerte, propusimos las “comunicaciones preliminares” que son el antecedente de los escritos breves. Llegaron a presentarse cerca de 150 Comunicaciones Preliminares por cuatrimestre.

**CM y OC:** *Hace un rato hablábamos que en FEPAL todo el mundo quiere participar... ¿tendrá relación un hecho con otro?*

**AF:** ¡Claro!...uno tiene que pensar todo el tiempo que tenemos una masa artificial, tenemos una tendencia a la psicología de las masas...

**CM y OC:** *Pero, no escapamos a eso...*

**AF:** Aunque tenemos que estar todo el tiempo advertidos de ello. Y uno tiene que pensar toda la política institucional desde ese vector.

**CM y OC:** *En ese sentido, ¿por qué les dirías a los candidatos que la propuesta sería participar? Porque la palabra política genera cierta resistencia ¿por qué les dirías a los candidatos que la propuesta es participar institucionalmente?*

**AF:** Me parece que es una posibilidad de transformación, de cuidado. Viste eso que dice Freud: “Las instituciones tienen que cuidar a los productos de la cultura de la destructividad humana”. Esa es la función de las instituciones. También una institución es una reglamentación de algo. Cuando uno instituye algo -pienso en el libro de Mirta Goldstein y Cecilia Moise: “Pensando la Institución”- debería comprometerse con la política institucional. Las instituciones psicoanalíticas corren serio riesgo de transformarse en masas artificiales y la única manera de evitarlo es un trabajo institucional permanente, y ese trabajo ¿quién lo hace? ¿quién mejor que los psicoanalistas para pensar y hacerse cargo de esa tarea de institucionalizar el psicoanálisis en aras de que no sea destruido un producto de la cultura, como dice Freud?

### **Yo, candidato.**

**CM y OC:** *Cuál sería el lugar del candidato en relación a este tema? Pensábamos en esta frase que usamos con frecuencia entre los candidatos a partir de una referencia de Mirta Goldstein: “El candidato es responsable de sus transferencias”*

**AF:** Si yo soy un candidato y quiero ser analista, tengo que pedirle a la institución que me de las mejores condiciones para que yo me analice. Para mí, la institución que me obliga a analizarme de tal o cual manera, va en detrimento de lo que yo creo que tienen que ser las mejores condiciones para un análisis. Entonces yo, candidato, tengo el derecho de exigirle a mi institución que me explique el sentido de la reglamentación en tanto me asegure las mejores condiciones para un análisis. Por eso recomiendo a los candidatos que se metan en política institucional, me refiero porque si no será sostener un *status quo* de pura obediencia a las normativas. Si yo pienso que ahora estamos bien y no hay que meterse en política, estoy equivocado, porque todo el tiempo uno ve los efectos de la psicología de las masas. Es decir, hay que estar atentos, advertidos de las identificaciones imaginarias -al decir de Moustapha S A Fouan-. El que está en análisis fácilmente puede caer en identificaciones imaginarias y hay analistas que defienden las familias analíticas y generan grupetes de transferencias cerrados. Pero si uno pretende, como objetivo de la transmisión del psicoanálisis, que haya cada vez mejores analistas,

como dice Miller, el desafío de toda institución psicoanalítica es que haya nuevas generaciones de analistas. Fijense en esto, el desafío no es cuidar el psicoanálisis, sino que haya nuevas generaciones de analistas. Otto Kenberg en Niza (2001) dijo: “La IPA no es más garante del psicoanálisis, el psicoanálisis es ya un producto universal, de la cultura”. La IPA tiene una tradición cuidadora, lo cual es un serio problema porque lo cierto es que el, sin como psicoanálisis crece más por fuera de la IPA; y crece en base a transferencias, entusiasmos, motivaciones...Creo que tenemos que pensar cómo hacer para que haya nuevas generaciones de analistas.

**CM y OC:** *Cuando hablabas, decías en primera persona “yo, candidato” ¿desde qué lugar el candidato se puede ver convocado para esta tarea?*

**AF:** Creo que los claustros son una buena manera de incluirse, aunque yo no participé en el Claustro en su momento, pero tuve la suerte de participar muy tempranamente como adherente. Claustro es una manera de empezar a meterse en política institucional. Lo que a mí no me convence es esa identificación al Claustro de Candidatos, a OCAL o a lo que fuera porque me parece que es un momento de paso, en el cual se me ofrece la oportunidad de hacer cosas en política institucional, pensar cuestiones desde lo institucional. Ahora, esa cosa de defensa identitaria en los candidatos... me parece innecesaria. Aclaro que en Europa también se da lo mismo. Da la sensación de que ¿para qué tanta defensa identitaria? ¿Por qué no hay una cosa más de circulación?... Es lógico que los candidatos se junten para hablar de sus cosas, son un grupo de pares que se juntan para hablar de problemas específicos de los candidatos, ahora, cuando adquiere esa cuestión tan...”nosotros hacemos algo separado” yo no lo entiendo. ¿Qué diferencia hay entre vos y yo? ¿Que yo tengo unos años más que vos?

**CM y OC:** *Parece que entramos casi imperceptiblemente en la línea de la nominación del Congreso de San Pablo “Tradición-Invencción” en donde hay un trabajo permanente entre una tendencia a conservar y básicamente a desvitalizar cuando uno se pone más conservador y otra tendencia transformadora que hace jugar los cambios en pos de la vitalidad. Por otro lado esto que vos captabas como un exceso identitario es tal vez como una fotografía; en realidad lo que nosotros estuvimos viendo en nuestras visitas por casi todo Latinoamérica es que la oferta del trabajo entre pares, tenía para muchos candidatos la oportunidad de colocarse cerca de esa idea de la transformación y poder salir de esto otro que vos comentabas que eran las familias analíticas que viven de los candidatos en muchos sentidos, que es muy fuerte en las instituciones que son más pequeñas. Entonces, a veces, esa defensa encendida a las cuestiones de OCAL, creo que tiene que ver con ese juego de transformación y conservación en donde muchos candidatos han abrazado la cuestión de OCAL en función de cierta transformación, sabiendo que es un ámbito transitorio que se entra por un lado y se sale por el otro...*

**AF:** Por eso, yo estoy de acuerdo...esto va en la misma idea que dije antes. Todo lo que tiene que ver con intercambio plural que rompa identidades consolidadas es bienvenida. Lo que digo es que ese refuerzo identitario tan fuerte, que aparece como “nosotros los candidatos” me parece que es tan riesgoso como cualquier otro modelo identitario. A mí me parece que está bueno el modelo de OCAL en tanto facilita el empezar a interiorizarse del quehacer institucional.

**CM y OC:** *¿Por qué razón te parece a vos que los candidatos participan tan poco?*

**AF:** ¡A eso voy! Yo, si le tengo que decir a un candidato por qué es importante participar le diría que en vez de reforzar su identificación con OCAL, si le interesa la política, OCAL es su primer escalón para meterse en la política institucional y OCAL debe comenzar a meterse en la política institucional.

Pero vos fijate esto. Tomemos lo que pasó con el Congreso como muestra.

*(Abel se refiere a un reclamo, que surgió de algunos candidatos en Buenos Aires, en relación al elevado costo de la inscripción al Congreso de FEPAL. En una reunión que Abel tuvo con ellos, la discusión se tornó encendida y entusiasta; el resultado de ello fueron frases tales como: Desde los candidatos: "Si no podemos concurrir al Congreso de FEPAL por los altos costos, por lo menos que nos permitan asistir a nuestro Congreso (refiriéndose al de OCAL)". Abel: "Si no quieren ir al Congreso de FEPAL, en el cual está enmarcado el de OCAL, entonces tendrían que hacer un Congreso aparte". Finalmente fruto del diálogo, el resultado se cristalizó en las becas que ofreció FEPAL a los Candidatos reduciendo el costo de la inscripción)*

Se plantea hacer un congreso separado de FEPAL. Los candidatos de FEPAL o de OCAL que van a ser de FEPAL se plantean hacer un congreso separado por un problema de dinero o por lo que fuera. Yo digo: ¿qué estamos generando? Si el candidato que está hoy en formación, no puede tener en claro que ese planteo es dañino para el movimiento psicoanalítico internacional, porque hace que esa persona en vez de generar la transferencia positiva y de trabajo con FEPAL y con la IPA, más bien piense como se borra de FEPAL y de la IPA...yo digo, cuando tengamos dentro de 5 años a esta gente en la actividad institucional... ¿vos pensás que esa gente va a tener transferencia con la IPA y con FEPAL? Yo creo que no.

**CM y OC:** *Hay muchos Candidatos que ni siquiera saben qué es OCAL; IPSO, FEPAL o IPA*

**AF:** ¡Pero no lo pueden ignorar!

**Yo, ¿quién soy?**

**CM y OC:** *El gran tema es la identidad de pertenencia. Es difícil sentirnos pertenecientes a una institución sea FEPAL o IPA cuando en verdad somos candidatos a una membresía.*

**AF:** ¿Cuál es el horizonte que tenemos por delante? ¿De pertenencia a esta comunidad internacional o de no pertenencia?...lo que yo veo es una franca hostilidad y poca voluntad de pertenencia. No solamente por parte de la gente joven, o sea, los candidatos, sino también en un grupo importante de miembros.

Por qué de repente lo que tenemos que buscar es una creciente aproximación de las nuevas generaciones... En Buenos Aires hay muchas posibilidades de incluirse en una institución psicoanalítica. Lo que tienen las nuestras, es que pertenecen a FEPAL y a la IPA, y yo soy un fuerte defensor de una institución que pertenezca a esa comunidad;

entonces, si soy dirigente de esa institución quiero un semillero de gente que defienda eso. Ahora resulta que el semillero que yo estoy planteando me está avizorando una situación de acá a 10 o 15 años, en donde no hay una creciente inclusión en la IPA-FEPAL. Si tengo un montón de cosas que criticar a estas instituciones, lo hago desde adentro, participando...

**CM y OC:** *Pero si no hay claustro participativo ni una política participativa, eso no se produce*

**AF:** Estoy de acuerdo, me parece bien, pero la política del claustro en vez de insistir en una corriente paralela de refuerzo identitario, yo creo que tiene que ser de creciente inclusión en el comercio asociativo...Entonces, lo que le pido a los dirigentes de OCAL es que, en vez de estar organizando solamente actividades entre ustedes, hagan reuniones para informar cómo andan las relaciones de las instituciones con la IPA, cómo es esto de las elecciones en la IPA, qué modelos de formación propone la IPA...

**CM y OC:** *Pero de hecho te pasó a vos como candidato, entraste a la institución y no participaste del claustro como candidato... probablemente era otro momento político; este también es otro momento político. Hoy, vos le preguntás a un candidato que recién ingresa que está con la supervisión, los seminarios, su análisis personal, qué pensás de la IPA...*

**AF:** Si ya sé. No le interesa

**...y en la calle codo a codo somos mucho más que dos. (M. Benedetti)**

**CM y OC:** *Entonces lo del Claustro, lo de OCAL es como un ejercicio, un precalentamiento...*

**AF:** Pero yo estoy hablando de los grupos dirigentes. La APA tiene un claustro muy activo, muy dinámico científicamente, que aporta mucho al comercio científico institucional. Yo me pregunto, ¿cuándo el claustro (los dirigentes) participó para enterarse de cómo son las cosas a nivel institucional?. No voy a pretender que los candidatos se interesen por ello si ni siquiera los asociados lo hacen.

**CM y OC:** *Pero ¿cómo se genera eso...?*

**AF:** Esto es tarea de los dos lados. Hay que sentarse y charlar. Esto que estamos haciendo nosotros.

**CM y OC:** *De alguna manera nuestro interés institucional pasa por generar el interés en el grupo de candidatos. Primero para que se reúnan, segundo para que empiecen a ver la importancia de estar organizados, que empiecen a interesarse por lo que le da su institución en los distintos espacios de actividad...*

**AF:** Yo veo una creciente transferencia negativa con el psicoanálisis internacional. Y así como pienso que a un analista le viene bien, por lo menos en una época de su vida, analizarse con alta frecuencia de sesiones, creo que pertenecer al movimiento internacional rompe identidades locales...

**CM y OC:** *Entonces seguiría la línea del por qué habría que participar, porque hay herramientas y organismos propios que son medios para un fin...*

**AF:** Para mí un intercambio está en la línea de lo que creó Claudio Eizirik, es decir el CAPSA, la idea de una fertilización cruzada. O sea, tiene que haber intercambio entre distintas culturas, distintos grupos analíticos. Evitar la tentación de la psicología de las masas, evitar las familias, la endogamia, los grupetes de las sociedades pequeñas. Facilitemos que circule la pelota...

**CM y OC:** *Este desinterés que vos comentabas no es un acto hostil contra el psicoanálisis internacional, es contra los analistas instituidos en esas familias en donde más de un candidato se siente sometido; entonces pateo, hincha, golpea... No somos una institución de analistas somos una institución psicoanalítica, es eso lo que se pierde...*

**AF:** Yo creo que sí. Acuerdo con eso.

### **OCAL¿ Un centro de estudiantes?**

**CM y OC:** *Porque si funcionamos como un club la cosa no está bien. Por eso en relación a esa frase que pronunciaste "OCAL es como un centro de estudiantes", no somos un centro de estudiantes, somos un grupo de psicoanalistas que está postulándose para acceder a una membresía. Que sea un lugar de paso es una cosa, que sea un centro de estudiantes es otra.*

*(La referencia a "OCAL es un centro de estudiantes" fue una frase expresada por Abel en una reunión, vía Skype, que tuvo con la Directiva de OCAL)*

**AF:** Pero a ver...explícame...no alcanzo a...para mí cuando digo centro de estudiantes, digo un lugar de paso, es decir mientras estoy ahí, mi lugar es la IPA y FEPAL, como no puedo entrar directamente tengo que estar 4 o 5 años formándome en esto y, mientras tanto, hago cosas para la política desde mi lugar. Pero es un lugar de paso, a eso me refiero. Ahora, sabemos que hay gente que está en el centro de estudiantes 10 años como en la Facultad de Medicina. Por suerte no pasa en la institución psicoanalítica.

**CM y OC:** *Justamente la figura del centro de estudiantes no cuaja en esto que estamos hablando. La mayoría de las instancias institucionales tienen que ser transitorias...*

**AF:** más transitoria mejor...

**CM y OC:** *Aquí vendría bien la frase de Lacan en este punto: "Reúnanse un tiempo, el tiempo que haga falta y luego disuélvanse para hacer otra cosa"...*

**AF:** Estoy totalmente de acuerdo.

**CM y OC:** *Ese es el punto. Desde ese lugar sí pensamos que es de transición, tanto OCAL como el Claustro de Candidatos, pero al mismo tiempo es preparatorio para otra instancia.*

**AF:** El asunto es para qué queremos preparar...

**CM y OC:** *Para una participación más activa...*

**AF:** Si pero...

**CM y OC:** Científica y política. En esta línea de transformación que sorteaba lo conservador.

*En este momento, agitados por la charla, hicimos sorpresivamente un alto, una tregua de silencio. Los ojos fijaron un punto cualquiera de la gran habitación. Solo se escuchaban las cucharitas de café haciendo remolinos. Poco a poco las palabras retomaron su destino.*

**Yo tengo tantos hermanos...que no los puedo contar.** (Atahualpa Yupanqui)

**CM y OC:** Lo que pensamos es que los candidatos requieren de cierto pacto fraterno para su inserción institucional y eso se da en esa zona que es el Claustro de Candidatos y en una instancia internacional en los espacios de OCAL e IPSO.

**AF:** Estoy de acuerdo, necesitamos el pacto fraterno para una etapa posterior, lo que digo es que eso no se logra automáticamente, porque el pacto fraterno tiende a perpetuarse como pacto fraterno. Entonces la responsabilidad del dirigente institucional es la de generar que haya nuevas generaciones de analistas dirigentes...

**CM y OC:** Ese es el punto. La preocupación debería ser porque siga la actividad interinstitucional. En Argentina reinstalando las jornadas de candidatos de las diferentes instituciones, en Brasil creando la Asociación de Candidatos de Brasil, en México sosteniendo las jornadas de candidatos a nivel nacional... Tenemos que instalar la idea que OCAL es a FEPAL como IPSO es a IPA

**AF:** ¡Perfecto! ¡Eso es! Estoy de acuerdo

**CM y OC:** Pero esa relación no está instalada en los candidatos de América Latina.

**AF:** Muy bien eso hay que transmitirlo pero con la fuerte convicción de que es a IPA, que la relación con IPA es un eje transitivo...

**CM y OC:** Con las diferencias de cada región. Vos hablabas, al principio de la entrevista, que fuiste al Congreso Europeo de Psicoanálisis donde participaban prolijamente cerca de 800 personas; estaban los que exponían y estaban los que escuchaban. Acá en FEPAL todo el mundo quiere hablar y escuchar... más o menos. Estas son también las diferencias que hemos encontrado en las visitas que hicimos a las diferentes asociaciones de América Latina. Nosotros íbamos con un mensaje de "participemos, no nos quedemos en alumnos de escuela que nos vienen a dar la clase y punto". Y nos encontramos con candidatos que se entusiasman muchísimo y otros que se horrorizan por miedo a perder la pertenencia a su grupo de dependencia. En esos momentos no existe OCAL, IPSO, FEPAL ni IPA. Frente a la pregunta: ¿Ustedes saben que están candidateados para pertenecer a IPA? La respuesta es ¡¡No!!

**AF:** Este tipo de síntomas deberían ser el objetivo de esta alianza fraterna. Es decir una alianza que esté estimulando el intercambio clínico y teórico entre pares, pero a la vez orientada al fortalecimiento institucional en relación al eje IPA-FEPAL-ASOCIACIÓN LOCAL.

**CM y OC:** Por eso este problema que surgió a partir del dinero es una fotografía que da cuenta de todo el proceso, que va más allá de que si hay una tendencia separatista o no.

### **¡Psicoanalistas, a la escuela!**

**AF:** Creo que los que tenemos cierta responsabilidad institucional deberíamos ponernos de acuerdo hacia dónde queremos ir. Como un nexo entre las nuevas generaciones y las generaciones que actualmente conforman las instituciones. La transmisión tiene que ser una tarea conjunta entre las nuevas generaciones y nosotros que tenemos cierta experiencia. Está muy bien que los candidatos se reúnan y discutan clínica y teoría psicoanalítica, pero también está bueno que discutan su inserción y pertenencia institucional, en relación a FEPAL e IPA; y también que se relacionen con el ambiente hospitalario y, por qué no, con el universitario.

Cuando planteo el problema institucional, no es exclusivamente en relación a los candidatos, es un tema que atañe a toda la membresía.

**CM y OC:** *Parece que en las Asociaciones, FEPAL e IPA no están en el horizonte de sus intereses. Por otro lado es muy interesante lo que decís porque se enlaza con lo que charlábamos al principio de la entrevista. Tu inserción en la política institucional fue de la mano de un grupo muy activo de analistas de APA que empezaban a poner sus ojos en el movimiento psicoanalítico internacional y regional. Cuando Néstor Goldstein te invita a participar en la actividad, era en la misma época en que él (Néstor) era protagonista del nacimiento de FEPAL.*

**AF:** Es muy cierto. También es cierto que pagamos un costo muy alto por quedar fuera de la Universidad. O sea nos enfocamos mucho en el escenario internacional y descuidamos el escenario interno, perdiendo un protagonismo sustantivo en el espacio académico universitario. A mí me parece que el desarrollo del psicoanálisis tiene que tener alguna pata universitaria por dos razones: por el tema de la acreditación y por el tema de la investigación.

Actualmente en la mayoría de las instituciones en las que se transmite el psicoanálisis (de IPA o fuera de ella) no fomentan la investigación y esto puede ser muy simpático para “la parroquia” pero para “el AFuera” cualquier disciplina que no tenga un serio esquema para la investigación es muy cuestionable. Con un 5% de los psicoanalistas que haga investigación sería suficiente sustentar un esquema serio de investigación validado académicamente, para que el psicoanálisis tenga un lugar en el ámbito del saber universal, es decir la universidad. El psicoanálisis debe tener un método de investigación respetable. Nosotros no tenemos un entrenamiento en esto.

A mí, Abel, personalmente no me interesa, pero sé que necesitamos disponer de capacidad de investigación seria y validada académicamente. La mayoría de la gente joven que abraza el psicoanálisis no tiene inserción académica universitaria porque no tiene entrenamiento en investigación, la mayoría de los artículos psicoanalíticos se publican en publicaciones que no son consideradas en cualquier índice académico. ¿Qué queremos hacer del psicoanálisis, un club de intelectuales que les interesa un producto cultural como el psicoanálisis o pretendemos que tenga un lugar en el ámbito del conocimiento, de las ciencias? Entonces, por esas dos razones es importante y necesario volver a tener inserción en la universidad.

**CM y OC:** *Un eje fuerte de tu mensaje es trabajar para las nuevas generaciones de analistas...*

**AF:** *¿Y cómo se trabaja para eso? atravesando el esquema de las identificaciones*

**CM y OC:** *A ver...los temas centrales de esta charla: el análisis del analista, la reconquista del ámbito universitario, la inclusión de los candidatos en la política institucional e internacional... ¿Cuánto de esto es un legado para la próxima gestión de Fernando Orduz?*

**AF:** De alguna manera es parte de lo que venimos haciendo...ahora, ¿a cuánto de esto se le dará continuidad? no lo sé...pensándolo bien...yo soy un poco escéptico en relación a un legado...no sé cómo va a seguir...creo que Fernando va a seguir con el proyecto de inserción del psicoanálisis en la universidad, pero...los proyectos tienen su propia dinámica más allá del tiempo formal de vigencia de una Directiva. Hay ideas que surgen en una administración y se desarrollan 10 años después.

*I have a dream. (Yo tengo un sueño)*

**CM y OC:** *¿Y hay alguna idea novedosa que tengas en mente?*

**AF:** Hay algo que quise hacer para este Congreso pero no se pudo, que es una suerte de ted o stand up psicoanalítico. O sea que alguien se pare en una tarima y disponga de equis minutos para hablar de lo que se le ocurra en relación al psicoanálisis...

**CM y OC:** *Bueno, tu insistencia en crear nuevos dispositivos para congresos y jornadas lo hemos tomado como propio, y lo, sin coma proponemos en cada evento en el que participamos...*

**AF:** Por eso, lo importante es pensar a futuro, no quedarnos con lo que promueve una idea hoy sino con lo que puede generar dentro de un tiempo.

*El grabador se detuvo. No importa. Seguimos charlando, levantando la voz, moviendo los brazos como astas. Los tres intentábamos entonar la misma canción, a veces salía bien, otras, no.*

*“Tócala de nuevo, Sam”*

## Entrevista con Fernando Orduz

por Carlos Cesar Marques Frausino<sup>1</sup>  
y Luisa Pérez Suquilvide<sup>2</sup>

*Fernando Orduz es miembro de la Sociedad Colombiana de Psicoanálisis  
y futuro Presidente de Fepal (gestión 2014-2016).*

*“La clínica es el ejercicio del riesgo, del riesgo del pensar más allá de un  
fundamento, de un fundamento que en muchas ocasiones opera como un dogma.”*

**Carlos Cesar Marques Frausino:** *¿Qué piensas del pensamiento psicoanalítico en América Latina?*

**Fernando Orduz:** En relación al pensamiento psicoanalítico latinoamericano, comparto una visión que se ha venido trabajando desde el primer número de Calibán. Lo que nosotros hemos hecho en Latinoamérica ha sido una labor del mestizaje y de hibridación. Creo que nuestra cultura se ha sostenido un poco desde ahí, en el mestizaje de lo indígena con lo blanco, lo negro, lo árabe, para hablar de razas pero también podríamos pensar el cruce de ideologías, temporalidades. Lo que hemos hecho, para acogerme al concepto de García Canclini, es una hibridación de muchas formas de pensamiento. Creo que hemos asimilado y cruzado diferentes racionalidades y que ahí está la forma de pensar latinoamericana. Al interior de Latino América hemos tenido una visión colonialista, hemos siempre estado mirando lo que nos dice el colono, no sólo lo que nos dice el colono sino lo que nos dicen los diversos colonos y creo que ahí puede estar de alguna manera nuestra forma de pensar: siempre estamos haciendo mezclas o mixturas.

**CCMF:** *Y entonces ¿encuentras que tenemos un pensamiento latinoamericano propio?*

**FO:** Yo no me atrevería a decir que hay un pensamiento latinoamericano propio en el sentido de unicidad. Así como hay diferentes culturas, diferentes ciudadanías, diferentes lenguas, creo que hay diversas formas de pensar. Entiendo que al interior de nuestros contextos hay diversas formas de pensar latinoamericanas y esa es la forma de sostener la historia que cada grupo societario vive, así como las formas en las cuales cada analista tramita o transita una historia a través de lo psicoanalítico. En ese sentido, me parece que un pensamiento latinoamericano puede ser hasta sospechoso, porque la idea

1 Editor de OCAL, SPB. carlosfrausino@gmail.com

2 Vice-Presidente de OCAL, APU. luisaperez1@gmail.com

del pensamiento es ser diverso y no ser unitario. Insisto en la mixtura como una forma de pensar más que un pensamiento, por lo que diría que hay múltiples formas de pensar en Latinoamérica.

**Luisa Pérez Suquilvide:** *Desde los diversos colonos también nos llega una mixtura de pensamiento, ¿cuáles serían para ti las características de la mixtura latinoamericana dentro del pensamiento psicoanalítico?*

**FO:** Yo creo que aquí han existido unos anclajes de poder histórico psicoanalítico, ubicados sobre todo en la zona del Río de la Plata, tanto en Uruguay como en Buenos Aires, y cuando digo anclajes de poder, es porque continuamente estamos haciendo referencia a los fundadores del pensamiento psicoanalítico en Latinoamérica como Baranger, Garma, Pichon Rivière. Creo que en el psicoanálisis existe además una especie de culto a los padres originarios, un culto a Freud, por ejemplo.

Cada vez que se necesita sustentar alguna idea, a mi me parece que lo que zanja las discusiones es remitirse a la obra de Freud, como si en su obra estuviera un germen de verdad y no la emergencia de una problemática. Creo que de alguna u otra manera, esto se reproduce en Latinoamérica cuando recurrimos a una referencialidad de los pensadores de los años 70 que ocuparon la zona sur del continente. En la zona sur se da una copia de lo europeo, porque ahí es donde la migración tiene su eje más fuerte, pero no solo la migración sino el exterminio o la abolición de lo indígena. Es en esos lugares que fueron de tradición más europea, donde el pensamiento psicoanalítico pudo insertarse. Hoy en día pienso que Latinoamérica lo que está haciendo es una crítica, y cuando hablo de crítica me refiero al desmonte de lo que ha sido el dispositivo psicoanalítico tradicional. Un poco esto es la propuesta del modelo uruguayo en relación al los modelos, Eitington y Francés. El modelo uruguayo sería el ejemplo del riesgo de pensar un dispositivo que representa nuestra forma de operar en las urbes latinoamericanas. Es importante tener en cuenta que un modelo pedagógico debe tener en cuenta el contexto en el que se sitúa. Esto no es Europa, ni principios del siglo XX.

**CCMF:** *En relación a los modelos de formación, hablaste de que podríamos intentar hacer uno propio, uno que sea más adecuado al movimiento latinoamericano, ¿cómo verías esto?*

**FO:** No debería haber un solo modelo de formación. Yo cuestionaría un poco a nuestros Institutos cuando se casan con un modelo. Dentro del campo de lo psicoanalítico, me parece importante el poder pensar que los modelos hay que armarlos de manera permanente (a la manera del texto de Cortázar) para cada caso, para cada candidato, para cada país, para cada momento, para cada reto que se presenta a los procesos formativos en nuestras instituciones. Me parecen más interesantes los currículos o los planes de estudio donde los candidatos puedan optar libremente y navegar a través de una serie de seminarios posibles porque esto da pie a la historia de cada uno, es decir, a lo que cada uno quiere buscar, el camino que cada uno quiere construir desde el punto de vista psicoanalítico. Casarse con un solo modelo, que exista un solo modelo de formación, esa idea de unicidad, atenta contra el pensamiento psicoanalítico que busca la diversidad, que piensa lo múltiple. De alguna manera eso es algo que tendríamos que poner en cuestión, que no existieran solamente uno, dos o tres modelos, sino que el modelo debe

estar en una continua formulación, la modernidad esta basada en la noción de crisis. La institucionalidad debe repensarse de manera permanente

**CCMF:** *En tu futura gestión ¿cómo entiendes, imaginas o planeas la relación entre FEPAL y OCAL?*

**FO:** Yo quisiera una comunicación mucho más permanente, más directa con OCAL porque me parece que de una u otra manera muchas personas siendo candidatas, quedan en determinado momento como en una especie de limbo en sus procesos formativos y eso alarga mucho el proceso de formación y retarda mucho la vinculación con FEPAL. Lo que a mí me parecería ideal, es que OCAL pudiera tener una representación en la mesa directiva de FEPAL. Eso me parecería importante - y lo digo en relación a la experiencia en mi Sociedad- porque en ocasiones se plantea un abismo grandísimo entre lo que es la Sociedad como tal y lo que son los candidatos. No sé cómo funciona en otros lugares, pero yo siento un dispositivo de control donde se retiene y regula la información hacia los candidatos. A mí me interesaría todo lo contrario, que la comunicación sea mucho más directa, más franca, más abierta y que lo que se está tramitando en FEPAL sea conocido por las personas de OCAL. El hecho de tener dos revistas es un ejemplo, una de FEPAL y otra de OCAL – no digo que no haya que tenerlas, más revistas es mejor – pero me parecería importante que en el desarrollo de *Calibán* que es la revista del pensamiento latinoamericano, haya mucha participación de candidatos, porque el candidato tiene el deseo, la fuerza, el anhelo del proceso formativo y me parece que tiene una capacidad de compromiso mucho más fuerte en ocasiones, que las personas que ya tienen una membresía oficial frente a la IPA o a FEPAL. Insisto, para mí sería importantísimo que OCAL pudiera participar de las actividades de FEPAL.

**LPS:** *¿Cómo llegas a la formación analítica y a la institución a la que perteneces?*

**FO:** Primero estudié Medicina. Cuando estoy haciendo Psiquiatría, en mi quinto semestre descubro la diferencia entre psiquiatría y psicoanálisis. Yo pensaba que la psiquiatría era psicoanálisis y en el sexto semestre de psiquiatría decido retirarme de Medicina porque me entero que están abriendo la formación psicoanalítica para Psicólogos, entonces tomo la decisión de pasarme a Psicología. Me validaban un montón de materias. Yo pensaba que psicología era psicoanálisis y me encontré con que si bien en la Universidad en la que estudié había una gran afinidad y afiliación hacia lo psicoanalítico, había una gran cantidad de materias que no eran psicoanalíticas. Hice Psicología en tres años y me gradué como Psicólogo.

Yo tengo otra formación que es artística y estuve estudiando esto en escuelas de educación no formal y me fui a estudiar danza contemporánea a Nueva York. Cuando estoy en Nueva York, a punto de hacer una audición para entrar a la Martha Graham School, me llegó una carta de la sociedad de Psicoanálisis diciéndome “Ud. acaba de ser aceptado como candidato a formarse en la Sociedad” y me tocó en ese momento de la vida tomar una decisión: si me dedicaba al ballet o al psicoanálisis. Tomé pues la decisión de entrar al Psicoanálisis y digamos que fue fuerte porque me encontré con una formación muy ortodoxa y muy tradicional para mi gusto, sin mucha reflexión crítica sobre los textos, un poco con la repetición de un discurso muy de los años 60 argentino de la APA,

como si esto fuera un poco la biblia. No digo que todo fuera así, pero en determinado momento me sentía un poco repitiendo “capítulo I, versículo 4” y me parece que se perdía mucho de la crítica al interior del proceso formativo. Recupero que el ejercicio clínico, el ejercicio de las supervisiones colectivas e individuales fue muy rico y muy fructífero.

Ahora, en los seminarios teóricos hay un culto muy fuerte al autor. Culto que yo he denominado autor-itarismo, como si fuera palabra de Dios, amén. Hay además divisiones, sos freudiano, kleiniano, winnicottiano y yo pongo todo eso en cuestión, no se es nada de eso. Uno piensa a partir de una serie de reflexiones que otros autores han planteado pero me encontré con una formación muy centrada en los autores, para bien o para mal. Me parece que eso lo que hace es cultivar, insisto, el culto al autor. Para mí fue muy rico en determinado momento de mi proceso, encontrarme con el mundo de FEPAL. De pronto sentía a mi Sociedad muy arraigada a determinadas formas de pensar, que no se abría a otras formas de pensamiento. El mundo de FEPAL me parece que es un mundo muy rico en diversidad de pensamientos y en permitir una coexistencia crítica de diversos modelos y de diversas formas de pensar. Me parece que eso es lo que debe ser un pensamiento psicoanalítico.

Yo he insistido mucho en eso, me parece que la riqueza del pensar psicoanalítico está en la variedad y en la posibilidad crítica de un sistema de pensar a otro sistema de pensar, pero sobre todo que podamos autocriticar y autoreflexionar sobre nuestros propios principios analíticos, tanto en la teoría, como en la técnica, como en la clínica. Eso es lo que me pudo bridar FEPAL en el universo psicoanalítico y en ese sentido me he reencontrado con lo psicoanalítico en la medida en que he podido participar de congresos y de encuentros a nivel latinoamericano.

**CCMF:** *De acuerdo a tu visión del psicoanálisis en América Latina, a su diversidad, al culto o no a los autores sean colonos o colonizados, ¿cómo piensas la gestión de FEPAL desde el punto de vista institucional?*

**FO:** A mí me parece que uno debe promover a nivel institucional el trabajo de una clínica que esté poniendo en cuestión los fundamentos teóricos y no de una clínica que ilustre los modelos teóricos. Hay dos formas de proceder, una en la cual el trabajo clínico ilustra el concepto teórico, por ejemplo, aquí está el concepto de represión, aquí el de identificación proyectiva, etc. Para mí ese es un trabajo de tipo ilustrativo. A mí me parece que la riqueza del quehacer psicoanalítico es que los casos nos pongan en cuestión esos principios, esos fundamentos teóricos que tenemos cuando nos enfrentamos a un paciente. Otra forma del ejercicio de la clínica es poner en riesgo los conceptos fundamentales: la transferencia, los mecanismos de defensa, la noción de yo, por decir algunas ideas. El caso clínico pone en riesgo el concepto y lo que de alguna manera tiene que hacer una institución es poder acoger la crítica que un analista hace a partir de la reflexión sobre su trabajo clínico, que pueda poner en cuestión estos principios fundamentales que se transmiten acríticamente de una generación a otra o de un proceso formativo a otro. La clínica es el ejercicio del riesgo, del riesgo del pensar más allá de un fundamento, de un fundamento que en muchas ocasiones opera como dogma.

**LPS:** *Desde este lugar, ¿cuáles son tus proyectos para la gestión de FEPAL en los próximos dos años?*

**FO:** Eso lo estamos armando con el grupo de trabajo pero te voy a plantear algunos principios generales. En primer lugar, favorecer la comunicación entre las diversas Asociaciones recurriendo en especial a las redes virtuales. Para mí estas redes han gestado una transformación de los procesos culturales. En el psicoanálisis ha tenido repercusión en la técnica, las redes virtuales han generado la posibilidad de preguntarse si es posible realizar un psicoanálisis o no, a través de estas vías. Más allá de si eso es posible o no – no quiero caer en esa discusión – la cuestión es pensar de qué manera estos medios afectan nuestros procesos. La interactividad está en la cotidianidad, es por ello que uno de los elementos que quisiéramos trabajar es que si tú estás en APU, pudieras estar conectada y enterarte de lo que está aconteciendo científicamente en Monterrey o Guadalajara. O que si yo estoy en Caracas, pueda conectarme y participar de un evento que acontece en Lima, o que si yo estoy en Santiago pueda conectarme con el simposio de alguna Sociedad psicoanalítica de Bogotá.

En ese sentido uno de los elementos que para mí es fundamental es que el intercambio a través de estas redes virtuales favorezca el proceso de comunicación y de diálogo entre las diferentes asociaciones que componen FEPAL y no esperar al encuentro real y físico del congreso. En ese orden de ideas me parece importante que haya foros virtuales en gran cantidad, que haya participación virtual de personas que no puedan asistir a congresos vía presencia física.

Un segundo elemento es poder hacer una reflexión sobre el pensamiento psicoanalítico no solamente a partir de la clínica individual, sino poder hacer una reflexión a partir del trabajo comunitario o a partir de la inserción del psicoanálisis en la cultura.

A mí me parece que el psicoanálisis, sin necesidad de que se convierta en una teoría de “todo lo comprende”, tiene herramientas para poder pensar elementos que hacen parte de lo social, insisto, tanto en el área comunitaria como en la idea de la cultura, pienso por ejemplo en los procesos artísticos. Me parece que ahí hay una relación muy rica y muy fuerte. Creo que lo social y lo artístico tienen mucho del saber psicoanalítico y que el saber psicoanalítico tiene una relación muy importante con estos dos campos. En este sentido me parece que el pensar psicoanalítico, las metapsicologías psicoanalíticas pueden nutrirse, además de los pacientes, con una reflexión que provenga de otros campos donde nosotros estamos inscriptos. Estamos recibiendo continuamente requerimientos o interrogaciones a partir de los hospitales o de centros comunitarios de atención social, de situaciones de violencia, o de procesos de creación artística que nos interrogan mucho y podrían permitir el crecimiento del pensar psicoanalítico.

Hay otros elementos -a partir de tu pregunta- que parecen difíciles de tocar. Por ejemplo, yo puedo pensar que la institucionalidad psicoanalítica debe repensar sus fundamentos y sus procesos formativos, pero por la forma en cómo está organizado FEPAL, esto es una cosa que le toca a cada Sociedad o a cada Asociación. Como FEPAL, yo no puedo entrometerme, digámoslo así, en el proceso que cada grupo o cada Sociedad está realizando. A mí me parece que hay algo de lo instituido que se vuelve una cosa muy difícil de cuestionar porque hace parte de nuestra identidad.

¿Qué hemos pensado nosotros? Hacer una revisión de estatutos para ver qué alcances o en qué procesos puede incidir FEPAL como institución externa frente a las Sociedades a nivel particular, pero este acaba siendo un tema muy espinoso porque va a tocar callos o puede irritar. No me gusta como lo voy a decir, pero pareciera como que políticamente no sería muy correcto. Pero de una u otra manera, el proceso formativo hay que pensarlo y de forma permanente. De hecho hay encuentros de las instituciones educativas que lidera la comisión de educación y estas discusiones hay que llevarlas a los Institutos de cada Asociación, o que el trabajo de las Sociedades permee un poco la reflexión de FEPAL en torno a la institucionalidad.

**LPS:** *¿Algo de esto se va a tratar en el Congreso de Buenos Aires?*

**FO:** Eso no lo sé, yo no he estado participando de la organización del Congreso de Buenos Aires. Nosotros queremos hacer un congreso, cuyo tema sea “Cuerpo” y de alguna manera hemos hablado que se pueda tocar el tema de la Institución como cuerpo. Hemos estado reflexionando sobre eso, el cuerpo se refiere al cuerpo tangible y real, pero cuerpo también refiere a un conjunto de personas o a un conjunto de instituciones. A su vez estamos pensando para dentro de dos años qué es lo que organiza un cuerpo institucional, esto si lo hemos discutido con el grupo.

**LPS:** *Parecería que estás pensando una apertura a mantener una relación viva entre las distintas Sociedades de América Latina que no se limite a los congresos cada dos años y que ésta pueda abrir la posibilidad que cada Asociación a través del conocimiento de lo que está pasando en las otras, pueda empezar a discutir su propia institucionalidad.*

**FO:** Si, pero lo que pasa es que todo esto es una utopía. Ese es el sueño, la idea que jalonaría el trabajo. Que lo logremos, no lo sé. La apuesta es a eso. Yo quisiera que eso se pudiera lograr pero también sé - y lo digo por mí mismo - que hay resistencias internas, resistencias internas institucionales, resistencias a la participación. Esto implica el modelo del foro y muchas veces la gente no le saca tiempo a este tipo de cosas.

**LPS:** *Desde OCAL se está impulsando lo mismo. Los candidatos quieren intercambiar, necesitan intercambiar y tienen la convicción que es el intercambio de la diversidad lo que enriquece y permite crecer. Este ha sido además el objetivo de esta directiva que ha denominado al Congreso de este año “Integración, Diversidad y (Des)envolvimiento: psicoanalizar en América Latina”.*

**FO:** No sabía eso, pero va por esa línea. Insisto en que integración no implica unicidad, implica vivir en la diversidad, en la riqueza de posibilidades de pensar lo psicoanalítico. Mientras eso se preserve, se posibilite, son válidos los encuentros porque son encuentros de diversidades y no de uni-versidades.

**CCMF:** *Estuve en un encuentro de IPA en San Pablo<sup>3</sup> en el que presentaste un trabajo sobre el cuerpo, con una idea que encontré interesante: la idea de un cuerpo en movimiento con diversas partes que componen el psicoanálisis en América Latina, una idea bastante refrescante y que contiene la diversidad. Este ha sido el lema de la directiva actual, Integración, Diversidad*

3 VII Jornada Lacan na IPA, realizado en la Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, 9 y 10 de mayo de 2014.

*y (Des)envolvimiento. Quisiera preguntarte ¿Qué podrías decirle a los candidatos para resaltar la importancia de participar en OCAL y en FEPAL? ¿Cuál es el mensaje que podrías dejarles?*

**FO:** Hablo desde la experiencia local más que desde una perspectiva latinoamericana, hablo de la experiencia de Colombia. El candidato vive muy sometido. La institucionalidad psicoanalítica societaria hace que el candidato se calle mucho, que tema participar. No sé cómo será en otros países, no sé cómo sea en Argentina, Brasil, Uruguay, o Chile, pero veo a los candidatos en ocasiones muy sometidos al orden institucional. De entrada me parece que ese mensaje no facilita un pensamiento científico y crítico. Por científico no hablo de la ciencia natural, sino – algo en lo que he insistido todo del tiempo- de un pensamiento que pueda poner en cuestión los fundamentos. Y cuando digo poner en cuestión los fundamentos, hablo de poner en cuestión los fundamentos de la institución.

En ese sentido a mí me interesa más que el candidato, las personas que están en un proceso formativo, tengan la posibilidad de poder cuestionar la institucionalidad sin ningún temor a las represalias, que a mí me parece que sí son ciertas. Veo que muchos analistas didactas, muchos analistas docentes, cuando son cuestionados en sus fundamentos generan o procesan formas de represalias hacia los candidatos. Lo digo por la experiencia que yo he visto en mi país. Tal vez esto no sea así en otros lugares, pero he vivido procesos donde parodiando la idea de “pegan a un niño”, es “pegan a un candidato”. Pero más que el hecho real que le peguen, es un poco la sensación que se vive en la institución: no puedo hablar, no puedo decir, no puedo manifestar. Cómo decimos en colombiano, tengo que pasar de agache, tengo que pasar por lo bajo y de esa manera me evito problemas.

A mí me parece que no hay que tenerle miedo al problema y que no hay que tenerle miedo a la confrontación. Y no estoy hablando de pelea sino de diálogo, el diálogo que permite discutir los fundamentos. Este sería mi mensaje, la participación del candidato en los procesos formativos a través de la crítica.

**LPS:** *Ese parece ser un punto neurálgico en las instituciones psicoanalíticas. Por ejemplo, en el Uruguay en que los candidatos participamos en muchas actividades institucionales junto a los miembros y donde tenemos una comunicación fluida, hay algo del peso de lo institucional que inhibe la expresión más libre del pensamiento de los candidatos y el poder cuestionar.*

**FO:** A mí ya de por sí eso me parece molesto. Yo no concibo que una institución que piensa, se maneje como una iglesia.

**CCMF:** *El Brasil está marcado por la diversidad. Es una constante la participación de los candidatos en la vida de cada instituto o de cada grupo, pero pensar individualmente, pensar diferente de lo instituido es algo difícil. Hay una política de participación pero no una política que incentive el pensamiento diferente. Existe una sumisión al pensamiento vigente instituido y el culto a los autores, pero existe una gran diversidad ya que Brasil es muy grande. Desde Porto Alegre hasta Fortaleza, pasando por Mato Grosso do Sul, es una expansión del psicoanálisis por todo el país, pero sigue siendo una marca, una cierta sumisión de los candidatos al poder instituido. Entonces escuchar eso de ti es muy bueno.*

**FO:** Ahora, yo les repito que a mí me parece difícil que la institucionalidad logre permearse de esa manera, logre aceptar la presencia del candidato cuestionando o criticando, pero hay que abrirle espacio de alguna manera. Yo en Fepal voy a tratar de buscar la forma para que los candidatos, las personas de OCAL, puedan participar de algunos elementos de Fepal, como por ejemplo, la revista Calibán. A mí me parece importantísimo que los candidatos estén presentes.

**CCMF:** *Sería bueno que desde OCAL pudiéramos participar, no de todas las decisiones de Fepal, pero sí de tener una relación más próxima, que OCAL no sea totalmente independiente de Fepal. Tomando la metáfora del cuerpo, OCAL y Fepal forman parte de un único cuerpo que es el pensamiento psicoanalítico latinoamericano y un movimiento político. La idea de una integración parece de gran riqueza.*

**FO:** Es lo que estaba diciendo precisamente, por eso hay que buscar la integración y hacer una reforma de estatutos, hacer unos estatutos más contemporáneos. Ahora, les diré que las reuniones de Fepal pueden ser aburridas porque se abordan muchas discusiones de tipo administrativo, pero el hecho que haya alguien de OCAL que tenga al menos una mirada sobre lo que está ocurriendo y lo pueda retransmitir, eso me parece importante.

**LPS:** *Por lo menos sería renovador. A mí me quedó una pregunta que tiene que ver con tu llegada al psicoanálisis. ¿Qué pasó con el arte en tu vida y cómo eso ha influido en tu forma de pensar el psicoanálisis?*

**FO:** Yo leo arte, soy profesor de arte de mi Universidad. Me la paso entre la Facultad de Psicología y la Facultad de Arte. Leo psicoanálisis, pero si me pones a leer, busco abrir el abanico de las posibilidades de lectura, busco arte y literatura. Hoy por hoy te lo digo de esta manera, no me interesa un libro porque lleve la connotación de psicoanálisis, me interesa un libro que me permita reflexionar sobre lo humano. En mi experiencia con pacientes, encuentro que esas personas que apuntan a cuestionamientos permanentes de sí mismos provienen, en su mayoría, del arte, de la pintura, del teatro, de la literatura. Ahora bien, no quiero generalizar esto, un ingeniero puede ser tan profundo como superficial un artista. Quiero destacar que si algo me llama la atención de nuestra labor psicoanalítica es porque reflexiona sobre la pasión, es una reflexión sobre lo humano. A mí me gusta el psicoanálisis -volviendo a nuestro punto de origen- más porque se parece a la literatura. Es una forma de decirlo, no estoy diciendo que sea así exactamente pero no que se parezca a una ciencia natural.

Si el psicoanálisis no se permitiera una reflexión sobre las pasiones humanas sino que tratara de hacer una cosa mucho más biologicista, a mí en lo particular – no estoy hablando de otros colegas – no me interesaría. A mí me interesa la reflexión sobre la dimensión íntima del ser humano y en ese sentido, si un libro de literatura, si una obra de arte o si un libro de psicoanálisis, me permiten acercarme a la dimensión íntima de lo humano, eso es lo que a mí me llama la atención de un texto.

Cuando se alejan de la dimensión íntima de lo humano, pierde un poco el sentido. En ocasiones encuentro libros psicoanalíticos que son retóricas, retóricas conceptuales que pierden la dimensión de la reflexión de la condición íntima del ser humano, en esos casos simplemente los cierro, no me interesan. Para mí el psicoanálisis no es filosofía, no es medicina, tiene una particularidad que es la de moverse entre los márgenes de muchas disciplinas, para mí esta es la riqueza.

En ocasiones nos volvemos muy filósofos y en otras nos volvemos muy positivistas-biologicistas. Creo que esa forma de pensar es otra cosa, válida, interesante, enriquecedora para dialogar muchas cosas, pero me parece que por ahí no navega la diversa esencia de lo psicoanalítico. Si hay gente que quiere hacer del psicoanálisis una filosofía o una neurociencia, para mí es válido en el sentido de la diversidad, genera discusión, pero en lo personal no transito por esos márgenes.

**CCMF:** *En nombre de la directiva de OCAL, agradezco tu disponibilidad para conversar con Luisa y conmigo acerca de las cuestiones que involucran el psicoanálisis en América Latina. Ha sido un diálogo muy fructífero.*



## Entrevista com Sergio Nick

### Diálogos sobre o movimento psicanalítico

por Carlos Cesar Marques Frausino<sup>1</sup>

*Sergio Nick foi o primeiro presidente da Associação Brasileira de Candidatos - ABC, fundada em outubro de 1993. Atualmente, é o Presidente do Comitê Científico do 49º Congresso da IPA, em Boston, EUA, 2015.*

*“Penso que a psicanálise brasileira tem uma pujança invejável, com um pensamento próprio amalgamado à nossa característica colonial que sorve as teorias dos vários cantos onde se produz psicanálise no mundo.”*

**Carlos Cesar Marques Frausino:** *Como foi e é a sua trajetória profissional, por que participar do movimento psicanalítico e das suas instituições? Quais os seus interesses clínicos e teóricos?*

**Sergio Nick:** Eu sou médico e psiquiatra, desde cedo interessado nas questões ligadas à área infanto-juvenil. Assim que, ao me formar, depois das especializações de praxe na área da psiquiatria, fiz uma pós-graduação em psiquiatria e psicoterapia da criança e adolescente no COI/UFRJ [Clínica de Orientação Infantil do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro], que tinha uma orientação claramente psicanalítica. Ali, comecei a trabalhar na área para, depois, fazer a formação psicanalítica na SBPRJ [Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro], iniciada em 1986. A minha motivação maior para trabalhar no campo foi, justamente, a ajuda pessoal e familiar que recebi da psicanálise. Em função disso, desde o início da minha formação, participei do movimento através de várias ações, tanto clínico-teóricas, como institucionais. Tive vários cargos institucionais e fui convidado a participar do grupo que dava seminários de Freud, aos candidatos que entravam na formação. Esse curso, de dois anos, me incentivou a estudar cada vez mais a teoria freudiana, que orienta muito o meu pensar psicanalítico. Na própria SBPRJ, fiz parte de outro grupo que passou a dar um curso de cinco semestres sobre o ‘Desenvolvimento Emocional Infantil’. Fui coordenador desse curso por vários anos, que tinha uma orientação calcada em vários vértices teóricos e que dava seminários a pessoas de fora da sociedade.

---

<sup>1</sup> Editor de OCAL, SPB. carlosfrausino@gmail.com

Ao entrar para a SBPRJ, vivi um clima institucional muito intenso, com assembleias muito intensas no sentido do debate e do fazer institucional. Ali, aprendi com vários colegas a valorizar a luta institucional, o debate livre e franco de ideias e sobre alguns óbices ao bom desenvolvimento das nossas instituições. Tal clima redundou em uma reforma dos estatutos da SBPRJ, que a tornavam, eu diria, ‘ponta de lança’ no que se dizia ser o ‘futuro da psicanálise’. Era um clima muito motivador, com estímulos muito fortes à criação, ao estudo, ao intercâmbio de ideias e ao desenvolvimento pessoal e institucional. Tal clima foi traumaticamente quebrado por uma intervenção da IPA, feita em moldes lamentáveis para quem vivia um momento tão pujante como aquele. Creio que, ao ter vivido esse clima e o trauma de sua destruição, passei a valorizar a luta institucional como um instrumento fundamental para a vitalidade da psicanálise. A partir de então, passei a fazer parte do movimento psicanáltico com cada vez mais força e empenho. Os ideais democráticos, de luta por uma forte difusão da psicanálise, e pela interação científica formaram parte de minha formação como dirigente. A identificação com colegas mais velhos também plasmaram esses meus ideais.

**CCMF:** *O momento histórico da fundação da ABC, quais os conflitos institucionais presentes naquele momento?*

**SN:** Na verdade, eu ainda era um candidato, portanto com pouca noção do universo institucional fora da minha sociedade. O que sabíamos era que a IPA demandava um processo de democratização, uma vez que a intervenção que sofrimos por parte da IPA, na SBPRJ, havia sido muito traumática, com fortes traços coercitivos. Eu sabia ainda que já haviam tentando fundar a ABC outras vezes, sem sucesso, e que talvez aquele momento fosse o melhor. Para nós, da SBPRJ, o fato de nos chamarmos não de candidatos, mas de membros provisórios, foi um ponto de discussão na escolha do nome da ABC.

**CCMF:** *Como foi o processo de institucionalização da ABC (Associação Brasileira de Candidatos) e a sua relação com a Febrapsi (Federação Brasileira de Psicanálise) e a antiga ABP (Associação Brasileira de Psicanálise)?*

**SN:** Penso que o forte apoio que recebemos internamente na SBPRJ, e por via de colegas da SPRJ, nos entusiasmou a seguir em frente. Seguindo a via institucional da então Associação Brasileira de Psicanálise – ABP [hoje Febrapsi], elegemos um presidente, um vice-presidente, uma secretária e uma tesoureira. Começamos a fazer contatos com as associações de candidatos das várias federadas e a preparar um estatuto que representasse as funções mais importantes que a ABC viria a ter no futuro. O presidente da ABP, Romulo Romanowski, à época, nos deu muito apoio, fornecendo dados importantes e contatos sempre que solicitado. Com o estatuto feito, fizemos consultas às federadas que tinham associação de candidatos e preparamos uma assembleia para o próximo congresso, com vistas a aprová-lo. Preparamos ainda um informativo, para incrementar a comunicação com os candidatos brasileiros. Enlaces com associações de candidatos de outras associações também foram iniciados.

**CCMF:** *E qual a função e a importância da ABC na formação dos candidatos?*

**SN:** Penso que aqueles que agora chegam não tenham a dimensão da importância dessa possibilidade de contar com uma associação dessas. Talvez, ao ver o trabalho feito nos congressos, se possa ter uma ideia, mas se compararmos a situação da época, onde os candidatos eram muito mais segregados e tinham muito pouca ‘voz’ nas decisões que lhe concerniam, se possa ter uma noção da importância da ABC. Penso que devemos incluir aqui as questões éticas, os problemas nos institutos, a representação na construção de congressos e jornadas que atendam ao interesse do candidato, a disponibilidade de verbas para intercâmbio etc. São coisas que a ABC pode e deve fazer para atender aos interesses dos candidatos.

**CCMF:** *No Brasil, ainda, não está incipiente a discussão acerca da relação dialética entre “formação e transmissão” da psicanálise e o processo de constituição das singularidades do “sujeito analista”?*

**SN:** Não creio. Penso que já se avançou muito nesse campo, principalmente pelo fato de que o instrumento analítico encontra-se hoje muito mais afiado, contando os analistas didatas com um arsenal teórico-técnico muito mais amplo, de forma a deixar emergir o ‘sujeito analista’ desde um processo que deixou de ser de ‘colocar na fôrma’ para um processo de análise e construção de uma verdadeira identidade própria a cada sujeito que busca formação nos nossos institutos.

**CCMF:** *Não seria importante, e adequado, um aprofundamento da discussão acerca dos modelos de formação dos analistas (Eitington, francês e o uruguaio) para chegarmos a algo próximo de um “modelo brasileiro” ou a diretrizes formativas que atenda às especificidades brasileiras?*

**SN:** Penso que, cada vez mais, se caminha para isso. O problema aqui é como adaptar uma demanda por uma análise profunda para que o sujeito que busca a formação nos nossos institutos possa sair dela na forma como descrevo na resposta anterior, a um meio cultural onde existem inúmeras ações que eu chamaria de ‘ataque’ ao humanismo necessário ao fazer psicanalítico.

**CCMF:** *Os impasses e as perspectivas para o desenvolvimento da psicanálise no Brasil e América Latina. O fazer psicanalítico espelha a diversidade da sociedade brasileira? É possível afirmar que há um esboço de uma psicanálise brasileira? A psicanálise brasileira já está interiorizada no país, ou ainda, continua tendo como referência e/ou polos de difusão do conhecimento as sociedades psicanalíticas de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre?*

**SN:** Penso que a psicanálise brasileira tem uma pujança invejável, com um pensamento próprio amalgamado à nossa característica colonial que sorve as teorias dos vários cantos onde se produz psicanálise no mundo. Se ainda estamos longe de um ‘fazer psicanalítico’ que atenda às várias vertentes da sociedade brasileira, já avançamos bastante na busca por atuações no campo ‘extra-consultório’. Vejo a Febrapsi muito empenhada em fomentar o intercâmbio entre aqueles que participam da produção do saber nessa área e

acredito que ainda vamos avançar bastante na construção dessas novas possibilidades de atuação. Devo dizer ainda que escuto muito boas repercussões de apresentações de vários colegas brasileiros, em nível internacional, o que demonstra que estamos trilhando um caminho que irá desembocar naquilo que você chama de 'psicanálise brasileira'. Quanto à questão da interiorização, penso que já avançamos muito nesse processo, mas ainda há muito o que fazer. O apoio às ações da Febrapsi e aos colegas que se dispõem a viajar, tanto para dar aulas e seminários, quanto a se mudar para outras cidades, deve seguir sendo uma prioridade. Diferente do que acontecia há poucos anos atrás, vemos, hoje, colegas de outros lugares do Brasil produzindo conhecimento, fazendo intercâmbios e descobrindo novas formas de atuação. Penso que, nesse sentido, os Núcleos Psicanalíticos têm uma função primordial nesse processo e devem ser apoiados.

**CCMF:** *Há um pensamento psicanalítico latino-americano?*

**SN:** Claro! Apenas como exemplo, gostaria de citar um autor que estou estudando no momento, o argentino Luiz Kanciper, cujos estudos sobre o Complexo Fraternal muito adicionaram à compreensão de nossos pacientes.

**CCMF:** *O diálogo e a interação entre a psicanálise e a sociedade (a psicanálise como um instrumento para pensar a cultura). Por que os psicanalistas estão distantes – isso é uma verdade? – dos debates culturais e políticos contemporâneos e atuais? Principalmente os quadros pertencentes ao campo da IPA (International Psychoanalytical Association)?*

**SN:** Não vejo assim. Tanto na mídia, como na universidade, como nos eventos científicos, vejo colegas dialogando e interagindo com outras áreas. Como exemplo, cito o próximo Congresso da FEPAL [Federação Psicanalítica da América Latina], onde haverá várias jornadas satélites e mesas específicas do programa científico, onde esse diálogo será implementado. Se posso citar uma frente onde perdemos espaço, eu diria que a psiquiatria, com seus vários avanços no campo dito biológico, foi se afastando da psicanálise. Penso que há uma frente de luta importante para se travar aí.

**CCMF:** *Por que, no Brasil, há uma baixa produção acerca da história das instituições psicanalíticas?*

**SN:** Eu não saberia responder isso, pois conheço pouco o tema.

**CCMF:** *Agradeço, em nome da diretoria da OCAL, a disponibilidade de conversar com a Revista acerca de temas tão caros à psicanálise. Obrigado!*

# temas livres



## A Cadeira Vazia – recortes de uma sessão de psicanálise de grupo

por Evelyn Pryzant<sup>1</sup>

**Resumo:** A autora retoma o trabalho de Freud sobre a psicologia das massas para refletir, a partir de um caso clínico, sobre conceitos como identificação projetiva e transferência-contratransferência. A rede de transferências e identificações projetivas maciças potencializadas pelo grupo pode habitar um espaço limítrofe entre a realidade e a ficção. A cadeira vazia, preenchida pelas fantasias inconscientes grupais, exemplifica, no recorte de um caso clínico, a ficção deste objeto presente/ausente, que pode ser vivenciado e expressado no grupo, diante da realidade da entrada de um novo membro.

**Palavras-chave:** Psicanálise de grupo, identificação projetiva, transferência, contratransferência.

O que é realidade para um grupo que vê uma cadeira vazia e a preenche com ficção? A manutenção do enquadre é de responsabilidade do analista e é o ambiente perfeito para os ataques inconscientes das emoções primitivas despertadas: o grupo fantasia que um membro ausente está fisicamente presente, refletindo o quanto as fantasias e os desejos inconscientes, via identificação projetiva, são capazes de distorcer a realidade, e dar grande importância para este membro/cadeira vazia.

Lendo cuidadosamente a explanação de Freud sobre a psicologia dos grupos é possível observar as lacunas deixadas em seu trabalho, que ele mesmo confessa, ao focalizar em demasia a importância do líder nos grupos, em detrimento das relações de cada indivíduo sobre os outros indivíduos. Fendas passíveis de desenvolvimento científico, no propósito de alargar o conhecimento da psicanálise de grupo, sobre temas como “o inexplicável contágio”, “o heterogêneo que submerge”, “as contradições da mente grupal”, um vasto campo ainda por ser aprofundado.

Diz Freud: “A influência da sugestão torna-se um grande enigma para nós quando admitimos que ela não é exercida apenas pelo líder, mas por cada indivíduo sobre outro indivíduo, e temos de censurar-nos por haveremos injustamente enfatizado a relação com o líder e mantido demais em segundo plano o outro fator da sugestão mútua.” Freud (1920, p.150)

O material a seguir trata de um recorte de uma sessão de psicanálise de grupo, no intuito de aproximar os aspectos teóricos em Freud, citado entre aspas, ao caso prático da sessão e suas articulações teóricas. Da primeira sessão de um paciente novo, Teodoro, no grupo que não foi avisado de sua chegada.

---

<sup>1</sup> Membro Filiado do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo – SBPSP. Membro do Núcleo de Estudos sobre Saúde Mental e Configurações Vinculares (NESME). epryzant@yahoo.com

A chegada de um novo integrante em um grupo é motivo de mobilização de todos e fomenta mais regressão do que a própria demanda de análise já evoca, por se tratar de uma análise de grupo onde a força da massa tem um impacto de maior intensidade e todo o *setting* é construído como o lugar apropriado para a regressão se dar, em um movimento de progressão e regressão dinâmico, oscilando entre dois tempos, o presente e o passado, o infantil e o atual. Assim, a escuta do analista é a escuta da criança no adulto, e a leitura do grupo, muitas vezes, como a de um grupo de crianças.

O manejo do grupo é feito com base na dinâmica transferencial-contratransferencial, em um vértice transgeracional a partir de elementos inconscientes na repetição dos núcleos neuróticos e não neuróticos que a técnica da associação livre, a postura analítica e o *setting* grupal facilitam.

Tanto a mente do analista quanto a do grupo estão disponíveis para a projeção da identificação projetiva que pode tomar um aspecto excessivo e intenso no grupo e é para onde o olhar do analista estará voltado, acolhendo as partes e emoções projetadas nele e no grupo como comunicação.

Até a entrada de Teodoro, uma cadeira estava vazia no grupo. Antes, fora ocupada pela Dora, que foi estudar no exterior, mas prometia voltar. Assim, a cadeira vazia nunca está vazia, ela representa um presente ausente, e ocupa o lugar da identificação projetiva maciça do grupo.

Esse grupo tem como formato cinco pacientes e uma analista. Hélio, de 70 anos, Andréa, de 25, Bia, de 35, Fernanda, de 30, agora Teodoro, de 36, antes Dora, de 40. O grupo existe há quatro anos e, como Hélio era o único homem do grupo depois da saída de Dora, o grupo pedia outro homem para ocupar a cadeira vazia.

Hélio tem 70 anos com corpo de 60, muito vaidoso, aposentado, foi apelidado pelo grupo de “el sedutor” porque sempre tem duas mulheres ao mesmo tempo e, no momento, só uma delas sabe da outra. Muito ciumento, sua infidelidade é motivo de conflito constante e, atualmente, anda preocupado com o aumento da próstata que o obriga a um acompanhamento médico.

O novato no grupo, Teodoro, é um homem jovem, bonito, de porte grande e está obeso. Por inúmeras vezes, nas sessões individuais, manifestava o desejo de fazer a cirurgia bariátrica. Passou por vários especialistas sempre em busca de soluções radicais. Brigado com a mãe há sete anos, não fala com ela nem com o padrasto, com suas irmãs e nem conhece seus sobrinhos. Na sessão individual anterior ao grupo, avisou que não iria falar nada na sessão de grupo, que só iria ouvir os outros.

Sentados em um círculo formado por seis cadeiras, com a cadeira vazia de Fernanda, que ainda não havia chegado, o grupo começa falando exatamente sobre ele. Do quanto estavam surpresos com a sua chegada, já que ninguém sabia que ele viria. Hélio se apresenta logo, Andréa e Bia dizem seus nomes.

Hélio conta para Teodoro que foi o primeiro a chegar em um grupo onde só tinha mulher e ele era o único homem. Estavam também Bia, Fernanda e Dora, que saiu por causa de uma viagem, relembra, e conta de Dora para o novato, afinal, a cadeira era dela, ausente e presente no grupo.

A projeção para dentro do objeto-cadeira-Dora faz uma cisão para livrar-se das partes do self que causam dor, na fantasia onipotente de se apropriar de sua identidade, dominá-la e controlá-la.

O grupo fica em silêncio. Hélio, visivelmente aflito com o silêncio, tosse. Algumas vezes é verbalmente agressivo com o grupo. De repente, fez um jogo de corpo e foi para cima de Teodoro, insinuando um soco mesmo sentado na cadeira, dizendo que, agora que entrou um homem no grupo, eles poderiam poder trocar socos à vontade, e ria às gargalhadas se acomodando na cadeira com agilidade.

Teodoro não reage, permanece calado. O grupo parece desconfortável com a brincadeira, desconsidera a piada de Hélio e avança nas associações.

No grupo, há uma rede de transferências de várias modalidades que acontecem o tempo todo e, ao mesmo tempo, em uma rede de “falsos enlaces” (Freud).

O que se transfere, na verdade, são as relações de objetos internos, o próprio modo de ser, envolvendo fantasias inconscientes e defesas primitivas (Klein), os núcleos neuróticos e não neuróticos (Bion), constituído, ou não, em função das falhas do ambiente (Winnicott). Como não se fala de transferência sem falar da contratransferência, nossa “bênção disfarçada” (Freud), o analista tem em mãos dois dispositivos: a contratransferência e a sua análise pessoal.

A contratransferência dá notícias da transferência, que é invisível e está implícita (Neyraut). Cabe ao analista reconhecer que ela não é uma reação, ela é constituinte do campo.

Escutar analiticamente significa reconhecer “quem” está falando pela boca do paciente e qual é a identificação complementar que ela convida a atuar na contratransferência.

Manejar é manejar a transferência. No grupo, o analista deixa a posição mais reservada e passa à outra mais implicada da posição identificatória complementar.

Andréa, de 25 anos, bonita e jovem, pede desculpas por interromper Teodoro, porque ela precisava muito falar e contar ao grupo o que ela tinha feito, e se desculpava outra vez por já ir falando sem esperar Teodoro “chegar direito”, mas fazia isso porque estava muito angustiada com o trabalho dela e precisava falar (recém-formada em fisioterapia, mora sozinha, com conforto, em São Paulo, e sua família é do interior, seus pais ainda a sustentam. Sua mãe e sua avó materna têm o diagnóstico de depressão, há vários anos medicadas e sem acompanhamento psicoterápico. Quando a paciente chegou no grupo, também ela estava medicada, já há alguns anos, mas sem sintomas importantes que qualificassem, a meu ver, o diagnóstico de depressão). Andréa fala o quanto o trabalho é importante para ela e que todo mundo ali já sabe o quanto ela deseja muito começar sua clínica, mas assim que tem uma oportunidade para crescer profissionalmente, faz tudo errado, ao contrário do que deveria fazer e estraga tudo.

Foi o que ela fez ontem e, por isso, estava tão arrasada porque foi procurar seu antigo supervisor para pedir que ele lhe encaminhasse pacientes, mas, na hora, não conseguiu falar nada, nem tocar no assunto. Chorou muito, mas, depois, parou e pensou que o supervisor não devia ter pacientes nem pra ele, quanto mais para indicar para ela. Em um relato demorado, com um tom que se arrastava penoso, afirmava que nada iria dar certo

para ela e, assim, fazia o grupo parar para ouvi-la e ficar à sua espera, talvez, assim, pudesse expressar sua dificuldade de lidar com a entrada do novo, cortando e atravessando Teodoro – que, naturalmente, na sua primeira sessão, demandava mais cuidados –, comunicava o quanto era difícil para ela suportar perder a atenção do analista e do grupo.

Assim que Andréa fez uma pausa para respirar, Bia caiu em lágrimas a ponto de Hélio levantar para lhe alcançar o lenço de papel. Dizia que estava com saudades do seu ex-namorado, sendo que foi ela quem havia terminado com ele há um mês e parecia contente por isso, um namoro, aliás, que se arrastou sem sexo e sem amor nos últimos anos. De repente caiu em lágrimas, coisa que há muito tempo não acontecia. Bia tem um irmão superprotegido pelos pais por ter uma leve deficiência física, quase imperceptível, mas, na família, é ela quem ocupa o lugar da filha frágil, dependente e doente, está medicada com antidepressivos.

Freud cita Le Bon: “Le Bon pensa que os dotes particulares dos indivíduos se apagam num grupo... o que é heterogêneo submerge ao que é homogêneo... e as funções inconscientes, que são semelhantes em todos, ficam expostas à vista... o indivíduo que faz parte de um grupo adquire um sentimento de poder invencível que lhe permite render-se a instintos que, estivesse ele sozinho, teria mantido sob coerção.”<sup>2</sup>

A analista sentia o clima pesado da sessão e, vendo a cena de Teodoro encolhido na cadeira, sonhou esta imagem como um símbolo do que o grupo vivia naquele momento, que se sentia apertado, encolhido, se afundando diante da chegada de Teodoro. E foi o que a analista apontou para o grupo.

Palavras de Freud: “Embora a psicologia de grupo ainda se encontre em sua infância... oferece aos investigadores incontáveis problemas que até o momento nem mesmo foram corretamente distinguíveis uns dos outros (...) exige grande dispêndio de observação e exposição (...) apenas alguns pontos, escolhidos dentre a totalidade do material, serão tratados aqui. E, realmente, é em apenas algumas questões que a psicologia profunda da psicanálise está especialmente interessada.”<sup>3</sup>

O grupo, calado, se olha. No meio do silêncio, entra Fernanda, de 30 anos, desculpando-se pelo atraso e sentando-se rapidamente. Ela está no grupo desde o início. Quando chegou, era tímida e calada, medicada com antidepressivos. É uma moça muito bonita, inteligente, casada, desenvolvendo-se bastante profissionalmente, está já há alguns anos sem o uso de medicação. A irmã está sob tratamento de drogadicção, o pai alcoólatra, mãe esquizóide.

Só notou Teodoro depois de algum tempo e, quando o viu, ficou surpresa, sorriu simpática e mostrou-se muito receptiva, apresentando-se e perguntando seu nome, ao que, imediatamente, o grupo reagiu sendo irônico com sua simpatia, todos apontavam para Fernanda como a autora da ideia das tachinhas na cadeira<sup>4</sup>, e, Fernanda, rindo, respondeu que a ideia não tinha sido só dela não, o que foi motivo de mais risadas ainda.

2 (Freud, 1920, p.97)

3 Ibidem, p.93

4 Essa história foi construída há dois anos, diante da primeira cadeira vazia. O grupo brincava que iria colocar tachinhas na cadeira do novo membro que entrasse no grupo, pensavam em faltar todos ao mesmo tempo na primeira sessão do paciente novo, ou trancar a porta do consultório e sumir com a chave. Mirabolavam travessuras como se estivessem todos em um jardim de infância.

Falavam abertamente sobre essa passagem que viveram no grupo, ao mesmo tempo em que riam do disparate das tachinhas, que ficaram, emblematicamente, representando o ódio explícito que sentiam com a entrada de um novo membro no grupo. Juntos, riam de suas coletivas ideias maldosas, inclusive a analista. Rir era contagiante e parecia diluir o clima tenso, ao mesmo tempo que unia todos em um só ato. Era catártico.

“O que posteriormente aparece na sociedade sob a forma de (...) “espírito de grupo”, não desmente a sua derivação do que foi originalmente inveja”<sup>5</sup>

Assim que se acalmaram, Fernanda disse, muito séria para Teodoro, que, com ele, seria diferente porque, na verdade, eles estavam querendo mesmo que chegasse alguém novo no grupo e, de preferência, um homem. O grupo se entreolha, talvez cúmplices de uma intimidade revelada e, depois, todos ficam sérios, em silêncio.

Com a chegada de Teodoro, todas as cadeiras ficaram ocupadas. O grupo completo deixava uma sensação de estranheza na sala. Timidamente, se olhavam. Talvez eles realizassem a ausência de Dora naquele momento. Era como se a presença de Teodoro esmagasse a ausência de Dora.

Freud: “O contágio é um fenômeno cuja presença é fácil estabelecer e difícil explicar (...). Em um grupo, todo sentimento e todo ato são contagiosos, em tal grau que o indivíduo prontamente sacrifica seu interesse pessoal ao interesse coletivo. Trata-se de aptidão bastante contrária à sua natureza (...) exceto quando faz parte de um grupo.”<sup>6</sup>

O silêncio se instalava, o dever chamava pela analista, para manejar as resistências, de preferência as banir ou anular, oferecer, no próprio nível do conteúdo manifesto, palavras e sentido para a experiência emocional, tentando alinhar cada trecho da comunicação individual, até construir uma colcha costurada dos retalhos das associações.

A interpretação foi construída articulando a entrada de Teodoro aos movimentos regressivos, agressivos e ambivalentes do grupo na tentativa de apontar a forma como o grupo passou a funcionar com a entrada de Teodoro, cada um à sua maneira, por meio de conhecidas gratificações narcísicas.

Ao mesmo tempo em que o grupo recebeu Teodoro com socos e atravessadas, também pôde confessar a importância da sua presença, o desejo.

A analista retomou com o grupo o fio associativo das comunicações, os socos simulados como agressão física, as demoradas autocríticas e recriminações, choros com saudades de um tempo que passou, formas antigas de se apresentarem para a analista diante do impacto da chegada do Teodoro no grupo. Realizar a chegada de Teodoro era, ao mesmo tempo, realizar também a saída de Dora e, com isso, propiciar ao grupo a possibilidade de se desenvolver, a ponto de poder falar na presença de Teodoro o quanto odiavam a entrada de um novo membro e, ao mesmo tempo, o quanto desejavam isso.

---

5 Ibidem, p.153

6 Ibidem, p.98

*“Nos grupos as ideias mais contraditórias podem existir lado a lado e tolerar-se mutuamente, sem que nenhum conflito surja da contradição lógica entre elas. Esse também é o caso da vida mental inconsciente dos indivíduos, das crianças e dos neuróticos, como a psicanálise há muito tempo indicou.”<sup>7</sup>*

Dito isso, um curso diferente da idealização daquela que estava fora, Dora, a que viajou para bem longe dali, parece ter se dado.

Talvez, ao invés deles idealizarem aquela que saiu, que sumiu do grupo e, assim realizou o que muitas vezes desejaram, não voltar nunca mais, preferissem, dessa vez, estar ali.

E Teodoro começou a falar. E falou tanto e tão empolgado, que já não conseguia mais parar de falar. Parecia querer comer o grupo todo de uma vez só.

**Resumen:** La autora retoma el trabajo de Freud sobre la Psicología de las masas para reflexionar a partir de un caso clínico sobre conceptos como identificación proyectiva, transferencia-contratransferencia. La red de transferencias e identificaciones macizas potencializadas por el grupo puede habitar un espacio limítrofe entre la realidad y la ficción. La silla vacía, llenada por las fantasías inconscientes grupales, ejemplifica, en el recorte de un caso clínico, la ficción de este objeto presente/ausente, que puede ser vivido y manifestado en el grupo, frente a la realidad de la entrada de un miembro nuevo en el grupo.

**Palabras clave:** Psicoanálisis de grupo, identificación proyectiva, transferencia, contratransferencia.

## **Referências**

Freud, S. (1920). Psicologia de grupo e a análise do ego. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago.

Mínerbo, Marion - comentários extraídos das aulas do curso sobre transferência-contratransferência, ministrado, em 2012, na SBPSP.

---

7 Ibidem, p.103

# A língua que está na minha mão – especulações neurocientíficas e psicanalíticas sobre fantasia e realidade<sup>1</sup>

por Petruska Passos Menezes<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo procura desenvolver conexões entre as neurociências e a psicanálise através do olhar sobre o mundo interno e externo e sobre fantasia e realidade. A ideia é que oscilamos entre dois extremos de um mesmo eixo, buscando a harmonia entre eles para adaptarmo-nos à vida. Apresenta-se também a teoria de Ferrari como uma aplicação clínica da possibilidade de integrar mente/corpo em um trabalho mais amplo na clínica psicanalítica.

**Palavras-chave:** Realidade, fantasia, objeto originário concreto

Na época em que estudava psicologia, fazia uma brincadeira interessante, de que me lembro até hoje, com minha pequena sobrinha. Começou assim: a gente estava brincando e ela me “dava língua” (mostrava a língua). Eu perguntava: “Mas, guria, por que é que você está dando língua para mim?” E ela ria. Um dia tive uma ideia: fingi que peguei a língua dela movimentando a mão próximo a seu rosto, mas sem encostar, e fechei minha mão. Disse que não lhe daria a língua de volta. Ela pegou a própria mão, passou sobre sua língua, mas não se contentou. Pediu-me a língua dela de volta, que “estava em minha mão”. Eu disse que não daria. Ela veio pegar, então. Após algum tempo na brincadeira, ela conseguiu pegá-la de volta. Eu abri a mão, não havia nada, mas, em sua fantasia, ela pegou a língua e colocou dentro da boca novamente. Brincamos mais algumas vezes dessa forma e isso ficou em minha memória. Já formada e atendendo crianças em uma rede pública de saúde, fiz a mesma brincadeira com um paciente de 3 anos e ele se comportou do mesmo modo que minha sobrinha fazia. Teimou porque queria a língua dele de volta. Esses dois pequenos exemplos deram asas à minha imaginação e mostraram a importância da fantasia em nossa vida, a começar da infância.

Pensei o seguinte: a língua deles (a de minha sobrinha e a de meu paciente) estava todo o tempo dentro da boca e inclusive eles a usavam para falar e exigi-la de volta, mas a fantasia de ter ficado sem a língua era muito maior e não podiam ficar sem a representação da própria língua, que, supostamente, lhes fora tirada.

É impossível falar de realidade e não falar de fantasia. Realidade e fantasia são dois polos de um mesmo eixo. Não existe realidade sem fantasia e não existe fantasia sem realidade. Uma se constrói a partir da outra. Esse pensamento tem me incomodado já

1 Trabalho escrito para o Pré-congresso da OCAI, em Buenos Aires (setembro de 2014).

2 Psicóloga e analista em formação pela Sociedade Psicanalítica de Recife/Núcleo Psicanalítico de Aracaju. petruska.passos@gmail.com

há algum tempo e, para meu conforto, não é uma angústia somente minha. Psicanalistas têm desenvolvido esse pensar e, mais recentemente, neurocientistas se debruçaram sobre essas questões.

Freud (1996, p. 637) já afirmava na *Interpretação dos sonhos*, em seu famoso capítulo 7, “A psicologia dos processos oníricos”, que o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica e “em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos sensoriais”.

Com essa afirmação, Freud, já em sua época, abre a possibilidade de especular que o ser humano encontra-se no meio de um caminho, onde, de um lado, está a realidade, a vida e o mundo – instância última da percepção e sensação – e, do outro, o inconsciente e todo o mundo interno, fantasias e sonhos – instância última do psiquismo. Pensar que estamos entre esses dois eixos é o início de nossa caminhada, pois, enquanto pontos equidistantes, os dois são totalmente inatingíveis à consciência e ao conhecimento humano no seu mais elevado grau.

### ***A partir do mundo externo***

Os neurocientistas construíram seus estudos no caminho que Freud percorreu. Sobre o mundo externo, sabemos que a maneira como a percepção humana observa esse mundo é falha e limitada. O ser humano, em sua evolução, criou mecanismos de percepção do que está ao seu redor para uma melhor adaptabilidade. É o que chamamos de sentidos. Assim, o olfato, a audição, o tato, o paladar e a visão nos dão uma pequena noção do que está acontecendo no mundo ao nosso redor e também nos auxiliam na percepção do corpo. No entanto, cada célula sensorial só é capaz de captar um tipo ou poucas formas de estímulos. Cabe ao cérebro decodificar e organizar essas informações fragmentadas, de forma a construir algo que julgamos que seja o mundo (Lent, 2010).

Cada receptor sensorial que entra em contato com o mundo externo só é sensível a um tipo de estímulo. Como exemplo, podemos dizer que as células oculares captam luminosidade, mas não podem captar sons. As células sensoriais captam algumas das múltiplas formas de energia que, quando chegam ao receptor, são convertidas em energia eletroquímica (transdução do estímulo) e, assim, é feita a codificação neural. Simplificando o processo, essas informações codificadas eletroquimicamente vão para o tálamo e, depois, para o córtex. O tálamo faz uma primeira filtragem selecionando essas informações (dando maior acuidade). É o córtex cerebral, juntamente com outras áreas que se somam ao processo, que dá sentido às informações recebidas, integrando-as por vias paralelas. As representações mentais são um dos meios de compreensão desses estímulos pelo cérebro. E todo esse processo sofre influência da atenção/percepção seletiva, da motivação e das emoções/sentimentos, selecionando o que é importante e descartando o que não é (Cheniaux Jr., 2008; Lent, 2010).

A construção das percepções feita pelos mecanismos fisiológicos nos dá a possibilidade de agir sobre o mundo à nossa volta, e a evolução se encarrega de selecioná-las e refiná-las. Assim, a forma como vemos, ouvimos e sentimos o mundo é consequência

de uma construção feita e iniciada pelos nossos ancestrais, de forma que o que é útil para nossa adaptação permanece, adequando-nos melhor ao meio, e o que não serve é descartado. Os princípios fisiológicos, muitas vezes, levam a percepções ambíguas, e é o valor adaptativo da ação que funciona como o juiz que define qual é a adaptação que dá certo (Lent, 2010).

Não demorou muito para os neurocientistas perceberem que tudo o que percebemos não passa de ilusão. É uma ilusão que “dá certo” e nos permite viver. O mundo que percebemos é um “mosaico temporal”, e os diferentes contatos com os objetos são percebidos em momentos diferentes e sincronizados pelo cérebro. Por exemplo, ouvir a voz e ver os lábios de quem fala, ao mesmo tempo, é o resultado de “mecanismos neurais plásticos que os fazem parecer simultâneos ou sincronizados (ou seja, uma ilusão!)”<sup>3</sup>.

Ainda nas neurociências, Leonard Mlodinow (2013), embora cometa um pequeno equívoco ao descaracterizar o inconsciente freudiano subjugando-o a somente um local de ideias e afetos reprimidos, oferece um olhar diferente quando afirma que o inconsciente neurocientífico é algo normal e presente não só no ser humano, mas em todos os animais. O inconsciente, para Mlodinow, é todo o funcionamento existente que não chega à consciência. Segundo esse conceito, qualquer corpo vivo tem inconsciente. Uma ação inconsciente é a respiração. Não controlamos a respiração para poder respirar. Ou seja, podemos esquecer que temos que respirar e vamos continuar respirando.

E ele vai muito além, dizendo que o inconsciente capta sensações que fogem à consciência, mas são conhecidas do ser, e cita como exemplo um estudo conhecido na literatura neurocientífica como TN. TN é um negro africano de 52 anos que morava na Suíça e, em 2004, sofreu alguns derrames somente na região do córtex visual. Ele foi convidado a participar de um experimento para detectar estados de espírito (humor) quando exposto a figuras de rostos de pessoas. Ora, TN estava cego, pois, devido aos derrames, seu cérebro não conseguia processar as informações recebidas de seu olho. As figuras humanas foram escolhidas para o teste porque se acredita que o ser humano desenvolveu a capacidade de tentar compreender como está o outro à sua volta como forma de melhor se adaptar às situações. É algo treinado e já característico da espécie.

TN conseguiu identificar corretamente o estado de humor das imagens de duas em cada três figuras, ultrapassando a expectativa da estatística aleatória. Mlodinow (2013) afirma que a área fusiforme da face recebia as imagens e influenciava suas escolhas conscientes de alguma forma. Um segundo teste foi feito, agora pedindo que ele se desviasse de objetos que estavam à sua frente. Ele conseguiu desviar intuitivamente da maioria dos objetos, mesmo sem a capacidade de ver. Esse fenômeno foi chamado de “visão às cegas”.

Dessa forma, vemos que as neurociências apontam as limitações da percepção humana, a necessidade cerebral de adaptar os diferentes estímulos sensoriais de forma a compreendê-los e a permitir uma melhor adaptação do homem ao meio e, ainda, constatam que existe um funcionamento que é característico da vida e vai além da capacidade da consciência, o qual os neurocientistas também (como na psicanálise)

3 Baldo, M. V. (2010). In: Lent, R. As portas da percepção. In: \_\_\_\_\_. *Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais*. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2010, p 633.

chamam de inconsciente. Parece que, finalmente, estamos próximos da comprovação do que Freud construiu em teoria já no “Projeto para uma psicologia científica” (1996).

O que Baldo<sup>4</sup> chama de ilusão por adaptabilidade cerebral, gostaria de chamar de fantasia. Antes de entrarmos na fantasia conceituada pela psicanálise, gostaria de fazer uma ressalva com Mlodinow (2013), estudioso das neurociências. Em suas pesquisas sobre o inconsciente, Mlodinow esbarrou, conseqüentemente, no estudo da memória. Segundo ele, a mente inconsciente se envolve ativamente na tarefa de moldar a memória. O inconsciente tem seus truques na criação de memórias de eventos que, na verdade, são construções da imaginação e são sentidos como tão reais quanto os dados brutos recebidos dos olhos e ouvidos. Ele diz que esses truques inconscientes, conjurados pela nossa imaginação, completam os rudimentos da memória, gerando erros. E utiliza-se da teoria de Münsterberg para explicar que constantes e corriqueiros erros de memória têm uma origem comum, em uma técnica que a nossa mente usa para preencher as inevitáveis lacunas. E essa técnica cerebral inclui confiar nas expectativas, em nossos sistemas de valores e em nossos conhecimentos prévios. Ele termina afirmando que, “como resultado, quando nossas expectativas, nossos valores e conhecimento prévio estão às turras com os acontecimentos reais, nosso cérebro pode ser enganado” (Mlodinow, 2013, p. 62).

Assim, as neurociências entram no fantástico mundo mental/psíquico, já conhecido há muito pelos psicanalistas, e também mergulham na influência consciente e inconsciente sobre a vida e nossa construção sobre quem somos e sobre o meio à nossa volta.

### ***A partir do mundo interno***

Alonso-Fernández (1976 apud Segal, 1993, p. 43). Não abordamos a realidade com a mente em branco. Ela continua apontando que abordamos a realidade com as expectativas formadas por nossas fantasias pré-conscientes ou inconscientes e a vivenciamos, durante toda a vida, como um implemento e teste delas de encontro à realidade. Assim, o teste de realidade nada mais é do que uma testagem de nossas hipóteses construídas pela fantasia. E reafirma que “as fantasias inconscientes são como uma série de hipóteses que podem ser testadas pela realidade” (Segal, 1978 apud Segal, 1993, p. 43).

Freud pensava que a fantasia não era uma atividade primária, mas teria as mesmas raízes dos sonhos, dos sintomas, dos atos falhos e da arte. É Klein que, ao contrário de Freud, afirma que a fantasia inconsciente é uma atividade primária nuclear, que expressa originalmente tanto os impulsos como as defesas, interagindo continuamente com a percepção, modificando-a e sendo modificada por ela. Afirma ainda que o amadurecimento e as experiências tornam as fantasias mais complexas, somando-se a elas os dados sensoriais e as motivações variadas. Assim, Klein formula um novo pensamento, segundo o qual as fantasias inconscientes são subjacentes aos sonhos, aos sintomas, à percepção, ao pensamento e à criatividade. Elas não se somam ao ato de sonhar, na verdade elas são a matéria a partir da qual os sonhos são criados (Segal, 1993). A partir dos estímulos sensoriais, a mente reconstrói sua realidade e remonta suas experiências, utilizando a fantasia.

4 In: LENT, Roberto. As portas da percepção. In: \_\_\_\_\_. *Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais*. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2010, p 632-633.

*O cérebro é organizador das informações sensoriais dando sentido ao que é recebido através das emoções. Aquilo que falta à sua compreensão é criado de forma a gerar a compreensão. É como uma espécie de quebra-cabeças: onde falta uma peça, o cérebro a cria de forma que possa entender a figura montada. [...] Faz parte da construção cerebral completar o que falta. Então, a primeira dificuldade de percepção da realidade se dá na decodificação cerebral dos estímulos externos. Junta-se a isso a capacidade de lidar com os prazeres e as frustrações dos desejos humanos, que a fantasia vem auxiliar. Lidar com a realidade se torna intolerável sem a capacidade de fantasiar. (Menezes, 2014b, p. 3-4).*

Permitindo, então, uma visão mais integrada entre conhecimento psicanalítico e conhecimento neurocientífico, podemos especular que, na evolução humana, todo o desenvolvimento psíquico e o surgimento da consciência proporcionaram a capacidade de construir um mundo que projeta (ou melhor, introjeta), para dentro do ser, espectros de sua realidade. Ao mesmo tempo, fantasias construídas a partir de sensações, estímulos e construções internas se somam ao conhecido e ao sentido e são projetadas para o que está ao redor.

A fantasia é o açúcar do nosso café diário, que dá prazer e ajuda a nos manter acordados para a vida. É um recurso interno que procura facilitar o processo de adaptação do ser humano ao mundo. Não é bom, nem ruim. É necessário.

### **Construções clínicas a partir do todo**

Partindo da crença de que fantasia e realidade fazem parte de um mesmo aspecto e, portanto, orgânico e mental são vertentes inseparáveis, o olhar sobre o ser sofre mais uma modificação. Freud descobriu e desvelou o mundo interno, Klein lançou luz sobre a importância das relações com os objetos. Bion trouxe os diferentes olhares sobre o homem e explicou como ocorre esse desenvolvimento mental, mas é Ferrari quem traz um olhar que rompe definitivamente com a cisão mente/corpo.

Ferrari (1995; 2000) transforma o corpo no primeiro objeto da mente. Ao contrário de Klein, para quem o seio é o primeiro objeto do bebê, Ferrari traz o olhar para o orgânico, demonstrando que o primeiro objeto de relacionamento do bebê é o corpo. O corpo físico, em suas múltiplas sensações, que precisam ser nomeadas e construídas mentalmente. Ele fala de uma relação corporal-mental, ou melhor, de uma possibilidade de autoconhecimento a partir do corpo.

A mente que nasce junto com o corpo busca, em seu processo de reconhecimento, um contato consigo e com o mundo. Assim, como visto anteriormente na explicação dada pelos neurocientistas, o bebê entra em contato, desde o nascimento, com suas sensações e percepções corpóreas e, ao mesmo tempo, com construções próprias a partir do próprio psiquismo e das influências do que é recebido pelo aparelho neural-sensório-motor. A partir disso, surge a consciência – de si e do mundo –, e o desenvolvimento dessas sensações corporais e mentais começa a ampliar o mundo psíquico. Nesse modelo de pensamento, o mundo psíquico surge para promover a vida. As sensações fisiológicas ganham representações mentais e, por serem vinculadas (representação de coisa e ideia

de Freud), pode-se suportá-las e lidar com elas. Ferrari (1995; 2000) afirma que o objeto originário concreto (OOC) – o corpo fisiológico e também espaço do mental – é eclipsado pelo funcionamento mental, abrindo espaço para o desenvolvimento e o pensamento, o que permite uma melhor adequação humana.

O corpo, como integrante da realidade, submete-se ao tempo e ao espaço reais, delimitando a atuação da fantasia e do mundo interno (ações e desejos) e agindo também como um dos elos entre o mundo psíquico e a realidade. Ferrari propõe que o desenvolvimento total só pode ocorrer quando existe um equilíbrio entre o eixo orgânico e mental do homem consigo – denominado eixo ou coordenada vertical – e a relação do ser com o mundo que o cerca, com o meio e com os outros, o que ele chama de eixo ou coordenada horizontal. Assim, o contato consigo e com o mundo interno, mais as trocas com o meio e os outros, é que darão ao ser o potencial de desenvolvimento e amadurecimento (Ferrari, 1995). Para esse autor,

*quando a mente é capaz de se colocar sobre o corpo de forma a lidar em outra instância com o que emerge, o OOC é eclipsado. Ou seja, os impulsos corporais são filtrados pela mente e as sensações podem ser suportadas, toleradas. O eclipse do OOC dá ao indivíduo a possibilidade de suportar o sofrimento, melhorando e aperfeiçoando sua capacidade de viver. (Menezes, 2014a, p. 2-3).*

Assim, muito mais do que trabalhar com o inconsciente, Ferrari propõe um trabalho com um olhar total para o corpo/mente, buscando uma expansão da consciência que considere tanto aspectos inconscientes como a percepção/sensação (olhar para o orgânico), como forma de apropriação do espaço e do tempo e da capacidade de suportar as adversidades inerentes ao ser vivo e lidar com elas, podendo oscilar de acordo com as mudanças internas e externas e estando além do que pode ser controlado, pensado ou sentido.

### **Considerações finais**

Quando minha sobrinha foi despertada para a fantasia de perder a língua, precisou se dar conta de que tinha sua língua no aspecto concreto, passando a mão sobre ela para ter certeza de que ela existia. A menina fez isso por meio de seu aparelho sensorio-motor. Quando se deu conta de que a língua existia, precisava reavê-la em seu aspecto mental/psíquico, já que ela lhe tinha sido “roubada”. Quando, em brincadeira, ela consegue reaver sua língua, corpo e mente, fantasia e realidade se unem novamente, trazendo a sensação de integridade momentaneamente perdida. Muitas vezes, recebemos em nossos consultórios pessoas gravemente cindidas nessa tênue linha entre os mundos interno e externo, e penso que seja função analítica ajudar essas pessoas a se reintegrarem. Reintegração não no sentido de plenitude ou completude, mas na possibilidade de harmonizar todos os estímulos e transformá-los em uma sinfonia de experiências, sentimentos, sensações, pensamentos que tocam juntos, permitindo enxergar a beleza da vida. Em outras palavras, harmonizar fantasia e realidade.

**Resumen:** El artículo busca desarrollar conexiones entre las neurociencias y el Psicoanálisis a través de la mirada sobre el mundo interno y externo y sobre fantasía y realidad. La idea es que oscilamos entre dos extremos de un mismo eje, buscando la armonía entre ellos para adaptarnos a la vida. Se presenta también la teoría de Ferrari como una aplicación clínica de la posibilidad de integrar mente/cuerpo en un trabajo más amplio en la clínica psicoanalítica.

**Palabras clave:** Realidad, fantasía, objeto originario concreto.

## REFERÊNCIAS

- Cheniaux Jr., E. (2008). Sensorpercepção. In: \_\_\_\_\_. *Manual de psicopatologia*. 3ª ed., cap. 7. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Ferrari, A. (2000). *A aurora do pensamento: do teatro edipiano aos registros de linguagem*. São Paulo: Editora 34.
- \_\_\_\_\_. (1995). *O eclipse do corpo: uma hipótese psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1996). A psicologia dos processos oníricos. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. V. Rio de Janeiro: Imago. Texto original publicado em 1900.
- \_\_\_\_\_. (1996). Projeto para uma psicologia científica. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. I. Rio de Janeiro: Imago. Texto original escrito em 1895 e publicado em 1950.
- Lent, R. (2010). As portas da percepção. In: \_\_\_\_\_. *Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais*. 2ª ed. São Paulo: Atheneu.
- Menezes, P. (2014). O virtual, o homem e a psicanálise. Núcleo Psicanalítico de Aracaju, 2014a. Disponível em: <http://www.psicanalisearacaju.org.br/?pag=textos&idtexto=135&idcoluna=28>. Acesso em 2 jun. 2014. (Texto original publicado na Revista de Psicanálise Reverie, Vol. 5, nº 1, jun. 2012, p. 100-114).
- \_\_\_\_\_. (2014). Hipóteses sobre o despertar da consciência de si mesmo do indivíduo. Núcleo Psicanalítico de Aracaju, 2014b. Disponível em: <http://www.psicanalisearacaju.org.br/?pag=textos&idtexto=138&idcoluna=28>. Acesso em 2 jun. 2014 (texto originalmente publicado em Campagna, J. et al. (Org.). *Construções III: medo e paixão na formação analítica*. Campo Grande: Gráfica Mundial, 2013, p. 139-156).
- Mlodinow, L. (2013). *Subliminar: como o inconsciente influencia nossas vidas*. Rio de Janeiro: Zahar. Edição digital.
- Segal, H. (1993). *Sonho, fantasia e arte*. Rio de Janeiro: Imago.
- Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago.



# El todo y sus partes: el gran cuerpo del psicoanálisis

por Mtra. Alejandra Uscanga Castillo<sup>1</sup>

**Resumen:** El gran cuerpo del psicoanálisis nos pone en la dificultad de definir sus límites. Este ha sido un intento que se ha llevado a cabo desde el inicio de la práctica psicoanalítica. Pese a asegurar que pensar en una teoría única que explique el devenir del sujeto es hacer un lecho de Procusto, se siguen escuchando afirmaciones airadas de lo que es y no es psicoanálisis. Para considerar esta dificultad recurro a la metáfora de Strenger sobre los psicoanalistas como erizos (tradicionales) o zorros (creativos), proponiendo para la clínica un pluralismo crítico en el que conservemos la flexibilidad de los zorros con ciertas nociones tradicionales como los erizos, pero ¿cómo llevarlo a cabo? Presento la hermenéutica analógica de Mauricio Beuchot (filósofo mexicano) que propone que el acto interpretativo es variado, habiendo varias hipótesis posibles, mismas que serán jerarquizadas a partir de ciertas nociones universales y su pertinencia dentro de un contexto. Propongo que las nociones universales que como psicoanalistas nos son útiles para contextualizar nuestro ejercicio clínico son las nociones de lo inconsciente y de la transferencia. Mientras trabajemos con estas dos nociones estaremos dentro del gran cuerpo del psicoanálisis en donde gran cantidad de ideas teóricas son validas dependiendo realidad clínica en la que nos encontremos.

**Palabras clave:** Hermenéutica analógica, acto interpretativo, pluralismo crítico, lo inconsciente, transferencia.

## *Los seis ciegos y el elefante (adaptación)*

En la Antigüedad, vivían seis ciegos que competían para ver quién era más sabio. Un día, discutiendo acerca de la forma exacta de un elefante, no se ponían de acuerdo y como ninguno lo había tocado, decidieron salir a la busca de un ejemplar. Emprendieron la marcha. No habían andado mucho cuando se dieron cuenta que estaban al lado de un gran elefante. Finalmente podrían resolver el dilema.

El primero se abalanzó. Sin embargo las prisas hicieron que tropezara y chocara de frente con el costado del animal. El elefante –exclamó– es como una pared de barro secada al sol.

El segundo avanzó con las manos extendidas. Tocó dos objetos largos y puntiagudos ¡La forma de este animal es exactamente como la de una lanza...sin duda es así!

Entonces avanzó el tercer ciego. El elefante, algo curioso, se giró y le envolvió con su trompa. El ciego agarró la trompa del animal y notando su forma dijo: Escuchad, este elefante es como una larga serpiente.

Era el turno del cuarto sabio. Se acercó por detrás y recibió un suave golpe con la cola del animal. El sabio agarró la cola, no tuvo dudas y exclamó ¡Lo tengo, es igual a una vieja cuerda!

---

<sup>1</sup> Analista en formación de la Asociación Psicoanalítica Mexicana. alusca11@gmail.com

El quinto se encontró con la oreja del animal y dijo: Ninguno de vosotros ha atinado. El elefante es más bien como un gran abanico plano.

El sexto sabio se encaminó hacia el animal encorvado. Pasó por debajo y tropezó con una de sus patas: ¡Escuchad! Lo estoy tocando y os aseguro que el elefante tiene la misma forma que el tronco de una gran palmera.

Todos habían experimentado por ellos mismos cuál era la forma verdadera del elefante, y creían que los demás estaban equivocados.

El gran elefante del psicoanálisis nos pone en la delicada situación de cuestionarnos cuáles son sus características, qué entra en el cuerpo que lo compone. Esta es una discusión que no es nueva, desde los inicios ha habido intentos por definir sus límites, identificar lo que le es propio y lo que es ajeno.

Es evidente que una frontera debe haber... no todo es psicoanálisis. Hay abordajes psicoterapéuticos que, aunque retoman términos similares, se mueven en otra dirección, usan otros mapas. Pero también es evidente que un límite tajante y absoluto tampoco es posible –y tal vez no es deseable–. El ser humano es por naturaleza multifacético y pretender que quede encasillado en una teoría homogénea que explique su complicado devenir psíquico es hacer un lecho de Procusto. Eso se ha dicho muchas veces, sin embargo escuchamos, en las discusiones airadas, afirmaciones que esgrimen con mucha facilidad la noción de lo que es y no es psicoanálisis.

Es una realidad que no todos podemos manejar las mismas herramientas, pues como seres humanos tenemos límites. Habrá ideas que no podremos usar, que a nosotros no nos funcionen para comprender la situación emocional de un paciente. Pero, esta inevitable limitante nuestra, significa que, ¿lo que yo no comprendo, lo que a mi no me hace sentido no es psicoanálisis? Nos movemos hacia el resbaladizo terreno de la subjetividad, ineludible ingrediente esencial de nuestro quehacer profesional y nuestro teorizar.

Carlo Strenger (2007) utiliza como metáfora los erizos y los zorros para tratar de comprender cómo se mueve la teorización en psicoanálisis. Parece una simplificación del problema, no obstante, ilustra de forma clara dos formas de concebir la teoría y la práctica. Los erizos: limitados, pasivos, acostumbrados a una sola manera de hacer las cosas, tienden a afirmar que el psicoanálisis es uno; una teoría y una técnica. Hay quienes afirmarán que nadie en la actualidad sostendría esta visión, no obstante en las recomendaciones técnicas y en los comentarios espontáneos, puede identificarse esta forma de ver las cosas.

Por otro lado tenemos a los zorros: inquietos y cuestionadores, siempre probarán nuevas formas de hacer las cosas. Los psicoanalistas zorros son los encargados de la innovación de la teoría y de la práctica. El mismo autor habla de la necesidad de que en el psicoanálisis haya más zorros, no obstante mantiene la importancia de los erizos como los continuadores de la tradición: inevitable paradoja en la que el psicoanálisis, como el ser humano, siempre se moverá.

Cuestionando la forma en que estas dos visiones del mundo pueden equilibrarse una a la otra, se propone la idea de un *pluralismo crítico* (distinto del eclecticismo totalizador) dentro del cual se puedan leer las teorías, reconocer los puntos de coincidencia, aceptar los puntos en donde no se puede coincidir y, haciendo un examen crítico, acceder a un cuerpo de conocimientos lo suficientemente sólido y flexible para desempeñarnos en la clínica. Necesitamos tener flexibilidad (como zorros) sin perder ciertos lineamientos (como erizos) que nos permitan funcionar.

Los psicoanalistas somos seres humanos: nos movemos dentro de una dimensión inconsciente, a pesar de haber pasado años en el diván. El psicoanálisis no inmuniza contra lo inconsciente. En todo caso da herramientas adecuadas que nos permitan comprender la emergencia del mismo y hacer el mejor uso de “eso” que al final tendrá siempre un carácter incognoscible. Así, nuestras preferencias teóricas están inevitablemente influenciadas por nuestra subjetividad, por nuestras experiencias vivenciales, por los procesos inconscientes que nos cruzan. Nosotros como psicoanalistas tenemos una Concepción del mundo (Hernández, Hernández, 2010) o ECRO (Pichon-Rivière, 1975) entendida como el conjunto de ideas, pensamientos, sentimientos e intuiciones conscientes pero, sobre todo inconscientes, que nos llevan a explicar los fenómenos a los que nos enfrentamos. La elección de una teoría que nos de sentido en nuestra práctica clínica, estará en gran medida determinada por esta Concepción del mundo, que es previa a nuestro contacto con el psicoanálisis y que estará siempre en la base de nuestros juicios sobre la “realidad” a la que nos enfrentamos. Esto nos lleva a cuestionarnos si la teoría a la que nos asimos es objetiva, es única, es total, es “El psicoanálisis”.

Tubert-Oklander y Hernández de Tubert (2004) hablan, siguiendo a Bion, sobre lo difícil que es la transmisión del psicoanálisis, debido a que es una experiencia emocional única, que por lo tanto adquiere carácter de idiosincrática. La única forma de transmitirla es vivirla, de modo que la comprensión que cada uno de nosotros tenga del psicoanálisis será muy particular. Esto trae como consecuencia conflictos a la hora de compartir nuestras ideas con otros profesionistas e incluso entre psicoanalistas. Lo anterior podría traer como indeseable consecuencia una visión subjetivista extrema, en donde a partir de la experiencia personal única, todo tendría que valer. Estoy lejos (junto con los autores citados) de simpatizar con esta idea, que al final es igual de totalizadora que cerrar el psicoanálisis un sólo cuerpo teórico que lo defina.

Strenger (2007) propone el *pluralismo crítico*, pero ¿cómo llegamos a este? Mauricio Beuchot (2005, 2008), filósofo mexicano, ha desarrollado la *hermenéutica analógica*. Pretende situarse entre el equivocismo (múltiple voces) y el univocismo (única voz), siendo un punto intermedio, tendiente a valorar más la diferencia. De este modo, puede haber más de una interpretación válida, que estarán jerárquicamente organizadas a partir de la pertinencia dentro de un contexto (continente), promoviendo vías intermedias e integradoras. Propone un relativismo con límites, en donde haya algunas nociones (pocas) universales, que proporcionan jerarquía y gradación.

Aunque las interpretaciones sean potencialmente infinitas, la mente humana es finita, por lo que su posibilidad de conocer se reduce al segmento de lo finito enmarcado

por su contexto y elaborado en el diálogo interpretativo entre los intérpretes (analista y paciente, alternativamente). Quien determina la validez de la interpretación es el intérprete al rescatar la intención del autor y establecerla dentro de un contexto sociocultural. Hay que recordar para esto la ampliación de la noción de texto, desarrollada por Gadamer y Ricoeur, quienes proponen que texto es toda actividad humana que tiene como finalidad comunicar (Beuchot, 2005).

Aceptar lo finito que somos los seres humanos para comprender el mundo en su totalidad (externo e interno) es aceptar que inevitablemente tenemos puntos ciegos, que, a si mismo, se relacionan con lo inmenso del mundo y con las limitaciones personales. Ello implica la aceptación de nuestra subjetividad y de lo inconsciente que nos influye. Así, todos somos sabios ciegos. Afrontar esta ceguera como una limitación humana inherente nos da la posibilidad de aceptar que la parte del elefante que tocamos (porque nos queda cerca, porque resuena con nuestras experiencias emocionales, porque responde a lo inconsciente que nos moviliza), es simplemente una parte del elefante, pero hay más ¿Puede un sabio ciego, un psicoanalista, tocar todo el elefante, conocerlo todo? A partir de la noción de Concepción de mundo y de la hermenéutica analógica pienso que no. Las hipótesis que alcancemos a elaborar, a jerarquizar y a utilizar, estarán en relación con la verdad contextual, analógica a la que nos enfrentamos; verdad que no es absoluta, pero que da suficiente certeza dentro del contexto para trabajar (Beuchot, 2005 y 2008; Uscanga-Castillo, 2012).

Necesitamos algunas nociones universales que nos den sustento y nos permitan el acto interpretativo ¿cuáles serían éstas en psicoanálisis? Aquí es donde uno da el salto mortal, al hipotetizar algunas nociones fundamentales que contengan el cuerpo del psicoanálisis y que, como a los sabios ciegos, nos guíen al menos para encontrar ese cuerpo, aunque haya divergencias en las descripciones que demos del mismo. La red de seguridad con la que pretendo dar ese salto se compone de dos nociones: lo inconsciente y la transferencia.

El Diccionario de Psicoanálisis (Laplanche y Pontalis, 1996) define inconsciente como adjetivo y en sentido tópico. Como adjetivo, lo inconsciente se utiliza para agrupar el conjunto de elementos que no están presentes en el campo actual de la consciencia, es decir, en sentido descriptivo. En el sentido tópico designa uno de los sistemas o aparatos de la primera teoría del aparato psíquico.

La interrelación entre ambos significados es variada, dependiendo del momento teórico en el que Freud se encontraba y no la discutiré ahora. Esta definición me sirve únicamente para señalar que la noción de lo inconsciente, sea que lo tomemos como adjetivo o como sistema, parece estar presente en el pensamiento de todo psicoanalista. Aquí habrá quién diga que han oído afirmar a teóricos que no trabajan con la noción del inconsciente. Puedo decir que, al menos en el acercamiento que yo he tenido con estos teóricos, a lo que están haciendo alusión es a la noción del inconsciente como estructura/caja/contenedor dentro del ser humano (Tubert-Oklander, 2013). Los intersubjetivistas o los relacionales (Sullivan, Mitchel, Arlow, Storolow) parten de la idea de que lo inconsciente (como adjetivo, como elementos que salen de nuestro campo de conciencia, como procesos complejos y fluidos con su organización y lógica propios) no está contenido por el psiquismo individual, sino que son procesos que nos trascienden

y que nos conectan con los otros de forma íntima. Dejan la noción del inconsciente como un apartado dentro de la psique individual que guarda contenidos pulsionales y se acercan a la idea de lo inconsciente como procesos que nos trascienden y que nos conectan con los demás, que están siempre activos y que hacen que la relación con el otro sea fundamental en nuestra organización mental: la matriz relacional de Foulkes (1975) (Mitchell, 1993; Stolorow y Atwood, 2004; Stern, 2007; Tubert-Oklander, 2013).

Hay otros teóricos que se acercan a la noción del inconsciente como estructura, ya sea por ella misma (como la primera tópica freudiana) o asignando estas características al Ello de la segunda tópica. Así es que, dentro de las múltiples significaciones que tiene el término de lo inconsciente ¿hablamos de lo inconsciente según Freud, Klein, Bion o Winnicott, los postkleinianos, los intersubjetivistas o la escuela francesa? Parece haber un sólo lugar común: *la noción de que como seres humanos nos enfrentamos a procesos o contenidos mentales, ya sea individuales o interpersonales, que salen del ámbito de la consciencia –son entonces inconscientes–, de los que no podemos dar cuenta más que a través de un trabajo analítico y que nos influyen de una forma que desconocemos a menos que hagamos este trabajo analítico.*

La segunda noción es la transferencia. El fenómeno de la transferencia es, en cierto sentido, consecuencia de aceptar la noción de lo inconsciente. Al enfrentarnos a procesos, afectos o contenidos que salen de nuestra consciencia y por lo tanto de nuestra comprensión directa, también nos acercamos a la idea de que esos procesos, afectos o contenidos nos conectan, nos relacionan con otros seres humanos sin que nos demos cuenta de ello. Esto nos conduce a esperar de los demás, respuestas que serían consecuentes a lo inconsciente que caracteriza la relación. La transferencia es el proceso por medio del cual se actualizan deseos inconscientes y prototipos (de relación) infantiles, viviéndolos con una marcada actualidad (Laplanche y Pontalis, 1996). Vemos cómo en la definición se incluyen tanto aspectos de contenido (deseos inconscientes actualizados) como de proceso (prototipos de relación infantil).

También dentro de esta segunda noción universal hay diversas opiniones. Hay quienes consideran la dupla transferencia-contratransferencia esencial (Heimman, 1950; Racker, 2000 [1960]), los hay que opinan que la transferencia sólo es una y que va de paciente al analista y viceversa (Stern, 2007) y, como pionero de esta idea (Lacan, 1960-61) fundamentándose en la noción del deseo y del deseo del analista, piensa la transferencia como resistencia o como la fuente por excelencia de comunicación del paciente. El manejo de la misma también trae diferencias: se la interpreta desde el inicio o se espera a que se haya establecido formalmente, sólo se interpreta la negativa o también la positiva (Coderch, 1990), se comparten afectos del analista para clarificar la intrincada relación afectiva (Little, 1960) o simplemente se habla del paciente, etc. Dentro de toda esta multiplicidad de posturas, nuevamente lo que hay en común es *el reconocimiento de que procesos inconscientes, afectivos y que reflejan patrones de relación infantiles, se repiten en la actualidad con otra persona, en especial con la persona del analista, y analizar esta repetición traerá luz sobre los procesos o contenidos inconscientes, que a su vez ampliará el conocimiento que tengamos de nosotros mismos.*

Mientras estas nociones universales caractericen nuestro quehacer en el consultorio, podemos considerar que estamos tocando el gran cuerpo del psicoanálisis ¿Hablar de las relaciones duales es salirse del psicoanálisis al no incluir el Edipo? ¿Identificar los núcleos psicóticos o hablar de los elementos depresivos es no ser psicoanalistas por no estar en la sexualidad? ¿Abordar las heridas narcisistas es salirnos del terreno? ¿Pensar en el falso self del paciente en vez de en su etapa de fijación libidinal nos saca de la jugada? ¿Reflexionar en los traumas transgeneracionales pone en tela de juicio nuestra pertenencia al psicoanálisis? ¿Analizar las relaciones interpersonales en su vertiente inconsciente como fundamental para entender al ser humano es una herejía? Podrían seguir los ejemplos de las veces que en la clínica salimos de los “pilares tradicionales” para adentrarnos en terrenos distintos, no por eso menos inconscientes, no por eso menos expresables en la transferencia, no por eso menos importantes para nuestra labor clínica.

La postura analógica es además una postura ética, en la que en lugar de atacarnos entre nosotros podemos aceptar nuestras limitaciones y potencialidades, para entender la realidad clínica que experimentamos (Velasco, 2011). Seguramente la visión que tendremos de los fenómenos clínicos y la explicación que les demos, serán elaboradas desde diferentes lugares, con diferentes perspectivas, pero estaremos – como los sabios ciegos – tratando de describir el mismo cuerpo. El riesgo está en comportarnos como los ciegos del relato – lo cual es lamentablemente muy común – y asumir que lo que yo haya vivenciado como psicoanálisis es La verdad, sin considerar que, pese a que yo no pueda tocar otras partes, hay otros sabios ciegos describiendo desde su contexto, una verdad analógica que, junto con la mía, contribuirá (si nos damos la oportunidad) a complejizar y complementar la noción que tengamos, no sólo del psicoanálisis, si no del ser humano. Porque al final ¿no es el ser humano también un gran elefante que tiene múltiples aristas desde las cuales observarlo, entenderlo y describirlo?

**Resumo:** O grande corpo da psicanálise nos coloca na dificuldade de definir seus limites. Esta foi uma tentativa que se fez desde o início da prática psicanalítica. Embora assegurar que pensar em uma teoria única que explique a transformação do sujeito fosse fazer um leito de Procrusto, continuam sendo ouvidas afirmações iradas do que é e não é psicanálise. Para considerar Esta dificuldade, eu recorro à metáfora de *Strenger* sobre os psicanalistas como ouriços (tradicionais) ou raposas (criativos), propondo para a clínica um *pluralismo crítico* em que nós conservemos a flexibilidade da raposa com certas noções tradicionais, como o ouriço, mas como fazer isso? Apresento a hermenêutica analógica de Mauricio Beuchot (filósofo mexicano), que propõe que o ato interpretativo é variado, havendo várias hipóteses possíveis, as quais serão hierarquizadas a partir de certas noções universais e sua pertinência, dentro de um contexto. Eu proponho que as noções universais que, para nós psicanalistas, são úteis para contextualizar nosso exercício clínico, sejam as noções do inconsciente e da transferência. Enquanto nós trabalharmos com Estas duas noções, Estaremos dentro do grande corpo da psicanálise, onde um grande número de ideias teóricas é válido, dependendo da realidade clínica em que é tivermos.

**Palavras-chave:** Hermenêutica analógica, ato interpretativo, pluralismo crítico, a coisa inconsciente, transferência.

## Referencias

- Beuchot, M. (2005). *Tratado de Hermenéutica Analógica: Hacia un nuevo modelo de interpretación*. Tercera Edición. México D.F.: Facultad de Filosofía y Letras UNAM – Editorial Itaca.
- Beuchot M. (2008). El psicoanálisis y su dimensión hermenéutica. En Tubert-Oklander, J. Y Beuchot M. (ed.). *Ciencia Mestiza: Hermenéutica analógica y psicoanálisis*. Cap 3, pág. 73-87. México D.F.: Editorial Torres Asociados.
- Coderch, J. (1990). *Teoría y técnica de la psicoterapia psicoanalítica*. Barcelona: Herder.
- Foulkes, S.H. (1975). A short outline of the therapeutic process in a group-analytic psychotherapy. Lear, T. (ed.) (1984). *Spheres of Group Analysis*. pág. 14-19. Londres: Group-Analytic Society
- Freud, S. (1912) “Algunas observaciones sobre el concepto de lo inconsciente en psicoanálisis”. En Obras Completas. Vol XII. Amorrortu Editores. Buenos Aires (1991)
- (1915) “Lo inconciente”. En Obras Completas. Vol. XIV. Amorrortu Editores. Buenos Aires (1991)
- Heimann, P. (1950). On counter-transference. *International Journal of Psychoanalysis*. 31:81-84.
- Hernández, Hernández, R. (2010). *Psicoanálisis y Concepción del mundo. Tesis para obtener el grado de Doctor en Psicoterapia*. Centro de Estudios de Posgrado de la Asociación Psicoanalítica Mexicana.
- Laplanche, J y Pontalis, J. (1996). *Diccionario de Psicoanálisis*. Argentina: Paidós.
- Lacan, J. (1960-61). *Seminario 8. La transferencia*. Obtenido de: Agrupación Estudiantil DCO. <http://www.agrupaciondco.com.ar/biblioteca/Lacan%2C%20Jacques%20-%20Obras%20Completas/10%20Seminario%208.pdf>
- Little, M. (1960). The positive controbution of countertransference. *Transference Neurosis and transference Psychosis*. Pág. 129-133. Northvale, N.J.: Jason Aronson, 1993.
- Mitchell, S. (1993). *Conceptos Relacional en Psicoanálisis: Una integración*. México, D.F.: Siglo XXI.
- Pichon-Rivière, E. (1975). El proceso grupal. Del psicoanálisis a la psicología social I. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Operative Groups: The Latinamerican Approach of Group Analysis. Londres: Jessica Kingsley Publishers.
- Tubert-Oklander, J. (2013). Theory pf Psychoanalytical Practice: A Relational Process Approach. Londres, Inglaterra: *International Psychoanalytical Association-KARNAC*
- Tubert-Oklander J. y Hernández de Tubert. R. (2004). *Training of Psychotherapists, Psychoanalysts and Group Analysts*. Operative Groups: The Latinamerican Approach of Group Analysis. Cap 5, pág. 141-184. Londres: Jessica Kingsley Publishers.
- Racker, E. (2000). *Estudios sobre la técnica psicoanalítica*. México Paidós. Versión original de 1960.
- Stern, D. (2007). El ojo que se ve a sí mismo: Disociación, enactment y el éxito en el conflicto. *Clínica e Investigación Relacional*. Vol. 1(2): 329-358
- Stolorow, R. y Atwood, G. (2004). *Los contextos del ser*. Barcelona, España: Herder.
- Strenger, C. (1997). Hedhegos, Foxes and Critical Pluralism: The Clinician's Yearning for Unified Conceptions. *Psychoanalysis and Contemporary Thought*. 20:111-145.
- Uscanga-Castillo, A. (2012). *La importancia de la supervisión en el desarrollo de la personalidad psicoterapéutica*. Tesis presentada en junio del 2012 en el Centro de Estudios de Posgrado de la Asociación Psicoanalítica Mexicana, para obtar por el grado de Maestro en Psicoterapia General.
- Velasco, R. (2011). *El analista analógico: Reflexiones sobre un uso ético de lo inconsciente*. Trabajo presentado en el XLVII Congreso Internacional de Psicoanálisis: Exploración de conceptos fundamentales: La sexualidad, los sueños, lo inconsciente. 3 al 6 de agosto del 2011. World Trade Center, México D.F. Manuscrito no publicado.
- Los Seis ciegos y el elefante. Relato tradicional de la India. Obtenido el 8 de julio del 2013 del sitio <http://www.annistiacatalunya.org/edu/2/jj/jud-elefante.html>



## Édipo e Luto em Melissa – um estudo

por Cynthia Peiter<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho parte de um caso clínico e faz uma discussão teórica que articula o trabalho de luto no processo de elaboração edípica feminino. Entende que há nuances melancólicas, que trazem dificuldades identificatórias no processo de elaboração edípica vivido pela paciente estudada.

**Palavras-chave:** Édipo, luto, identificação, sexualidade feminina.

Melissa é uma bela moça que me procurou aos 23 anos, cursando mestrado em literatura, buscando resolver seus “problemas edípicos”, que lhe trazem dificuldades com os namorados. Supõe que estas “questões edípicas” devam estar ligadas à separação de seus pais que ocorrera quando ela tinha 15 anos.

Traz suas angústias diante de sua mãe, dizendo que hoje em dia brigam muito, como se os ponteiros entre as duas não se acertassem mais. “Mas não entendo bem o que houve. Hoje, só brigamos. Estamos com raiva uma da outra. Eu só a maltrato.” Mostra-se muito inconformada com as atitudes da mãe diante do pai, pois, apesar de separados, (a mãe) ainda fica muito ligada a ele, bisbilhotando coisas da sua vida, usando-a como “pombo-correio”. E queixa-se: “Queria que minha mãe tomasse uma atitude, tomasse outro rumo, vejo-a presa a isso...”

Comprometida em fazer algo para solucionar a angustia de sua mãe, esforça-se em agradá-la, dando-lhe presentes. Certa vez, deu-lhe uma sandália - uma “Melissinha” - e esse gesto a alegrou, retirando-a momentaneamente da depressão em que estava...

As relações rancorosas com a mãe ocupam muito as sessões. Uma mulher melancólica, decepcionada com os homens, que passa os dias a lamentar ter sido abandonada por um marido, que a deixara por outra. Melissa sente-se, de forma incômoda, incomodamente amarrada a essas superstições que a perturbam, e interferem em sua relação com o pai. Sente-se convocada a ser uma cúmplice da mãe, colocada contra o pai.

Sempre esteve envolvida com algum namorado e, de repente, surge este novo namorado 30 anos mais velho. Um escritor que a cobre de mimos: pelas manhãs, enche sua caixa postal de recadinhos românticos. Vive um período de idílio surpreendente e inacreditável. Ele lhe faz saborosas promessas: um casamento em uma igreja em Pádua, reverter sua vasectomia e voltar a ter filhos com ela, entre outros sonhos.

---

1 Psicanalista, membro filiado do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. [cynthia.p@terra.com.br](mailto:cynthia.p@terra.com.br)

Agradeço ao colega Bernardo Tanis, por mais uma vez contribuir com minhas reflexões quando formula a questão que me leva a desenvolver este estudo.

Mas há dúvidas: Estaria pulando uma parte de sua vida? Não há muito entusiasmo pelo sexo... E há outros mal-estares que parecem remeter ao lugar do infantil dessa escolha. Os olhares dos amigos dele incomodam-na: “a menininha com quem ele anda agora”. Por um lado, Melissa parece regozijar-se ao lado dele, mas, por outro, pairam no ar impressões de viver algo ilícito, ou incestuoso. Mas quer somente curtir esse momento – que me parece ser a queridinha desejada do Escritor.

Surgem alusões a uma escolha edípica colorida por um revestimento narcísico talvez insuficiente, onde ela esforça-se para ser a menina dos olhos do Escritor.

Sua tentativa de encantar o objeto desloca-se para ele, e o lugar da análise passa a ser o de uma expectadora que permite a ela enamorar-se de uma figura paterna. E quer viver este ‘apaixonamento’ irrefletidamente.

O Escritor já foi casado e, de repente, Melissa começa a ver vestígios da ex-mulher. Imerge na fantasia de que esta outra deveria ter sido seu verdadeiro amor e, a cada afastamento seu, surge o nome dela: Monique. Monique torna-se a responsável pelos seus infortúnios agora. Se ele não telefona? Monique. Se ele não responde imediatamente seu e-mail? Monique. Se ele demora? Monique.

Fica muito incomodada, imaginando não ter importância na história dele e que Monique teria sido mesmo sua grande mulher.

Mostra-se um pouco entristecida, observando que as coisas importantes da sua própria vida nem ganham o devido valor. Seu trabalho anda crescendo, tem trabalhos publicados e propostas de free-lancer. O livro com a publicação de um artigo seu será lançado em breve e ela gostaria da presença dele nesta hora. Porém ele está viajando. Por um lado, desejava a presença dele ao seu lado - os dois fusionados, em uníssono. Por outro, percebe ser muito bom, ou talvez menos doentio, ser capaz de realizar essa produção sozinha. E lembra, alegremente, que Monique adotava o sobrenome do Escritor ao assinar suas publicações: assinava Monique E. E gosta de ser capaz de assinar seu próprio nome e não ter precisado da ajuda dele nessa produção.

E pergunta-se, em intenso trabalho elaborativo: “Afim, o que se leva de tudo isso?” Observa a estante e pensa: “Já não há buracos, todos os espaços na estante dele, onde deveriam estar os livros e os CDs da outra, foram preenchidos”. Reflete sobre a ausência de Monique e nota que talvez ele nem se importe mais com isso. Imagina que sua passagem na vida dele pode ser facilmente substituída ou esquecida... E fica, nesse momento, muito identificada com a Monique esquecida...

Proponho pensarmos sobre os tais buracos – provavelmente buracos narcísicos – não preenchidos dela mesma, que precisam ser tamponados com a presença desse namorado.

Enfim, está em andamento um profundo processo de elaboração do que poderíamos chamar “Complexo Monique”, a condensar aquilo que aponta para o espaço de desfusão, de separação entre ela e os objetos, a causa e motivo para o sentimento de incompletude narcísica dos humanos, do qual ela tanto se ressentida.

Aos poucos, observo Melissa lidando mais levemente com os afastamentos do outro, menos ressentida, na brincadeira. Se Escritor diz não poder levá-la à porta, ela

sabiamente responde: “Não diga isso, você não sabe quais proporções isso pode tomar dentro de mim?! Outro dia, lhe pede bem humorada. “Me faz um favorzinho? Se você não puder vir, me diz assim: Não posso ir, mas te amo mesmo assim... Senão, fico muito brava com você!”. E, assim, parece tornar-se capaz de colocar essa novela em jogo, em um espaço de transicionalidade.

Eis que o Escritor começa a mudar, querendo ficar muito em casa, talvez deprimido... Melissa imediatamente pensa ser sua culpa, pois talvez ela tivesse deixado de ser interessante aos olhos dele. E temos em mãos excelente material para trabalharmos uma reatualização de suas fantasias de não mais encantar seu objeto, em especial diante de um objeto que parece melancólico....

Já não surgem mais conversas de casamentos nem vasectomias revertidas. E ela sofre um longo e doloroso período de luto frente à perda desse parceiro tão sonhado. Traz reclamações, sentindo-se traída, decepcionada, enganada. Está com muita raiva dele!

Nessa hora, está também decepcionada e ressentida comigo, e também com Freud e toda a psicanálise, que lhe prometemos sonhos: faz análise quatro vezes por semana e ainda tem que enfrentar esses desapontamentos!?

Há um triste lamento sobre a ausência dele no dia de sua defesa de tese, que se estende, transferencialmente, em um lamento também pela minha ausência na plateia.

Surge um delicado trabalho de luto e reflito sobre nosso longo e intenso vínculo analítico e sua função no processo de elaboração de perdas objetais fundamentais, onde buscamos desenvolver recursos para suportar os afastamentos objetais sem despedaçamentos, sem incorrer em feridas narcísicas tão dolorosas como em outros tempos.

Mas, aqui, surge uma interessante questão. O que Melissa estaria vivendo? Tratar-se-ia de elaboração edípica ou um trabalho de luto?

### ***Édipo ou Luto?***

Em *Luto e Melancolia* (1915), Freud não faz referências explícitas ao Complexo de Édipo, nos mostra Miguelez. Mas, segundo esta autora, “não se pode perder de vista que no abandono desse complexo está em jogo um luto, talvez inaugural. Trata-se da perda dos primeiros e mais importantes objetos da libido: os pais. Processa-se uma renúncia aos desejos sexuais ligados a eles, não por morte, mas por inunção cultural encarnada no próprio seio da família. Tratar-se-ia de uma espécie de “luto edipiano”. (Miguelez, 2007, p.49)

Concordo com a autora, pois tenho em mente que o processo de elaboração edípica implica lutos dos objetos parentais, naquilo que toca uma renúncia a esses investimentos e que deixa como rastro um processo identificatório valioso.

O “luto edípico” referido por Miguelez diz respeito a este processo identificatório fundamental com poder de transformação psíquica, que levará à estruturação da instância superegóica, formadora do caráter a partir do abandono e posterior resgate dos objetos edipianos. (Miguelez, 2007, p. 50)

Embora o processo melancólico descrito em 1915 esteja ligado essencialmente a uma patologia, Freud irá usar este modelo para o entendimento dos modos de constituição psíquica, e o modelo da identificação póstuma ao desligamento objetal que está na base da formação do caráter, abandonando a exclusividade deste modelo para as patologias do luto. (Freud, 1923)

Ao pensar se há luto no Édipo, tenho em mente esse mecanismo baseado no modelo melancólico, que produz um precipitado identificatório que é constituinte do psiquismo. Para além da noção de perda objetal, destaco o modelo melancólico da identificação, que me pareceu presente no trabalho junto a Melissa.

Nesse mesmo texto, Freud desenvolverá o fundamental conceito de identificação, resultante do processo melancólico lá estudado, como conceito crucial para a teorização de Édipo, da forma como será elaborada futuramente em O Ego e o Id, em 1923. Assim diz ele:

*existe uma escolha objetal, uma ligação da libido a uma pessoa particular; então devido a uma real desconsideração ou desapontamento proveniente da pessoa amada, a relação objetal foi destroçada. O resultado não foi o normal – uma retirada da libido desse objeto e um deslocamento da mesma para um novo objeto ; foi retirada para o ego. (...) uma identificação do ego com o objeto abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o ego. (Freud, 1915, p. 281)*

Entretanto, a trama edípica feminina traz complexidades ainda não observadas quando Freud escreve o texto de 1915.

Como nos alerta Miguelez (2007), somente 20 anos após as primeiras menções ao Complexo de Édipo, Freud irá referir-se ao importante período pré-edípico no desenvolvimento sexual de uma menina, quando observará a importância do papel da figura materna como seu primeiro objeto de amor (eleito por apoio).

Quero destacar a longuíssima jornada onde a mãe é objeto de investimentos libidinais de tipo narcísicos. Penso que problemáticas ligadas a este vínculo materno e seu difícil desligamento trazem entraves a mais para a elaboração edípica vivida por Melissa.

Embora focalizando diferentes tempos diferentes da constituição psíquica, tanto Klein<sup>2</sup> (1945) como Freud destacarão a fundamental ligação da menina com sua mãe, cuja perda ou frustração se constituirá no passaporte da menininha para seu ingresso ao triângulo edípico.

Somente em 1931, destacará a ligação da menina com a mãe como ponto de partida para a feminilidade, como uma posição originária, anterior à fase fálica. Neste trabalho, ocupa-se extensamente da fase pré-edípica ao lado da mãe, quando o pai “não é muito mais que um rival causador de problemas”. “A fase pré-edípica nas mulheres

---

2 Klein (1945) aponta para enorme ligação entre posição depressiva e Édipo. Descreve como Rita, sua pequena paciente, vivia sua constelação edípica aliada aos movimentos próprios da posição de depressiva como sentimento de perda, culpa, ambivalências, a percepção de uma diferenciação entre realidade interna e externa, o desenvolvimento de uma capacidade para a simbolização, entre outras.

obtem uma importância que até agora não lhe havíamos atribuído”, afirma Freud (1931, p. 260), acrescentando que esta fase comporta todas as fixações e recalques que levam ao desenvolvimento de neuroses e psicoses, em especial a histeria e a paranoia. E acrescenta ainda que “deveríamos nos retratar da universalidade da tese segundo a qual o complexo de Édipo é o núcleo das neuroses” (Freud, 1931, p. 260). Ainda neste artigo faz referência ao Complexo de Édipo como uma posição secundária na feminilidade.

O desligamento objetal da mãe ocorrerá por alguns motivos elencados por Freud, mas, definitivamente, fica em destaque a importante decepção descrita no que denominou o Complexo de Castração (Freud, 1931, p. 269).

Tal decepção será a responsável por este considerável trabalho de afastamento libidinal do objeto materno, que, de meu ponto de vista, pode ser pensado como um intenso trabalho de luto pré-edípico.

Como observa Freud (1931) e também como nos ensina Melissa, a intensa ligação da menininha à sua mãe é fortemente ambivalente. Para Freud, será a percepção da diferença entre os sexos, que levará a menininha a viver ressentimentos dirigidos à figura materna, quando ela se mostra incapaz de manter a completude dos primeiros tempos de vida.

De início, é a própria mãe de Melissa que encarna a responsabilidade por todos os infortúnios que vive a menininha. Melissa pergunta-se: “Não sei o que ocorreu, éramos tão amigas, depois parece que os ponteiros não mais se acertaram... Agora vivemos brigando, eu sou grossa com ela...”. Assim, Melissa me fala de uma espécie de briga ressentida com seu primeiro objeto de amor e que se reedita em seus outros vínculos afetivos.

O disparador em Melissa é, de fato, um ressentimento dirigido a sua mãe - a princípio. Na transferência, surge uma reedição desses movimentos quando ela passa a ficar irritada também comigo, diante de suas frustrações amorosas. “Quem é você que me promete uma cura, um alívio de minha dor, quem é essa psicanálise? Você não é mais tudo isso que prometeu...”

Esse processo de luto, pré-edípico, a ser processado diante da perda do objeto materno, traz complexidades, pois implicará, ao mesmo tempo, um movimento identificatório. Assim, o intrincado desenvolvimento da sexualidade feminina implica a difícil e paradoxal tarefa de destacar-se libidinalmente da mesma figura à qual irá identificar-se, assim como também identificar-se-á a uma figura a quem já dirigiu tanta hostilidade.

Luto e identificação parecem absolutamente intrincados na constelação edípica feminina, trazendo ares possivelmente melancólicos, dado o tipo de investimento objetal entre uma menina e sua mãe, que, conforme observamos, estará, talvez, também narcisicamente identificada.

Como já descrito por Freud, o processo melancólico onde a sombra do objeto recai sobre o ego ocorre em algumas condições propícias. Faz menção a uma forte ligação libidinal ao objeto, o que pareceria implicar uma escolha objetal de tipo narcisista:

*A identificação narcisista com o objeto se torna então, um substituto da catexia erótica e, em consequência, apesar do conflito com a pessoa amada, não é preciso renunciar à relação amorosa (...). (Freud, 1915, p. 282)*

Esse modelo de identificação incorporativo é uma etapa preliminar da escolha objetal, como uma primeira forma pela qual o ego escolhe um objeto, canibalisticamente (Freud, 1915).

Mas Freud é cauteloso quanto à imediata conclusão de que a identificação melancólica poderia pressupor necessariamente o tipo narcisista da escolha objetal, dizendo que esta hipótese “infelizmente ainda não foi confirmada pela observação” (Freud, 1915, p. 282).

O conceito de identificação, de qualquer modo, não é unívoco em Freud. Em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), há uma diferenciação entre tipos de identificação, que, até mesmo a ele, não pareceu completamente satisfatória.

A identificação primária canibalística mencionada acima, nos diz Freud (1921), ocorre independentemente de perdas objetais, “constitui a forma original de laço emocional com um objeto”. É também uma espécie de assoalho sobre o qual outros modos de identificação irão ocorrer, construindo um mosaico identificatório (Alonso; Fuks, 2012, p. 194). Somente a identificação secundária narcísica ocorre de uma maneira regressiva, sucedendo a perda objetal, como uma introjeção no ego do objeto perdido e formará o paradigma das identificações estruturantes (Alonso; Fuks, 2012, p. 195).

Portanto, são fortes modelos identificatórios, permeando investimentos narcísicos, presentes nos processos normais da constituição psíquica, que nos mostram a intensidade das ligações entre uma menina e sua mãe e que, possivelmente, entram em jogo quando se faz necessário o desligamento objetal da menininha. Estamos, agora, transitando entre modelos luto e melancolia, nas perdas objetais do objeto materno, ou entre a normalidade e patologia do luto materno.

Entretanto, em 1915, o próprio Freud dizia que a melancolia “toma emprestado do luto alguns de seus traços” (Freud, 1915, p. 183). E afirmará, mais tarde, em 1923, a possibilidade de um mecanismo análogo ao da melancolia em momentos de elaboração edípica. “Quando acontece uma pessoa ter de abandonar um objeto sexual, muito amiúde se segue uma alteração de seu ego que só pode ser descrita como instalação do objeto dentro do ego, tal como ocorre na melancolia” (Freud, 1923, p. 43).

E concluirá com a célebre frase: “O caráter do ego é um precipitado de catexias objetais abandonadas e contém a história dessas escolhas de objeto” (Freud, 1923, p.43).

Deste modo, temos referências que nos levam a supor a existência desse trabalho de desligamento objetal, com o conseqüente recolhimento libidinal que traz consigo o objeto perdido, na forma de um movimento identificatório, nos moldes de luto e melancolia, não unicamente em estados patológicos, mas também como um movimento constituinte do psiquismo. E, especificamente no caso Melissa, permeando sua constelação edípica.

Mas a problemática identificatória feminina vai um pouco mais além, nos mostra (Alonso; Fuks, 2012) em seu estudo sobre a histeria feminina<sup>3</sup>. Esta autora destaca a

3 Aponta para uma diferenciação entre quatro tipos de identificação no texto freudiano, desde a identificação primária, narcísica, edípica e histórica. E, incluídos nesses modelos, podemos pensar nas identificações com o mesmo objeto amado e perdido (no modelo da melancolia e totem e tabu), como também nas identificações onde o objeto de amor não é o mesmo objeto a ser introjetado!

presença de múltiplas, diferentes e, por vezes, contraditórias identificações presentes na construção da feminilidade e que surgem de maneira condensada na sintomatologia histórica. Para ela, a histórica sofre de uma problemática identificatória que conduz a “montagens permanentes de triângulos amorosos” (Alonso; Fuks, 2012, p.209), quando busca “homens impossíveis”, e a frequente presença de outra mulher como ingrediente indispensável, no qual procura, como um espelho, um lugar de identificação como mulher. Isso nos leva diretamente ao Complexo Monique arquitetado por Melissa. Segundo a autora, a outra mulher ocuparia um lugar de identificação necessário para a sustentação de sua feminilidade – a mulher ora idealizada, desejada, ora abandonada e esquecida (Alonso; Fuks, 2012, p.192).

Isto evidencia a complexidade presente nos processos identificatórios femininos e traz esclarecimentos sobre o modo como puderam ficar dolorosamente emaranhados na constelação edípica de Melissa. Ao que nos parece, Melissa trazia, para a situação edípica, resquícios do luto materno, que ressoavam melancolicamente em seus vínculos com os homens, e que ressurgem transferencialmente, permitindo que o trabalho analítico pudesse tornar-se um processo elaborativo que sobrepõe Édipo a luto, com eventuais nuances de melancolia.

O seguimento de nosso trabalho nos trouxe elucidativos momentos. Melissa dedica-se a investimentos pessoais e profissionais e a antiga busca desesperada pelo namorado que a completasse deixava de ocupar lugar central nas sessões. Passava a ocupar-se de suas produções, de sua profissão, buscando outras completudes a partir de recursos próprios.

Mas gostaria de destacar dois momentos, onde se apresentam diferentes formas de lidar com a difícil trama identificatória vivida por Melissa.

Traz a seguinte cena de sua vida familiar. “Não tem lugar pra mim em casa. Meu irmão está por lá agora, e a família tem que se organizar para viver junto naquele apartamento, que está pequeno. Mas ele é o primeiro a deixar sua louça suja na mesa e nem põe na máquina. Meu pai tem uma nova namorada. Minha mãe fica me trazendo reclamações sobre ele, cochichando coisas tipo: olha só o que ele faz!”

Digo-lhe que por todos os lados ela sente-se puxada para trás, com dificuldades para desligar-se deste círculo familiar amarrado. Surgem dúvidas e incertezas e pensamos nas amarrações que ela impõe a si mesma.

Conta-me da curiosa cena ocorrida ao sair de casa, para um almoço com a nova namorada do seu pai – estava realmente interessada em aproximar-se dela. Sua mãe está tendo um “chilique”: “vai, diz ela com raiva, quero depois saber tudo, quero saber quem é essa que agora desfruta do que eu não posso mais desfrutar”, diz a mãe. Melissa vai para a garagem atordoada com a turbulência, levando seu cachorro, que está latindo desesperadamente. Muito atrapalhada tenta colocá-lo no carro, mas ele está com a coleira, e fica todo emaranhado. Entra no carro e então tem uma forte crise de choro!

Uma cena a condensar as referidas múltiplas identificações que lhe trazem tantas angústias. Uma situação interessante, onde ela pode identificar-se ora com a mãe

rancorosa, deixada de lado, ora com “a outra”, que edipicamente rouba o marido da mãe, ou com uma simples namorada, que dá-se ao direito de viver sua vida amorosa sem tantos melindres.

Em momentos seguintes, as dificuldades em conviver na casa de sua mãe a levam a planos de viajar, para férias ou para um Doutorado fora do país. Sempre teve medo de viajar, mas tem se sentido mais segura para estas ousadias. E planeja uma interessante viagem ao exterior.

Esta viagem é cheia de surpresas. Diverte-se com a experiência de estar sozinha em uma pousada, organizar os próprios passeios, visitar livrarias, geleiras - o frio não parece incomodá-la. A noite frequenta um bar onde encontra personagens engraçados. O relato desta viagem trazia certa peculiaridade.

Contava-me com muito humor seus encontros por lá – atraiu muitos olhares masculinos, o que a deixou sentindo-se uma verdadeira superstar. O relato parecia um conto divertido, que ela compartilhava comigo, em uma narrativa tão envolvente, me conduzia àquele lugar. Parece que eu mesma estivera lá, onde eu era capaz de me emocionar e me divertir com suas descrições - como se houvesse de fato viajado com ela. Ela viajava comigo, concluí.

E nesta hora observamos um interessante processo de identificação que lhe permite afastar-se sentindo-se de algum modo acompanhada – tendo desenvolvido, a partir de novas identificações, a capacidade de ficar só na presença do outro, como descreveu Winnicott (1958).

Parecia estar em curso um novo movimento que a colocava em contato com uma solidão essencial do ser humano, possível neste momento quando há um outro introjetado e presente em seu psiquismo, como resultado de longo e doloroso processo de luto e identificações.

Esta viagem, que é turística e geográfica, me parece falar de valioso processo psíquico - uma viagem para dentro de si, que proporciona importantes transformações em seus projetos de vida, permitindo desligamentos sem despedaçamentos, e abrindo espaço para novos investimentos libidinais em prazerosa visitação ao estrangeiro.

**Resumen:** Este trabajo hace uso de un caso clínico y hace una discusión teórica que articula el trabajo de duelo en el proceso de elaboración edípica femenina. Entiende que hay matices melancólicos que traen dificultades en proceso identificatório consecuencias en el proceso de elaboración edípico de la paciente investigada.

**Palabras clave:** Complejo de edipo, duelo, identificación, sexualidad femenina.

## **Referências**

- Alonso, S. e Fuks, P. (2012). *Histeria*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Migueliz, N. (2007). Complexo de Édipo. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Klein, M. (1992). O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas, 1945. In: Steiner, J. e cols (Britton, Feldman, O'Shaughnessy, Segal). *O Complexo de Édipo Hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freud, S. (1974). Luto e Melancolia, (1915). *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1974). Psicologia de grupo e análise do ego, 1921. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1974). Ego e o Id, 1923. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1974). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1974). A sexualidade feminina, 1931. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. A Capacidade de Estar só ( 1958). In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.



# Más allá de las fronteras. El paciente “S” – algunos apuntes sobre el vínculo y la melancolía

por Eduardo Llanos B.<sup>1</sup>

**Resumen:** El presente trabajo trata de analizar algunos apuntes evocados y extraídos de una primera experiencia de encuentro con la contundencia de ese vivir sin luz en el limbo de la melancolía. Se trata del encuentro diario, por espacio de dos años, con un paciente durante un proyecto estudiantil de acompañamiento terapéutico en el pabellón de niños de un hospital psiquiátrico. A manera de crónica salpicada de elementos teóricos asociados libremente, se da cuenta del proceso y el desarrollo de una experiencia situada más allá de las fronteras del mundo académico. Un encuentro peculiar desde la mirada, la escucha y la palabra, en esa trama vincular que deja huellas en ambos y los transforma.

**Palabras clave:** Psicoanálisis en los límites, psicosis, vínculo y melancolía.

Sigmund Freud, en su célebre escrito *“Duelo y Melancolía”* (1915-1917) subraya una distinción fundamental: *“El duelo es, por lo general, la reacción a la pérdida de un ser amado o de una abstracción equivalente.”* Donde el sujeto, convertido en un errante trovador, persiste dolorosamente en la búsqueda del objeto amado perdido. No se trata de un estado patológico per se, sino de *“...un afecto normal paralelo”*. La melancolía, por el contrario, nos sitúa en otro escenario donde *“...el sujeto identificado patológicamente con el objeto perdido queda retrotraído sobre sí mismo en estado de desolación”*...pero ¿qué pasa cuando las circunstancias llevan a una profunda desestructuración catastrófica más allá de las fronteras de las definiciones clásicas?

El presente trabajo, trata de analizar algunos apuntes evocados y extraídos de una primera experiencia con un paciente durante un proyecto de acompañamiento terapéutico en el pabellón de niños de un hospital psiquiátrico. El encuentro ocurrido hace muchos años me reveló de manera contundente ese vivir sin luz en un limbo allende la melancolía.

## ***El paciente “S.”***

*“Ese”* era un niño de aproximadamente 9 años, abandonado en estado de inanición entre las matas de los jardines del hospital. Allí fue diagnosticado y colocado en un segundo piso, donde se recluían a los niños severamente perturbados, psicóticos, autistas y demás yerbas del campo. S. solo lloraba un día si y el otro también. Ya con los ojos secos de lágrimas, su llanto se había convertido en una letanía monótona y repetitiva con un *“ayayau, atatau, alalau”* que evocaba su origen andino... a veces, también su llanto y su pena contagiaban y comunicaban una sensación de desconexión en esas visitas diarias.

1 Analista en formación de la Sociedad Peruana de Psicoanálisis. eduardo.llanos001@gmail.com

Un buen día, sentado al pie de su cama, me miró por primera vez. A las semanas de mi insistencia, allí mismo, estando yo sentado al pie de su cama, me regaló una mueca que quise interpretar como sonrisa. Un par de meses después ya se levantaba y a ratos dábamos algunas vueltas por el pabellón, siguiendo un atisbo de huella que parecía marcar su dedo tembleque en alto. En cierto momento nos dieron permiso para cruzar la puerta de su encierro y bajar a jugar al jardín. Primero temeroso, después con más ganas gustaba de jugar en un banco de arena.

Un buen día trazó, con su mismo dedo, una línea en la arena, una suerte de tortuoso camino; me miró de nuevo a los ojos y me dijo: "*caminito a Ayaviri*". Si, cada vez que miraba de frente con esos ojos negros, redondotes y aymaros S. comenzaba a comunicar algo desde sus lejanías; en efecto, Ayaviri era su pueblo de origen. Con el paso del tiempo, la línea en la arena se convirtió en trazos sobre el papel y así fue que nos permitieron asistir a su hora diaria en el salón de la escuelita de educación especial que funcionaba en el primer piso del pabellón. Garabateamos incansablemente cientos de papeles impresos usados, que conseguíamos de regalo en la imprenta de la universidad para utilizarlos por el lado en blanco. Poco a poco, el garabato fue dando paso al dibujo: un arbolito, una llamita, un camión. Hasta que otro buen día de pronto S. levantó la cara, me miró de nuevo de frente, volteó el papel y se puso a leer, regalándome otra sonrisa pero esta vez de oreja a oreja...Si, S. no era ni analfabeto, ni autista. Era un niño desesperadamente trastornado por la pena, aterrorizado por la soledad y la profunda decepción de haber sido abandonado por sus propios padres en los jardines de ese extraño lugar a poco de haber llegado a Lima.

Una profunda regresión catastrófica y desestructurante lo habían llevado a ese limbo que se había convertido en su refugio literal y psíquico...A partir de allí, gracias al lápiz y el papel, S. se fue soltando y comenzó a contar y reconstruir su historia. Resultó que sabía leer y escribir, sumar y restar. Había asistido al colegio en su tierra natal y un mal día jugando se había caído de un árbol. Sufrió una fuerte conmoción cerebral que resultó grave, dejó como secuelas un temblor constante en el lado derecho y dificultades para usar esa parte del cuerpo. Por eso sus padres lo trajeron al hospital en la capital. Pero nadie les dio razón, nadie los entendió suficientemente y sus padres optaron por dejarlo en el jardín al lado del pabellón donde fue encontrado 3 días después. Así se convirtió en el paciente S. Sin embargo, poco a poco gracias al dibujo y el vínculo, así como jugando, fue relatando y reconstruyendo su historia. Recobró su vida y su nombre: se llamaba *Sergio*.

### ***Un yo extinguido en medio del limbo del no-vínculo.***

*Sergio*, producto de la pérdida de sus objetos reales en una abrupta y espantosa separación, quedó abandonado, muerto y sepultado psíquicamente en la desolación de un indiferente e indiferenciado pabellón psiquiátrico infantil, donde lo único que lo acompañaba era la desconexión con la vida... y un grupo de niños, tan o más desolados que él, a cargo de un par de auxiliares de enfermería que hacían lo que podían en medio de tremendas precariedades. Paradójicamente, *Sergio* lo único que tenía, lo único que le quedaba era su dolor interminable y congelado en el cual se había exilado. Sin el sentimiento de una presencia que lo ampare solo le quedaba el refugio en esa suerte de confusión de la que hablaban Freud y Abraham cuando señalaban cómo en el melancólico los reproches al

objeto se dirigen al propio yo. Ese odio, imposible de digerir, dirigido a los objetos que lo abandonaron se tornaba en odio contra sí mismo al haberse fusionado con ellos.

*Sergio* encarnaba, o mejor dicho llevaba en carne viva, esa célebre frase que Freud enunciara en “Duelo y melancolía”, “La sombra del objeto recae sobre el yo”. El abandono del que había sido objeto por sus padres se transformó en el abandono y pérdida del su propio yo. Un derrumbe total. Pero a la vez suponía paradójicamente una manera de retenerlos. Perdido en una regresión desestructurante hacia la indiferenciación que lo llevaba de retorno a etapas más primarias. Regresión catastrófica hacia un refugio corporal de existencia casi vegetativa. Echado, inerte en su lecho del pabellón, parecía evocar su existencia confinada a tan solo lo más básico, su yo corporal. Nada daba cuenta de él. Su historial clínico oficial corroboraba en pocas y generales palabras esa misma sensación. Recuerdo de las breves notas que tomé tan solo frases como: *Sicótico-autista. Depresión profunda de orden neurológico por traumatismo encéfalo craneano. Humor depresivo. Falta de energía. Sueño alterado. Apetito disminuido.* El escueto historial terminaba: *Abandonado.*

Esto ocurrió hace muchos años. Hoy, al tratar de entender lo que vivió Sergio, el concepto de “posesiones narcisistas” (Hugo Bleichmar, 1981), me ayuda a explicar cómo todo aquello (personas o cosas) con lo que se mantiene una relación hace que el mérito o las fallas del objeto en cuestión recaigan sobre la representación del sujeto. El objeto, su actividad o función provocará una valoración narcisista del sujeto. También pienso en la idea de Fairbairn, cuando subraya cómo el niño en circunstancias de abandono, necesitando desesperadamente sentirse protegido y querido por sus padres, prefiere pensar que él es malo provocándose a sí mismo un tremendo sentimiento de culpabilidad. Pero ambas definiciones gravitan aún en torno a cierta noción de objeto interno, algo que Sergio parecía haber perdido en su catastrófica melancolía.

¿Qué efecto puede haber producido entonces, en este niño, el trágico acontecimiento vital de haber sido abandonado por sus padres en un hospital de una ciudad extraña después de un accidente, ya de por sí traumático? ¿Qué pérdida tan dramática de esos objetos valorados que quedan descalificados y se destruyen como estimulantes indispensables para sostener el narcisismo esencial para constituirse como sujeto?

M. Foucault (1962), en sus reflexiones sobre la angustia melancólica señala que el sujeto “*para arrancar de la muerte al objeto amado se identifica con él, se convierte en lo que el otro ha sido y no puede retenerlo en su propia vida, más que uniéndose a él en la muerte.*” Eso nos hace pensar hipotéticamente en lo que podría haber sucedido en términos de su agresividad. ¿Cómo habrá actuado semejante frustración ante este acontecimiento de abandono real, de pérdida real de los objetos significativos? ¿Sería la única vía de solución de compromiso dirigir la hostilidad contra sí mismo?

No es difícil pensar que apoyándose sobre las consecuencias orgánicas del accidente, se formó, producto de esa situación de crisis, una suerte de retorno a modos de funcionamiento sumamente primarios. La teoría de Odgen sobre la posición autista-contigua nos puede prestar ayuda para intentar cierta comprensión de esa suerte de limbo que se constituyó como un territorio de refugio en lo autista – sicótico en el que habitaba Sergio. Cabía entonces preguntarse si esa suerte de fusión con el objeto odiado era, de

repente, lo único que le quedaba para mantenerlo consigo en una regresión a un periodo de la casi inexistencia del objeto por sentirse difuminado en él.

### ***El acompañamiento terapéutico - una invitación***

Nuestro interés de jóvenes estudiantes en ese momento era aprender y aportar. En ese sentido, en la labor de acogida o acompañamiento tan solo se trataba de entablar un vínculo apoyados tan solo en nuestro sentido común. Sin embargo, a la luz de lo que señala Odgen podemos comprender ahora que esa simple presencia en el acompañamiento podía ofrecer una posibilidad de establecer vínculos y establecer puentes. No se trataba de interpretar sino tan solo de un “sentir con otro” en la búsqueda de una posibilidad de resonancia. Desde el punto de vista terapéutico, en términos de Winnicott sería el prestarse como objeto para re–establecer un vínculo.

En el caso de *Sergio* se trataba en efecto de buscar tan solo algún tipo de comunicación, alguna señal. Esto nos condujo a situaciones cuyos elementos parecían extraídos de estadios previos a la palabra. Era simplemente un estar con él, casi desde la búsqueda de una suerte de sintonía en la respiración conjunta para encontrar una melodía subyacente. Tal como se crean las melodías de las zamponas y sicuris de su terruño perdido. No tanto trabajar desde los significados sino más bien el sentir desde las sensaciones físico-corporales y la mirada que estructura al otro. Como si la naturaleza del vínculo inicial hiciera que se privilegiara esa comunicación previa a la palabra: casi como en espejo en ese elemento sensorial primario: la mirada. Fue interesante observar cómo ésta se fue diferenciando, como fue cobrando distintos sentidos que, poco a poco, se fueron integrando a formas de comunicación más elaborados. El momento en que comenzó a verbalizar y luego a brindar datos de su vida supuso un logro tremendo: la reconstrucción de su historia. El encuentro con la mirada, la palabra y la escucha en esa trama vincular. Cabe señalar que estos momentos eran también registrados en la contratransferencia incluso en sus elementos corporales. Cada vez que iba a decir algo importante como “*caminito a Ayaviri*” abría los ojos me miraba y los latidos de mi corazón me decían que algo importante iba a suceder.

Pero qué sucedió con *Sergio*... Paradójicamente, con el paso del tiempo, formó parte del comité de recepción del pabellón. Junto con un par de niños mayores, se ubicaba en la entrada del mismo y explicaba a los padres a donde debían ir y que debían hacer para que sus hijos fueran atendidos. Lamentablemente, un mal día, llegamos al pabellón y varios de los niños no estaban. Entre ellos *Sergio*. Hacía ya un tiempo se habían pasado de la edad reglamentaria y por una norma burocrática habían sido trasladados. Antes habíamos estado tratando de resolver el asunto, extender plazos, pero a pesar de su mejoría no pudimos encontrar dónde llevarlos, ninguna otra institución quería recibirlos “por su pasado psiquiátrico...” Así fueron a parar en otro pabellón donde no nos dejaron entrar siquiera. Nos quedó tan solo divisarlos por una ventana, *Sergio* estaba en una esquina del patio y solo movía repetitiva y monótonamente el cuerpo de atrás hacia adelante, lloraba nuevamente sin lágrimas, ya no miraba. Volvió a ser el paciente S.

... Allí quedó diagnosticado, muerto y sepultado nuevamente. Esta vez por la burocracia institucional. Aún resuena esa su última imagen desolada. Aún escucho a lo lejos, de vez en cuando, su “*Ayayau, atatau, alalau.*” Palabras que muchos años después sabría qué significan: “que dolor (del alma), que feo y que frío” en su idioma natal.

Catorce alumnos de psicología nos reuníamos cada uno con un niño una hora diaria, 5 veces por semana durante casi 2 años. El proyecto realizado más allá de las fronteras del mundo académico y del consultorio clásico no fue un producto de la improvisación. Contó con la inspiración psicoanalítica y la invaluable supervisión del Dr. José Cabrejos. Para muchos fue una historia triste, pero allí aprendimos eso de la experiencia humana que va más allá de los libros. Esos niños dejaron huella y nos enseñaron que no hay técnica ni teoría que funcione si no hay eso que llamamos vínculo. Vínculo que nos humaniza...

Cito para terminar unas líneas de *Retrato de un espantapájaros* que leí hace unos años cuando Boris Cyrulnik pasó por Lima:

*Un espantapájaros, un espectro, se esfuerza por no pensar porque es demasiado doloroso construir un mundo íntimo plagado de representaciones atroces. Cuando uno tiene un trozo de madera en lugar de corazón y paja bajo el sombrero, sufre menos. Pero basta que ese espantapájaros encuentre a un hombre vivo que le insufla un alma para que el dolor de vivir vuelva a tentarlo. (Cyrulnik, 2009)*

**Resumo:** O presente trabalho busca analisar algumas notas evocadas e extraídas de uma primeira experiência de encontro com a contundência desse viver sem luz no limbo da melancolia. Trata-se do encontro diário, ocorrido com um paciente durante dois anos, como parte de projeto estudantil de acompanhamento terapêutico, que se deu no pavilhão infantil de um hospital psiquiátrico. Ao modo de crônica, salpicada de elementos teóricos associados livremente, percebe-se o processo (do tratamento) e o desenvolvimento desse dado paciente. Uma experiência situada além dos limites do mundo acadêmico. Um encontro particular a partir do olhar, da escuta e da fala, nessa intrincada trama que deixa marcas em ambos e os transforma.

**Palavras-chave:** Psicanálise nos limites, psicose, vínculo e melancolia.

## Referencias

- Abraham, K. (1911) “Sobre la exploración y el tratamiento psicoanalítico de la psicosis manícodepresiva y los estados análogos” en Garma, A. y otros “Psicoanálisis de la melancolía”.
- Bleichmar, H. (1996) Some Subtypes of depression and their implications for psychoanalytic therapy, “International Journal of Psychoanalysis”, vol. 77, pp. 935-961, - Bleichmar, H. (1981) “Avances en Psicoterapia Psicoanalítica. Hacia una técnica de intervenciones específicas”
- Cyrulnik, B. (2009) “Autobiografía de un espantapájaros”. Edit. Gedisa. Barcelona.
- Diccionario Aymara – Castellano [www.tierra-inca.com](http://www.tierra-inca.com) y <http://eliasreynaldo.blogspot.com/p/diccionario-aymara-espanol.html>
- Foucault, M. (*Enfermedad mental y personalidad / Maladie mentale et personnalité* (1954; reed. en 1962). Cap. “la enfermedad y la historia individual”
- Freud, S. (1915 -1917) “Duelo y melancolía”. Obras completas. Amorrortu Editores.
- Odgen, T. (1989) “Sobre el concepto de una posición autista-contigua” en Libro anual de Psicoanálisis 1989, Tomo 5.



## Era uma vez... O conto como possibilidade da criação de um espaço transicional entre a fantasia e o sonho

por Marília Amaro da Silveira Modesto Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Partindo da concepção de Winnicott (1975) sobre os conceitos de fantasia: fruto de uma dissociação que afasta o indivíduo da realidade e está a serviço de protegê-lo da vida; e de sonhos: como representante da vida e relacionado ao mundo real, este trabalho conversa sobre os contos que surgem na memória do psicanalista, nas sessões de análise, que, quando comunicados aos pacientes, podem possibilitar o sonhar deste, até então, dificultado devido a uma dissociação com a realidade interna causada por uma realidade externa extremamente violenta. O “sonho” do analista, transformado em contos, pode ser visto como um brincar que “desperta” o sonho do paciente, possibilitando o acesso ao inconsciente do mesmo, permitindo observar “ao vivo” o que ocorre naquele momento, ajudando-o na formação da sua subjetividade. O texto baseia-se na história de Amélia, uma paciente que chega à análise com depressão profunda. No processo que se desenvolve durante a sucessão das sessões, ela e analista foram construindo imagens de contos, romances e mitos que possibilitaram o desvendamento de um mundo inconsciente muito rico, até então ocultado pela depressão.

**Palavras-chave:** Fantasiar, imagens, contos, brincar, sonhar, vir a ser...

### **Um sonho...**

*Sonhei... que estava em um palco com um grupo de teatro para apresentar uma peça. Eu via, ao longe, o figurino. Eram roupas de palhaço. O diretor do teatro dava as roupas para os atores e os maquiava. Eu e a colega que estava ao meu lado não ganhamos a roupa e nem a maquiagem. Eu não entendi por que, mas achei que, mais tarde, isso teria um sentido.*

Esse sonho foi contado por Amélia depois de seis anos de análise. Sua procura por análise, já com 27 anos, foi devido a uma grave depressão. Mal conseguia sair da cama. Havia interrompido o mestrado e tirado licença do trabalho.

### **No início foi assim...**

Entre lágrimas e soluços e com um olhar que não olhava, Amélia desfiava sua saga: vinha de uma família com poucos recursos financeiros. Tinha um irmão dois anos mais novo. Sua mãe trabalhava como secretária e seu pai vivia desempregado. Mas, apesar das dificuldades, Amélia conseguiu se formar em jornalismo, entrar no mestrado e trabalhar. Contou que, quando tinha 5 anos, foi bolinada pelo pai em um momento de embriaguez dele, enquanto uma mulher assistia a tudo dando risada. Mais tarde, já na adolescência,

<sup>1</sup> Membro filiado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. mariliaasm@uol.com.br

foi testemunha de várias traições do pai e da tentativa dele de matar a mãe dela com uma faca. Mais tarde, seu pai acabou indo morar com outra mulher, e Amélia teve que cuidar da sua mãe, que caiu em depressão profunda. Passado um tempo, seu pai voltou para casa, e Amélia conta que se sentiu fortemente traída por sua mãe por tê-lo aceito de volta. No decorrer dos anos, o pai dela continuou tendo casos extraconjugais com a ciência de sua mãe que, por sua vez, aceitava tudo com resignação.

Amélia se queixava por não ter um namorado, um marido, uma família, mas o passado em Amélia se fazia presente de tal forma que a impedia de ter um relacionamento mais profundo e duradouro. Ela se apaixonava por homens bem mais novos do que ela e com um nível cultural muito inferior ao que ela já havia conquistado. E, embora eles demonstrassem a ela que não queriam nenhum compromisso sério, ela não percebia isso. Bastava um simples olhar de um moço para que ela já fantasiasse namoro, noivado, casamento.

Muitas vezes, ela conversava comigo como uma pequena criança. Entrava na sala de análise de modo sorrateiro, esboçando um sorriso brejeiro, contava sobre suas paqueras e fantasiava com o que iria sentir ao se encontrar pessoalmente e, muitas vezes, o encontro nem acontecia.

Em outros momentos, ela parecia agir na vida como uma pessoa muito “bondosa”. Não via a maldade nem nela, nem nos outros e, se, porventura, ela entrasse em contato com algum sentimento mais violento, refugiava-se na religião, na esperança de combater os seus “demônios”.

Amélia vivia em um romantismo alienador, ao mundo e a ela mesma.

Por exemplo:

Certa vez, ela me contou que estava ficando muito perto de um rapaz de quem estava gostando, embora ele nem olhasse para ela. Mas ela sentia que poderia “pegar fogo” cada vez que se encontrava com ele. Disse, em seguida, que tinha medo que eu brigasse com ela, ao me contar sobre o “pegar fogo” e que, na verdade, ela preferia um amor que só acontecesse por meio de um olhar.

Lembrei-me da época do Romantismo e digo isso a ela. Imediatamente, Amélia respondeu que era a escola literária de que mais gostava. Contou-me sobre Álvares de Azevedo, o amor platônico e mórbido, a musa lânguida e pálida com a qual se identificava.

Veio-me à memória a escola literária que antecede ao romantismo e resolvi perguntar-lhe se sabia qual era. Ela lembrou que era o Iluminismo e, de acordo com as minhas lembranças, eu lhe contei que o Iluminismo, do qual o Romantismo era contra, era a favor do liberalismo. Em seguida, ela contou que, na adolescência, gostou de um menino que acabou namorando a sua melhor amiga para quem ela contava sobre ele. Ela falava sobre traição.

Amélia se sentia traída pela mãe, pelo pai, pela mulher que ria enquanto ela era bolinada e por mim, na transferência. Talvez ela me sentisse traindo-a também no seu romantismo, quando assinaei a ela a função que este tinha para ela; “combater o seu liberalismo”. Ao mesmo tempo, eu também era, para ela, a mulher que ria enquanto ela era bolinada pelo pai, “violentada” por uma realidade assustadora.

Todas essas questões dificultavam muito o nosso relacionamento, assim como o relacionamento com toda a vida como ela se apresentava. Qualquer coisa que eu dissesse a Amélia, que ela não havia pensado antes, algo novo, diferente, era vivida por ela como um estupro. Ora eu era a estupradora; ora a mulher que ria enquanto ela era estuprada; ora eu não era... E isso fazia com que ela, muitas vezes, negasse a alteridade.

Um dia, quando ela me contava que achava que o chefe dela era muito agressivo quando falava com ela, perguntei-lhe se ela também me via assim, e ela respondeu que não, porque, se ela me visse assim não conseguiria falar sobre ela. E completou dizendo que tinha de sentir que eu era uma extensão dela para que conseguisse conversar comigo.

Eu não podia aparecer, mas eu tinha que estar lá para ser criada por ela (Winnicott, 1975). Eu suspeitava que a decepção abrupta e precoce que ela sofreu com seus pais fez com que ela se refugiasse na ilusão de um estado fusional, à medida que o outro poderia ser vivido por ela como um agente extremamente violento.

Amélia vivia submersa em um romantismo que a tirava de uma realidade insuportável. Ela portava uma dor atroz que não podia se transformar em sonho, só que, sem o sonho, não podíamos alcançar a dor (Pontalis, 2005).

Mas, antes de ela poder sonhar, uma tarefa teria que ser realizada: eu existir subjetivamente a ela e eu conseguia isso por meio dos contos.

E, como o meu encontro com ela me trazia fortemente a lembrança de imagens de contos e mitos, comecei a me valer dessas imagens para conversar com ela. Os contos me possibilitavam estar presente de uma maneira onde ela pudesse me “criar e recriar”, de acordo com a necessidade dela (Winnicott, 1975).

### ***Como começou “a brincadeira”...***

Em meio ao “deserto onírico” que eu sentia ser o mundo interno de Amélia, lembrei-me:

Há muito tempo atrás... Em um lugar distante... Nos confins do inconsciente... existiu um rei de nome Xariar. Um dia, Xariar descobriu sua esposa nos braços de um amante. Transtornado pela dor, estrangulou-a e decidiu, a cada noite, casar-se com uma mulher e estrangulá-la no dia seguinte. Sherazade, filha do vizir em Mil e uma noites, com mil e um contos, curou o rei dessa “maldição”. Palavras jorravam da boca dela como uma música encantadora.

Eu suspeitava que Amélia não havia tido a oportunidade de viver o “encantamento” necessário que os contos de fadas possibilitam às crianças, ajudando-as a manter a esperança e mostrando soluções para que elas possam ir se fortalecendo para enfrentar a realidade tal qual ela se apresenta e poder, por fim, sonhar. Então, pensei que os nossos encontros poderiam ser uma oportunidade para sonharmos a dois (Meltzer, 1987).

**Relatarei aqui um trecho de uma sessão onde pudemos começar a sonhar:**

Amélia - *Faltou luz na sua casa ontem? Na minha casa faltou e eu comecei a escrever o romance que eu tive com o Rafael: Eu estava em uma festa quando entrou aquele homem lindo, parecendo um raio chegando à escuridão. Ele pediu para tocar uma música para mim: “All of I want is fun with you”. Só mais tarde, eu percebi que ele só queria se divertir comigo... Tive dois sonhos. Um foi assim: Eu estava em um lugar que tinha um monte de cachorros e eu tinha que dar comida para cada um deles, mas não podia ser ao mesmo tempo, porque senão eles brigariam... Eu tinha que dar para um de cada vez. No outro sonho, eu estava fazendo uma prova na universidade e estava lá o meu primeiro namorado. Ele ficava me passando bilhetinhos. Em outro canto, estava o meu pai e o meu tio mulherengo. Eles ficavam me olhando. E eu ficava pensando no meu primeiro namorado. Estava envergonhada. Todos os meus namorados quiseram se divertir comigo, mas eu me apaixono, quero viver um romance. Porque eu estou me lembrando de todos os meus namorados ao mesmo tempo?*

Pensando na pergunta “Faltou luz na sua casa ontem?”, visualizei uma pequena criança acordando de um pesadelo em um quarto escuro e pedindo para a “mãe-analista” acender a luz. E, como se eu lhe acendesse a luz, lhe fiz uma pergunta: Não seriam esses homens (os cachorros) que ela tinha que alimentar um de cada vez?

Ela respondeu: *Nossa não pensei nisso, mas por que eu os transformei em cachorros?*

Então, contei-lhe *A história de Circe* — que, graças às suas artes mágicas, conseguia transformar os homens que recebia em seu castelo em animais que se assemelhassem à personalidade deles, por meio de uma deliciosa comida que lhes era oferecida por suas ninfas.

E Amélia contou: *Eu vejo os homens. Lembrei-me de uma peça de teatro onde uma mulher dizia que queria conhecer vários homens. Mas, falando assim, eu me sinto uma prostituta, uma cadela no cio, e eu prefiro me sentir uma princesa em busca do príncipe encantado.*

Pensei: Ou em busca de um amor redentor? Lembrei-me do romance *A Dama das Camélias*, no qual Margarida Gauthier, sofrendo horripelmente por amor, acabou por sucumbir até a morte.

Amélia falava de sentimentos que a envergonhavam. Os personagens desses dois contos falavam desses sentimentos. A poética dos contos pode superar o sentimento de repulsa (Freud, 1908).

Mas, conforme eu ia surgindo a ela, a nossa relação ia ficando turbulenta.

Contarei aqui um sonho que fez parte dessa fase: Amélia me contava sobre um amor não correspondido, dizendo não se importar com isso, pois bastava ela amar que isso a faria se sentir uma pessoa boa. Ao lhe perguntar por que ela não seria boa, ela associou um sonho:

*“Eu me lembrei de uma vez que fiz regressão de vidas passadas e eu me vi em uma casa e o meu pai era o meu pai mesmo. Eu estava ficando mocinha. O quintal da casa era estranho, tinha um chão de lama, com uma água suja. E tinha uma cerca. Do outro lado da*

*cerca, tinha um vizinho e eu gostava dele. Então, eu ia até a cerca paquerar o vizinho. O meu pai viu e ficou bravo comigo e colocou uma faixa nos meus seios para que eles não crescessem, para eu não ficar com corpo de mulher e me prendeu no alto de uma torre muito alta”.*

A partir do seu sonho, eu “sonhei” a história da Rapunzel, contei o meu sonho a ela e ela respondeu:

*É, a bruxa a prendeu na torre porque a mãe dela estava grávida dela e ficou com desejo de comer rabanetes. Então o pai dela foi colher rabanetes, mas só tinha rabanetes no quintal da bruxa. E a bruxa falou que só o deixaria pegar os rabanetes se ela pudesse ser madrinha da filha deles. Ele concordou. E, aí, ela quis prender a menina na torre.*

### **Alguns anos se passaram...**

Os nossos encontros continuaram; só que já não conversávamos mais na linguagem dos contos, isso não se fez mais necessário.

E voltando ao sonho relatado no início...

Amélia sonhou aquele sonho, no qual o diretor se negou a fantasiá-la, logo após uma sessão na qual ela me contou que tinha sofrido *bullying* de algumas colegas do trabalho, mas que, desta vez, ela não tinha se importado, não havia ficado nem triste, nem com raiva e nem havia revidado as provocações. Havia aprendido isso nos encontros religiosos que frequentava.

Algo falso soava aos meus ouvidos. Havia um tom de superioridade e arrogância em sua voz. Perguntei-lhe se ela não estava me contando o que ocorreu dessa maneira para se mostrar a mim como uma “boa menina” e se realmente eram esses os verdadeiros sentimentos dela em relação ao acontecido no trabalho. Amélia ficou muito brava comigo e saiu batendo a porta.

Na sessão seguinte, ela chegou mais calma, sentou e começou dizendo: *Esta noite tive um sonho: Sonhei...*

**Resumen:** Partiendo del concepto de Winnicott (1975) sobre los conceptos de fantasía: fruto de una disociación, que aparta al individuo de la realidad y está al servicio de protegerlo de la vida; y de los sueños: como representante de la vida y relacionado al mundo real, este trabajo conversa sobre los cuentos que surgen en la memoria del psicoanalista en sesiones de análisis, que cuando se comunica a los pacientes, pueden posibilitar el soñar este hasta entonces dificultando debido a una disociación con la realidad interna causada por una realidad externa que era extremadamente violenta. El “sueño” de un analista, transformado en cuentos, puede ser visto como un juego que “despierta” el sueño del paciente, posibilitando el acceso al inconsciente del mismo, permitiendo observar “en vivo” lo que ocurre en aquel momento, ayudándolo en la formación de su subjetividad. El texto se basa en la historia de Amélia, una paciente que llega al análisis con una depresión profunda. En el proceso que se desenvuelve durante la sucesión de las sesiones, ella y el analista fueron construyendo imágenes de cuentos, novelas y mitos que posibilitaron el descubrimiento de un mundo inconsciente muy rico que hasta entonces estaba oculto por la depresión.

**Palabras clave:** Fantasiar, imágenes, contos, jugar, soñar, vir a ser...

### **Referências**

- Freud, S. (1976). Escritores Criativos e Devaneio. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago. Trabalho original publicado em 1908-1909
- Galland, A. (1980). *As mil e uma noites*. Lisboa: Livraria Paisagem Rio.
- Laplanche, J. e Pontalis, J.B. (1967). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Meltzer, D. (1987). *Vida Onírica Una Revisión de la Teoria y de la Técnica psicoanalítica*. Madrid: Tecnipublicaciones, S. A.
- Pontalis, J. B. (2005). *Entre o Sonho e a Dor*. São Paulo: Ideias & Letras.
- Winnicott, D. W. (1975). *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

# El psicoanálisis en nuestros tiempos

por José Galeano<sup>1</sup>

**Resumen:** El trabajo comienza con un planteo inicial: si es posible el psicoanálisis hoy, en nuestros tiempos. Hace un breve recorrido sobre la realidad psíquica, haciendo un acercamiento a las ideas de Bion, en relación a la capacidad del sujeto para pensar sus emociones. Se exponen las problemáticas culturales con las que se enfrentan los sujetos contemporáneos; la cantidad y velocidad de los cambios, la inmediatez, el borramiento entre lo público y lo privado para plantearse el lugar del Psicoanálisis. La idea que se propone es que más allá del aceleramiento y la fluidez de los vínculos, el Psicoanálisis sigue otorgando un lugar, a través de la relación transferencial, que genera en el paciente una “experiencia emocional” que le posibilita pensar acerca de sus vínculos y sus pasiones más íntimas.

**Palabras clave:** Psicoanálisis, contemporaneidad, mundo líquido- experiencia emocional.

En el marco de este precongreso psicoanalítico de OCAL, que se denomina *Diversidad y desenvolvimiento: Psicoanalizar en América Latina*, me detuve a plantear estos dos ejes: Por un lado, el Psicoanálisis, y, por el otro, la contemporaneidad, es decir, nuestros tiempos. La pregunta que surge es: ¿Es posible el psicoanálisis hoy? ¿De qué manera?

## *El Psicoanálisis y la realidad psíquica*

El gran descubrimiento de Sigmund Freud fue el inconsciente; esto trajo una revolución que ha cambiado la manera de mirar al ser humano. Es indiscutible que hay una realidad psíquica que es diferente de la material. Esta realidad psíquica, Freud la fue descubriendo paso a paso en la clínica con sus pacientes. A esta realidad psíquica, Melanie Klein la denominó “mundo interno”, y de esa manera explicó que vivimos en dos mundos: el externo (la realidad) y el interno (nuestra fantasía).

Continuador de las ideas de Freud y de Klein, Wilfred Bion plantea que para que ese mundo interno crezca necesita de la **función continente** de la madre, que será en el comienzo de la vida aquella que recibe las angustias primitivas del bebé y las devuelva digeridas.

Con la intervención de la madre como continente –que recibe las proyecciones del hijo– se formará en la mente del bebé un **aparato para pensar pensamientos**. Esto significa que en el niño queda internalizada una experiencia de satisfacción.

---

1 Analista en Formación de la Asociación Psicoanalítica de Asunción (APDeA). josegal83@hotmail.com

La madre funciona como un continente que logra transformar el hambre en satisfacción, el dolor en placer, la soledad en compañía, el miedo de estar muriendo en tranquilidad. Esta capacidad de la madre de recibir las proyecciones del bebé y transformarlas es lo que Bion denomina *rêverie* (**ensoñación**).

Este modelo (continente-contenido) va siendo introyectado por el bebé, y se convertirá en un aparato que le permitirá elaborar por sí solo la ausencia del objeto y la frustración. Lo que antes era metabolizado por la madre, al ser internalizada esta función, pasa a formar parte de la función del sujeto, que lo acompañará a lo largo de su vida.

Este vínculo entre madre-hijo, Bion lo describe como una **experiencia emocional**, experiencia crucial donde surgirán emociones básicas del sujeto: *amor, odio y conocimiento*. El autor sostiene que la verdad es esencial para el crecimiento mental, es un alimento; mientras que la mentira es un veneno. Una madre con *rêverie* intuye la verdad de los sentimientos de su bebé, y se los devuelve tolerables. Si se le proporciona la verdad, la mente es capaz de crecer y desarrollarse; si se envenena con la mentira, aparecerán las perturbaciones mentales.

### **Nuestros tiempos**

Los sujetos contemporáneos se enfrentan a problemáticas culturales que impactan en la subjetividad. Algunos rasgos característicos de nuestra época son la cantidad y velocidad de los cambios, la inmediatez y el borramiento entre lo público y lo privado.

Nuestros tiempos han cambiado, de esto no hay duda, y es objeto de estudio de sociólogos, filósofos, psicólogos y diversos pensadores que se ocupan de entender lo contemporáneo.

Tomo a uno de ellos: Zygmunt Bauman, filósofo contemporáneo. Plantea que las cosas en este **mundo cambian constantemente** y no cesan de sorprendernos. Nos advierte que debemos estar preparados para el cambio, y al mundo en que vivimos lo denomina “líquido” (en oposición al mundo sólido de la modernidad) porque como todo líquido, no se mantiene inmóvil ni conserva mucho tiempo su forma.

Es una cultura que demanda al individuo estar “conectado” y disponible a la mayor cantidad de estímulos, pero con poca interiorización, sin pensar (zapping, saturación de imágenes, chat, simultaneidad de estímulos en espacio y tiempo).

Entonces, mis preguntas son: ¿Cómo hacen los niños y adolescentes para elaborar tantas imágenes? ¿Con qué recursos cuentan las personas en estos tiempos acelerados para procesar y absorber tantos cambios para el mundo interno? ¿Cómo afecta toda esta cultura a la subjetividad de las personas? ¿Cómo dar cuenta de la realidad psíquica de la que se ocupa el Psicoanálisis, en esta época de la moda, del consumismo, de lo inmediato y de la virtualidad? ¿Cómo conectarse con las emociones en el mundo online en que vivimos?

Bauman dice que estamos en los tiempos en que las personas huyen de estar solas, escapan de esa posibilidad que puede ser espantosa, porque resulta dolorosa y aborrecible, pero al huir de la soledad, se pierde la oportunidad de disfrutar de ese estado en el que es posible evocar pensamientos, reflexiones, creaciones y atribuir sentido a la comunicación.

### ***El Psicoanálisis y nuestros tiempos***

Vivimos en tiempos donde la capacidad para pensar se encuentra afectada, se podría decir perturbada. La imposibilidad de pensar nuestras emociones puede desembocar en actuaciones (acting-pasaje al acto) o en somatizaciones severas.

La capacidad del ser humano para tolerar verdades acerca de sí mismo es precaria, nos advierte Bion; la verdad es una fuente de dolor, *“de todas las posibilidades odiosas, el crecimiento y la maduración son las más temidas y detestadas”*.

Pienso que las resistencias al psicoanálisis se anidan en estas dificultades y más en nuestros tiempos, en la cultura anti-mente, anti-pensamiento en la que vivimos, ya que nuestro oficio trabaja con la realidad psíquica del ser humano, que da cuenta de nuestras verdades, y que la única forma de acceder a ella es a través del conocimiento de uno mismo, de reconocer el inconsciente y hacernos cargo de lo que sentimos, pensamos y hacemos. Como lo expresa Freud (1937): *“no se olvide que el vínculo analítico se funda en el amor por la verdad, es decir, en el reconocimiento de la realidad objetiva, y excluye toda ilusión y todo engaño”*.

Y en esta época se puede plantear que el psicoanálisis rema a contracorriente, porque frente a tanto ruido y aceleramiento nos propone darnos un tiempo para procesar y pensar, frente a la fluidez de los vínculos nos plantea una relación especial: la transferencial, donde surgirán las pasiones humanas más íntimas.

A través de la relación transferencial, se le posibilita al paciente repetir su historia para recordar, pero a la vez para crear algo nuevo en ese vínculo entre analista-analizado. El analista debe ser capaz de tolerar la incertidumbre, la duda y conservar la capacidad de asombro.

En ese espacio analítico, el paciente –como decía Bion– no solo incorpora el contenido de la interpretación, sino que introyecta la función de pensar, de metabolizar sus experiencias emocionales. Es en ese lugar, en esa invención, que se crea al ser escuchado de una manera especial, donde se generará una historia distinta para ese sujeto.

Con todo esto, pienso que la vigencia del psicoanálisis está en que sigue dando cuenta del dolor psíquico actual, en cada escucha, con cada uno de los pacientes, con cada dolor que toca a las puertas del psicoanalista.

Termino haciendo una alusión comparativa, a una frase del poeta Bécquer, con respecto a la poesía, que yo la recreo de esta manera: *“Mientras exista dolor mental y sufrimiento humano, habrá psicoanálisis”*.

**Resumo:** O trabalho começa com uma pergunta inicial: se é possível a psicanálise hoje, em nosso tempo. Faz uma breve menção à realidade psíquica, abordando, para isso, as ideias de Bion em relação à capacidade do sujeito de pensar suas emoções. Expõe as problemáticas culturais que enfrentam os sujeitos contemporâneos; a quantidade e a velocidade da mudança; o imediatismo; e o limiar entre o público e o privado para estabelecer o lugar da psicanálise. A ideia proposta é que, além da aceleração e da fluidez dos vínculos, a psicanálise continue oferecendo um lugar, por meio da relação transferencial, que gere no paciente uma “experiência emocional” que lhe permita pensar sobre seus vínculos e paixões mais íntimos.

**Palavras-chave:** Psicanálise, contemporaneidade, mundo líquido, experiência emocional.

### **Referencias**

- Bauman, Z. (2011). *44 cartas desde el mundo líquido*. Barcelona: Paidós.
- Bion, W. (1980). *Aprendiendo de la experiencia*. Barcelona: Paidós.
- Freud, S. (1937). *Análisis terminable e interminable*. Buenos Aires: Amorrortu. 2004.
- Grinberg, L.; Sor, D.; Tabak de Bianchedi, E. (1986). *Introducción a las ideas de Bion*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- López Corvo, R. (2008). *Diccionario de la obra de Wilfred Bion*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Pistiner de Cortiñas, L. (2011). *Sobre el crecimiento mental: Ideas de Bion que transforman la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Biebel.

## El sobre que sobra

por Lic. Lila Gómez<sup>1</sup>

**Resumen:** La intención del presente trabajo es hacer un breve recorrido teórico sobre el concepto de transferencia a través de diferentes autores psicoanalíticos latinoamericanos como Willy y Madeleine Baranger, Horacio Etchegoyen, Beatriz de León, Ricardo Bernardi y Heinrich Racker como así también Freud, Betty Joseph, Joyce Mac Dougall, entre otros. Se realizará una breve articulación con un caso clínico, donde se trabajará la forma del pago de honorarios (a través de un sobre) para pensar la implicancia de dicha significación en los aspectos clínicos, teóricos y técnicos. Hay una escena del pasado que se transfiere al presente presentificándose en la sesión donde ambos: analista y analizado se encuentran implicados.

**Palabras clave:** Transferencia, encuadre, contratransferencia.

La palabra “transferencia”<sup>2</sup> viene del latín *transferens - entis* y tiene diferentes acepciones:

Desde lo comercial: “operación por la que se transfiere una cantidad de dinero de una cuenta bancaria a otra”<sup>3</sup>.

Desde el aspecto médico: “evocación en toda relación humana y con más intensidad en la psicoterapia, de los afectos y emociones de la infancia”<sup>4</sup>.

Ambas definiciones hacen alusión a “algo que se moviliza”.

Desde el psicoanálisis, Joyce Mac Dougall (1983) reconoce la transferencia como una relación viva en la que hay cambio y movimiento constantes. La considera una situación total, transferencia del pasado al presente de emociones, defensas, primeras relaciones objetales y una muestra del nivel de organización psíquica dentro del cual está operando el paciente.

Los Baranger (1961) consideran que la situación analítica tiene que formularse, no como situación de una persona frente a un personaje indefinido y neutral, sino como situación de dos personas indefectiblemente ligadas y complementarias mientras está durando la situación e involucradas en un mismo proceso dinámico. Así, “el campo bipersonal de la situación analítica está orientado según: el contrato base, la configuración aparente del material manifiesto con la función que en ella tiene el analista y la fantasía inconsciente bipersonal objeto de la interpretación”.

1 Analista en Formación de la Sociedad Psicoanalítica de Mendoza (SPM). lilagza@gmail.com

2 www.realacademiaespanola.com

3 Opus citatis.

4 Opus citatis.

Algo de esto puede pensarse en el siguiente material clínico:

Graciela tiene 21 años y consulta por dificultades para realizar los trabajos de creatividad solicitados por la facultad y por “problemas de comunicación”.

Durante los primeros cuatro años trabajamos una vez por semana y ella abonaba cada sesión. Al pasar a dos sesiones semanales, el padre propuso que pagaría a través de un sobre que dejaría en el buzón del consultorio (situación que duró tres meses) dado que a Graciela la angustiaba que sus padres tuvieran que gastar mucho dinero. Yo accedí, considerando que se aliviaría al aceptar su imposibilidad de hacerse cargo de los honorarios, pensando en sus rasgos de pseudomadurez. Recordé algunos de los datos referidos por los padres como el control esfinteriano antes de los dos años, momento en que la niña “decidió” sacarse los pañales para ir a la guardería con su hermana. Esto me llevó a conjeturar sobre la imbricación entre sus exigencias superyoicas y las demandas del mundo externo (ya que a sus padres les “venía bien” que creciera).

Actualmente, Graciela refiere sentirse “chiquita, insegura, indefensa y sin poder producir como sus compañeros”, situación que le provoca mucha envidia y la inhibe, además de asociar esto a grandes esfuerzos para adaptarse a una sala de niños mayores en la guardería.

Desde mi función analítica, pienso que aceptar la propuesta del sobre, implicaba actuar la contratransferencia en lugar de analizarla. Esta es una de las sesiones donde trabajamos este tema que cambió al mes siguiente al repactar una nueva forma de pago.

### ***Última sesión de la semana***

Graciela trae un sobre y me lo entrega. En él hay una carta y dinero.

**P (paciente)**- Tomá, esto me manda mi papá.

**A (analista)**- ¿Qué es?

**P**- No sé, supongo que es el dinero.

**A**- ¿Cómo te sentís con esto del sobre?

**P**- Me siento invadida.

**A**- ¿En qué te sentís invadida?

**P**- Ellos quieren saber cómo voy en el tratamiento.

**A**- ¿Y qué pensás vos?

**P**- He estado mal, decaída, las últimas sesiones he podido hablar de otras cosas. Cuando no vengo con una idea en la cabeza han salido bastantes cosas. He visto cambios ahora, antes me costaba mucho expresarme, estaba muy trabada. Ahora de a poco estoy pudiendo superar eso, hablar.

**A**- Te he observado más fluida. ¿Qué pensás vos sobre el sobre que es sobre el tratamiento de Graciela?

P- (Ríe) no sé.

A- ¿Lo abriste?

P- No.

A- ¿Leíste la nota que envía tu papá?

P- No.

A- ¿Te interesa saber qué dice?

P- Sí.

A- ¿Por qué será que no me dijiste nada acerca de abrir el sobre?

P- Por respeto al tratamiento.

A- ¿Cómo sería eso?

P- Sé que mi papá te paga en un sobre.

A- ¿Quizás por obediencia tapaste tu curiosidad de saber o tu malestar?

P- Sí.

A- ¿Qué pasará que no pudiste preguntarme qué había en el sobre o pedirme abrirlo?

P- No sé, lo tengo en mi cabeza pero no me sale expresarlo, a veces puedo y otras no...

A- Te he visto más fluida las últimas sesiones... como si vinieras con el lápiz y la sesión fuese una hoja en blanco... y te animaras a ver qué te sale de adentro... como los bocetos...

P- Estoy intentando hacerlo un poco más así. En las sesiones me pasa lo mismo que en las hojas, tengo ideas pero no me salen...

T- Quizás como las cosas del sobre...

P- Ahá.

### ***Primera sesión de la semana siguiente***

P: Hay algo importante, empecé a cursar ayer. Tenía ganas de encontrarme con mis compañeros, pero no tenía ganas por la materia... Ayer empecé a cursar una optativa... Sé que requiere creatividad y es un desafío, pero quiero probar, intentaré bajar las exigencias y relajarme. Me gusta crear, quiero olvidarme del mundo y empezar a hacer mis cosas. Estoy cansada de tener una idea en la cabeza, pero quedarme con el lápiz frente a la hoja. Quiero obligarme a soltar las exigencias y a hacer las cosas.

T: Hoy han aparecido nuevas cosas en la sesión.

P: Otra forma de ver los miedos de siempre. El otro día, salió en una sesión que mi abuela es creativa. Ella hacía cerámica y cuando se pone a trabajar pierde la noción del tiempo disfrutando, a mí me pasa un poco eso. Mi papá me había pedido que le hiciera una marca para su trabajo, me apareció de la nada una idea y la abandoné por miedo.

Pero el fin de semana me puse con esa idea y perdí noción del tiempo...

**T:** ¿De qué se trata esa idea que abandonaste por miedo?

**P:** Es para una empresa de recuperación de objetos. La marca se llama “Objeto Asegurado”, estuve meses trabada y ahora me salió. Hice un círculo con un candado enganchado. Lo disfruté y a los otros también les gustó mucho.

.....  
**A:** Como la marca “Objeto asegurado” ¿qué será lo que necesitas asegurarte?

**P:** Que buena pregunta, no se me había ocurrido pensar en eso...

.....  
**A:** Hoy hay algo distinto a otras sesiones, has podido traer ideas, producciones.

**P:** Sí, porque esto lo empecé hace dos meses y este fin de semana lo retomé.

**T:** Parece que algo se está abriendo dentro tuyo.

**P:** Sí, estoy pudiendo producir...

Las intervenciones de esta sesión generaron como efecto mayor expresividad que en la sesión anterior, como si “algo” representado en el sobre/mente se hubiese abierto.

### ***Sobre la circulación del sobre***

Pienso que la presencia del sobre condensa varios significados: la coloca a Graciela en el lugar de niña que no puede “hacerse cargo” del manejo del dinero, que es “salteada” por algo que le pertenece pero que a la vez la excluye del tratamiento, al quedar representado “cierto lazo” entre los padres y yo. Considero que al aceptar la propuesta del padre, le confirmé el hecho de sentirse “chiquita, insegura, indefensa y sin poder comprender todo lo que hablan sus pares”, dejándola “aliviada” de partes del tratamiento de las que podía hacerse cargo.

Considero que yo estaba actuando contratransferencialmente una situación en la que había quedado “ensobrada” al ser partícipe “involuntaria” de un secreto parental. Ellos me informaron que el padre necesita vestirse de mujer para sostener relaciones sexuales con su esposa. Graciela no conoce esto, pero se pelea mucho con él, considerándolo “intrusivo y metido en cosas de mujeres”. ¿El sobre denuncia la intrusión del padre en el espacio terapéutico?

¿Hay “un sobre que sobra” en la relación de analista – analizando, obstaculizando que fluyan significados, datos, temas que están posiblemente encerrados en él y por lo tanto separados?

En relación a esto los Baranger (1961) sostienen que el campo de la situación analítica es la oportunidad, mediante la repetición en un contexto nuevo, de las situaciones originales que motivaron el clivaje, de romper este proceso defensivo y reintegrarlo. Quizás lo que queda separado en este caso es la sexualidad de la que todavía no puede hablar y la dificultad para vincularse con sus emociones.

Si consideramos que, como expresa Etchegoyen (2009), “el análisis de la transferencia permite transformar la repetición en memoria y así pasa de constituir un obstáculo, a ser el mayor instrumento de la cura”, podríamos pensar que desde la paciente, trabajar acerca de la significación del “sobre cerrado” permitió apertura. Aunque respecto a mi función analítica, me dejó con la “boca/sobre” cerrada, quedando imposibilitada de tratar los datos aportados por los padres.

Se transfirió así, el conflicto parental al consultorio. Según Etchegoyen (2009) “la transferencia es en sí misma la enfermedad: cuanto más transferimos el pasado al presente más equivocamos el presente por el pasado y más enfermos estamos, más perturbado está nuestro principio de realidad”. En este caso sería la inhibición de la paciente frente a la circulación de secretos familiares, manifestada en ciertas dificultades para pensar, asociar, crear... ¿Cómo se jugarán las imagos parentales en Graciela? ya que manifiesta “dificultades en la relación con los varones”, prefiriendo relacionarse con homosexuales y seminaristas que no le implican demanda sexual.

Volviendo a una de las definiciones de transferencia “operación por la que se transfiere una cantidad de dinero de una cuenta bancaria a otra”, me pregunto si en el sobre no estará simbolizado “el dinero” que va de la cuenta parental a la del analista... representando quizás las fantasías paternas respecto al tratamiento con un aspecto positivo que sería pagarlo y un aspecto intrusivo que sería hacer circular un “secreto familiar” que no puede ser verbalizado pero sí relacionado al motivo de consulta del padre “me preocupa la sexualidad de Graciela ¿será lesbiana?”. Aquí el simbolismo del dinero y la sexualidad circulan en mutua relación.

Durante el análisis, Etchegoyen (2009) asegura que es parte de la función del analista dejarse involucrar en estas configuraciones transferenciales con cada uno de sus analizandos, sabiendo que el proceso interpretativo tiende a permitir la movilización de la neurosis transferencial-contratransferencial y con ello la modificación paulatina de todos los aspectos del analizando involucrados en ella.

Así, la transferencia no será un obstáculo para el desarrollo, sino el mejor instrumento para aplicar lo que se ha aprendido en el pasado a la situación presente. La parte de la libido que no ha adquirido su pleno desarrollo, es víctima de la represión, al estar atraída por los aspectos inconcientes. Por este doble mecanismo, esta libido sufre un proceso de introversión. Se considera que esta libido inconciente, sustraída a la realidad, es la que provoca el fenómeno transferencial. Como lo expresa Benedetti (1999), en “Buzón de tiempo”:

*“En el buzón del tiempo se deslizan  
La pasión desolada, el goce trémulo  
Y allí queda esperando su destino  
La paz involuntaria de la infancia.  
Hay un enigma en el buzón de tiempo  
Un llamador de dudas y candores  
Un legajo de angustia, una libranza  
Con todos sus valores declarados”.*

Me pregunto si “el sobre” no pertenecía al “buzón del tiempo”... Si no era algo que circulaba buscando ser descifrado, leído, integrado...

Hasta entonces una escena se repite...

Hay un **sobre que al sobrar, denuncia una falta** que permitiría la presencia de una cadena significativa donde se engarzan: la sexualidad, la creatividad, los secretos familiares, la posibilidad de expresión...

...¿Y qué más contiene el sobre?...

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é fazer um breve resumo teórico sobre o conceito de transferência, por meio de autores psicanalistas latino-americanos, tais como Willy e Madeleine Baranger, Horacio Echegoyen, Beatriz de León, Ricardo Bernardi e Heinrich Racker, como também por meio de Freud, Betty Joseph, Joyce Mac Dougall, dentre outros. Será feita a exposição de um caso clínico, por meio do qual se trabalhará a forma de pagamento de honorários (feito por meio de um envelope), para pensar a implicação dessa significação nos aspectos clínicos, teóricos e técnicos.

**Palavras-chave:** Transferência, enquadre e contratransferência.

## Referencias

- Baranger, M. y Baranger, W. (1961-62) 'La situación analítica como campo dinámico', Revista Uruguay De Psicoanálisis. IV, 1, 3-54.
- Bernardi, Ricardo; de LEON, Beatriz "Contratransferencia", Ed. Polemos, Bs As, 2000.
- Benedetti, Mario "Buzón de tiempo", Ed. Paidós, Bs. As. 1999.
- Echegoyen, Horacio "Los fundamentos de la técnica psicoanalítica", Amorrortu Editores, Bs. As. 2009.
- Echegoyen, Horacio "A cincuenta años de la interpretación mutativa"
- Echegoyen, Horacio "Validez de la interpretación transferencial en el "aquí y ahora" para la reconstrucción del desarrollo psíquico temprano"
- Freud, Sigmund "Obras Completas, Tomo XI "Las perspectivas futuras de la terapia psicoanalítica", Ed Amorrortu, Bs As, 1982.
- Freud, Sigmund "Obras Completas, Tomo XII "Consejos al médico sobre la terapia psicoanalítica", Ed Amorrortu, Bs As, 1982.
- Freud, Sigmund "Obras Completas, Tomo XII "Puntualizaciones sobre el amor de transferencia", Ed Amorrortu, Bs As, 1982.
- Joseph, Betty "Equilibrio psíquico y cambio psíquico", Ed. Amorrortu, Bs As, 1983.
- Klein, Melanie "Los orígenes de la transferencia", Artículo.
- Laplanche, Jean, PONTALIS, Jean Bertrand "Diccionario de Psicoanálisis", Ed. Paidos, 1999.
- Lavine, H. B "La psicoterapia como fase inicial de un tratamiento", International Journal 1985 (apunte)
- Mac Dougall, Joyce "Transferencia: la situación total", Ed. Amorrortu, Bs As, 1983.
- Racker, H. "Introducción a la teoría psicoanalítica", Ed. Paidos, México, 1990.
- Racker, H "Estudio sobre teoría psicoanalítica", Ed. Paidos, México, 1990.
- [www.realacademiaespañola.com](http://www.realacademiaespañola.com).
- [www.wikipedia.com](http://www.wikipedia.com)

## Detrás de los muros – aproximación a mi práctica, como analista en formación, en un penal de mujeres

por María Julia Ardito<sup>1</sup>

**Resumen:** Este es un desafío para nosotros, analistas que proponemos una clínica donde apostamos por sujetos transformados y defendemos el derecho al secreto que tienen las personas, derecho a pensar y a escoger qué comunicar. Atestiguar como analista la existencia de lo subjetivo en un mundo penitenciario caracterizado por lo no subjetivo, lo des-subjetivante y donde lo subjetivo es tomado desde lo negativo. Desafío que requiere de nosotros capacidad para permanecer en la escucha allí donde “ser humano” duele, donde en medio del dolor y horror la memoria afectiva viva sostiene. Es así como estos espacios terapéuticos, estructurados y mantenidos en el tiempo, son generadores de subjetividad, donde las mujeres pueden “volver a decir” su verdad (*désir...recuperar su deseo...*) y junto con otras comprenderse para luego integrar las pulsiones vitales de una manera diferente, dando espacio a la capacidad de crear, recrear y transformar.

**Palabras clave:** Espacio transicional, presencia y espera, confidencialidad.

### APROXIMACIÓN A MI PRÁCTICA, COMO ANALISTA EN FORMACIÓN, EN UN PENAL DE MUJERES.

#### *Entre-tejiendo el relato*

Al intentar compartir mi experiencia como analista en formación, que escucha a mujeres en el penal, lo primero que viene a mi mente es la imagen de La Eva de Rodin. Esta imagen de mujer oscura vuelta sobre sí con el rostro escondido entre sus brazos e intentando ocultar su desnudez. Esta Eva como icono de esa humanidad que lleva en su cuerpo las señales de condenas externas e internas, sociales, culturales, religiosas, políticas, de género y la culpa sentida que la doblega. Pero lo curioso de esta imagen es que a medida que el artista realiza la escultura observa que el cuerpo de la mujer cambia y lo lleva a modificar lo que él ha hecho hasta el momento. Cuando interroga a su modelo ella le confiesa que está embarazada. Entonces el escultor deja la obra así como está sin darle los acabados finales...

Desde aquí entiendo y sitúo la escucha de la analista que intento ser. Desde el contexto, que es casi evidente a los sentidos, pero con el cuerpo atento a esa vida nueva que crece en el seno de esa humanidad oscura y condenada.

---

1 Analista en Formación de la Sociedad Peruana de Psicoanálisis (SPP). [jardito@yahoo.com.ar](mailto:jardito@yahoo.com.ar)



Eve 1881, A. Rodin

Como analista creo en esta convivencia terca y esperanzada de la vida junto con la muerte. En medio de la oscuridad, condena, exclusión y prejuicio estoy a la escucha facilitadora del tejido nuevo, posibilidad, deseo interno de cada persona. Atenta cada vez a lo que está pero no nació, facilitando desde el encuentro el re-nacer de la vida psíquica para que, a decir de Winnicott: la vida valga la pena ser vivida.

### ***Cuerpos que se afectan***

Es desde esa apuesta entrañable, que el penal al que ingreso cada día cuando voy al encuentro de las mujeres privadas de libertad, se convierte para mí en Icono de nuestra sociedad. Un penal situado en pleno centro de la ciudad donde transitan diariamente miles de autos, combis, buses, rodeado de mercados, hospitales, escuelas. Allí está entronizado rodeado de muros y alambres de púas. Y allí adentro viven casi mil mujeres y setenta niños.

Cada vez que llego me cuestiono cómo gestionamos la oscuridad de lo humano, no solo lo de algunas personas sino como realidad común a todos: lo no controlable, lo que no se puede integrar, la pulsión de muerte. Encerrando, silenciando, escondiendo, castigando e intentando así alimentar la fantasía social de que de esta manera se hace justicia y disminuye la violencia.

Al cruzar los muros del penal con todos los controles correspondientes, revisión física y que marquen mi cuerpo con un sello, hace que durante ese tránsito también sienta que eso es lo que sucede en mí cada vez que voy a la escucha de estas mujeres. El deseo de encuentro me lleva a atravesar las censuras ideológicas, sociales, culturales, mentales que tengo como también los prejuicios y resistencias. Así también a abrir la pregunta sobre la capacidad de potenciar vida o destruirla que tenemos todas las personas y cómo socialmente facilitamos una integración saludable y potenciadora de creación.

Allí descubro cada vez la necesidad de reconocer e integrar estas pulsiones de vida y muerte que conviven en nuestra humanidad común. Esas que también conviven en mí reclamando cada vez más integración.

Durante años trabajé en el acompañamiento a víctimas de la violencia política de los años 90 en la Sierra, especialmente de viudas y jóvenes. Por lo tanto el primer día que ingreso al penal y me encuentro con mujeres que están allí por delito de terrorismo, siento que tengo que reconocer y elaborar mis prejuicios, temores y resistencias creadas en relación a ellas desde la experiencia que tengo de escuchar el dolor y ver el sufrimiento de esas otras mujeres de la sierra.

Desde esta apuesta por la escucha a estas mujeres que están encerradas, puedo ver el estigma que las marca socialmente: se dice que son perversas, enfermas, peligrosas, la escoria social. En varias sesiones las escucho repetir: *“¿Qué más esperan de nosotras? Veo el deterioro de mis compañeras, pasa el tiempo y nos quitan la posibilidad de salir...no son suficientes ya los quince años que llevo aquí...”* *“dicen que tenemos que pagar por lo que hemos hecho. ¿No es suficiente ya? Ayer por la radio han dicho que nos muramos aquí”* *¿Qué más pretenden de nosotras? Ya tienen nuestra vida ¡Tantos años acá!. Este traslado masivo de las compañeras es una amenaza ¿Qué van a hacer con nosotras?...*

Asumiendo también como referencia institucional el objetivo del sistema penitenciario que es” Humanizar la rehabilitación para la reinserción social” es que me animo a gestionar el encuentro interpersonal apostando a que La institucionalización y el trabajo de subjetivación tienen que ir de la mano. Cualquier institucionalización debe ser un entramado subjetivante, un medio nunca un fin exclusivo en sí mismo. (Iacuzzi, Alicia 2009)

### **Lo peligroso de la escucha**

En cuanto ingreso por primera vez al penal me presento ante ellas como profesional de la escucha. Y luego comprendo, a medida que pasa el tiempo, que mi oferta es sumamente peligrosa. Creo cada vez más que la escucha como analista lo es para lo establecido pues genera procesos de liberación interna y la apropiación de la propia palabra como mujer que intenta desarrollar su capacidad de humanización saludable, pasando de esta manera los muros de la condena: *“Ahora sí quiero llevar adelante la denuncia por la tortura, pues quiero contribuir para que esto que me hicieron a mí no se vuelva a repetir con nadie” (Luna después de pasados 25 años de su captura y tortura).*

Al principio ofrezco un espacio de confidencialidad, reserva, sigilo, al que no están acostumbradas, pues en general los agentes de salud mental están comprometidos a pasar informes al área de tratamiento del penal y por lo tanto mi oferta comienza bajo sospecha. Les aclaro que la institución penitenciaria sabe de mi servicio pero que éste no forma parte del área de tratamiento por lo tanto no debo dar informes de lo que acontece en el espacio privado de escucha y que el espacio clínico es libre para quien desee asumirlo.

Una de ellas me dijo *“M J hace dos años que te veo, ahora quisiera hablar contigo...”* Todo ese tiempo soy observada y probada en mi gestión como terapeuta. Aun así se acercan y tienen ese espacio semanal de entrevista. Propongo entonces desde mi presencia, “El derecho al secreto”, (P Aulangier) hacer asumible el derecho a pensar, ofrecer la posibilidad de escoger qué comunicar y qué no, es condición vital para el funcionamiento del yo (je). En este ámbito ofrecer la libertad de comunicar independientemente del otro y a pesar del otro adquiere valor clínico per se. Invertir la actividad de pensar favorece la subjetividad, contribuyendo a invertir la experiencia clínica.” (Iacuzzi, 2009) Ampliar la posibilidad de pensarse y pensar la situación para poder elegir mejor cómo vivir y no sólo resistir. En una de las sesiones grupales Ana dice: *Es que no es lo mismo resignarme a aceptar. Al aceptar asumo lo hecho y el estar aquí, pero quiero y espero otra cosa, por ello sigo viviendo.”*

Mi primer día en el penal: varias proponen formar un grupo de reflexión y recién después de dos años se consolidó ese espacio cuando forman el grupo y me piden que este con ellas. Entonces sostenemos en el tiempo estas dos instancias terapéuticas la individual y una grupal semanal.

Puedo comprender cómo, en la escucha que propongo como terapeuta, se genera un espacio donde pueden ir develando sus sentimientos, recuerdos, pensamientos,

estar allí vulnerables y frágiles, violentas y agresivas. Todo esto es lo que esconden cotidianamente y por años para poder sobrevivir dentro del penal y en las relaciones afectivas aún con sus familias.

*“... Le pido a Dios que a mi familia le de mucha fuerza, es difícil caminar con una presa a cuesta, la gente no es amable ni tiene compasión, quizá porque no conoce lo que es la verdadera vida en prisión, no saben que nuestro día es cuando viene la familia y el resto del tiempo es la noche donde se espera y desespera”. “Los días de visitas nos arreglamos bonitas y nos ponemos bien por ellos, pues si nos ven mal sufren” “aquí no podemos hablar entre nosotras, no sabes con quién estás, sólo con algunas nos confiamos...”*

Por lo tanto las resistencias que encuentro construidas como defensas para poder sobrevivir privadas de libertad, las respeto. Solo el tiempo y el espacio de encuentro sostenido permiten volver a crear las condiciones para volver a confiar en otro.

*Entiendo que la fecundidad del devenir mucho dependerá del estado particular de presencia y de espera, que cree el analista, de su deseo, de cómo preste su propio acopio pulsional, de cómo ocupe su lugar, disposición y comportamiento para posicionarse en el lugar de objeto de transferencias, prevalentemente de rechazo, dolor, frustración, odio (Iacuzzi, 2009)*

Viene a mi memoria la sesión grupal cuando Ana asocia el cuento que hemos leído entre todas, con lo sentido en el sueño de la noche anterior y se pregunta por qué siente tanta angustia...

**Marta dice:** *Si, es cierto que para conseguir que una mujer se derrumbe hay que provocar en ella una división emocional, pues si nos hacen algo a nivel físico aguantamos y defendemos a nuestro hijo pero si es a nivel emocional no! ...*

**Juana:** *¿por qué nos dividimos? Por temor al daño que nos puedan hacer...*

**Rosa:** *...a no ser aceptada o que no nos quieran reconocer...*

**Ana:** *ahora me surge a mí un ejemplo. Me pasó que soñé que se movía el piso, era como un sismo, salíamos de la celda, y veía a mi amiga correr, estaba con mucha angustia, me sentía confusa, como en el cuento, pensaba en mi amiga, sé que ella desde que salió de aquí está sola... y no pude dormir. La angustia era muy fuerte, sentía lástima por ella, pensaba que se sentiría muy sola, y también angustiada. Y hasta me dolía el pecho. Pasé una noche horrible! Pero me dije por qué siento esto tan fuerte e intenso?! Y me di cuenta que la desprotección que sentía que vivía ella, era la mía!!!! Si ; Lo de mi infancia ha sido dura y difícil...me vinieron algunos recuerdos, estaba como abandonada, a veces sucia, no cuidada...*

**MJ:** *Te has visto en ella...*

**Ana:** *Eso de afuera toca mi herida, era yo que me sentía desprotegida; y sí, creo que repetí lo del cuento...me parece que tengo temor de que se conozca esa parte de mí que es diferente y mal vista...*

**MJ:** ¿A qué te refieres...?

**Ana:** *Creo que temor a mí, a lo que pueda salir de mí, a la rabia, a mi agresividad, no quiero dañar...eso es lo que me angustia ¿no? Por eso sigo repitiendo, divido no quiero que esto salga.*

Pues dar a conocer lo que sienten las hace frágiles ante las personas y la institución. Y expresar lo que sienten las hacen sentir débiles y sin fuerzas para seguir viviendo en el encierro. Por ello estos espacios terapéuticos, estructurados y mantenidos en el tiempo, son generadores de subjetividad, pueden “volver a decir” su verdad (désir...recuperar su deseo...) y junto con otras entenderse para luego integrar las pulsiones vitales de una manera diferente.

### **En cuanto al Encuadre**

La cuestión del encuadre es lo primero que aparece como desafiante. No estoy en mi consultorio donde ellas puedan venir. Sino que soy yo, como terapeuta, la que voy al lugar de ellas; mi cuerpo y mente se traslada al encierro. Esto tiene fuerza simbólica pero también literal. Por lo tanto mi escucha es doble. Al contexto inmediato lo veo, lo siento, soy testigo cada vez y también soy afectada por él. Aunque luego en la sesión sea relatado o no desde la individual subjetividad de cada mujer, como terapeuta lo he visto y vivido, ha tocado y afectado mi cuerpo, mi subjetividad. Y atenta a la otra dimensión de la escucha, a lo comunicado por cada mujer desde cada subjetividad.

Por ello la transferencia se convierte, como señala Freud, en un instrumento, oportunidad privilegiada dentro de la cura, que se transforma en el vehículo para su decir.

El encuadre interno es el que debo gestionar apoyada en esta convicción de que en lo más profundo de cada ser humano hay vida nueva gimiendo, es el deseo, es lo que está latente pero no nacido, y en expectativa de desarrollarse. Ser analista para escuchar la vida que está allí y que puja muchas veces por nacer y de la fuerza pulsional que busca dividir.

Es una apuesta por la subjetivación, recuperación de la palabra y de la libertad. Ana comparte en el grupo: *Desde que Gustavo se fue (el hijo de 3 años), siento mucha nostalgia, lo extraño a él, su cuerpo, olor, su voz...es así cada mañana. Me despierto, siento el vacío, tomo aire y pienso...pero eso es todo un proceso! No sé si entienden...recuerdo...y me pregunto si se habrá levantado bien...y me digo, ya pasó, la realidad es esta. Sí, es diferente resignar a aceptar...Claro, aceptar es asumir que estoy aquí pero quiero y espero otra cosa! Antes de tener a Gustavo yo me resignaba, ahora él es motor para vivir y reconstruir. Ser madre fuerte se lo debo a Gustavo...es mi motivo para seguir adelante.*

De esta manera cada mujer puede recuperar la propia palabra y traspasar los muros del penal, de la condena, para intervenir social y políticamente. Luna lleva 25 años presa por delito de terrorismo a raíz de su compromiso político y ahora está dispuesta a llevar adelante el juicio contra los organismos del estado por la tortura vivida cuando fue capturada. *“Ahora sí estoy preparada, sé que es necesario abordar y denunciar las torturas*

*que me infligieron porque debe hacerse justicia, para que nunca más se repita. Con este convencimiento puse todo de mí y continué con el proceso investigatorio. He hablado con mi familia, mis hijos, y todos me apoyan, pues hasta ahora los había protegido y cuidado, pues ellos también van a quedar expuestos. Pero es necesario dar este paso”*

Maru se acerca y me dice, *“He estado por años haciendo terapia pero ahora quiero trabajar en mi verdadera libertad, la de adentro. Necesito perdonarme y perdonar. Recién ahora después de 18 años he visto al testigo encapuchado que me entregó. Ahora que tiene rostro me doy cuenta que necesito hablar de esto y liberarme de ese peso”*

Por eso apoyo la apuesta por generar un espacio de confidencialidad sostenido en el tiempo, incluso para excluidos allí, en estos otros bordes de la sociedad.

### **Espacios en los que se da el encuentro**

A lo largo de estos cinco años he sostenido el espacio de encuentro en las sesiones individuales, en término de proceso a lo largo del tiempo, como también el de terapia grupal semanal. A veces la atención es puntual ante situaciones de crisis y conflictos.

Uno de los días en que ingreso al penal me llama un grupo de mujeres y me comenta que Silvia se ha golpeado la cabeza y está en el tóxico, pero que está muy mal de salud, que no habla y solo repite Baubo. Llego al tóxico, me abraza y mira con sus ojos renegridos y brillosos y me dice Baubo. Lo repite una y otra vez. Sólo la acojo, estoy con ella atendiendo a esto que puede expresar. Silvia forma parte del grupo de quince mujeres donde leemos cuentos y mitos a partir de los cuales, a través de asociaciones, vamos abordando diferentes aspectos de la psicología de la mujer y las crisis vitales. Baubo es la diosa del vientre, esa vulva que baila y que hace reír a Demeter cuando ésta cae en la profunda depresión, ayudándola a recobrar el deseo de crear. Para Silvia, su mundo interno se expresa simbólicamente en esta palabra cargada de sentido y la única que la conecta con la realidad externa, donde su sostén son estas mujeres con quienes habla de sus angustias como de su vida sexual arrebatada y violentada.

Reabren el juicio sobre la tortura padecida por Lucía y ella tiene que reconocer a los torturadores después de 25 años de lo sucedido. A lo largo de las semanas de terapia y previo al peritaje ella revive en su cuerpo todo lo acaecido hace tantos años atrás, siente miedo y no sabe si va a poder reconocer a esos hombres. El día que sale del penal para el trámite se acerca a mí para decirme que sentía miedo, en ese momento puntual, fuera del espacio terapéutico semanal, solo le dije que confíe en ella y que su cuerpo la iba a ayudar. Cuando está frente a las fotos de hombres, mujeres policías y militares, en determinado momento, su cuerpo comienza a sudar, ponerse frío y duro; para ella es una señal importante para luego poder reconocer a aquellos que la habían torturado y violado.

Estas intervenciones son puntuales, pero me hacen cada vez más consciente del nivel de demanda que existe y por lo tanto vuelvo a reforzar el encuadre en cuanto a espacio y tiempo de atención, poniendo límite a los pedidos fuera del tiempo ya acordado.

El espacio grupal está formado por quince mujeres sentenciadas por diferentes delitos (terrorismo, droga, rapto), de diferentes edades y niveles de formación. Nos

reunimos una vez por semana donde, a lo largo de tres años leemos cuentos y mitos a partir de los cuales desarrollamos aspectos de la psicología de la mujer y abordamos aspectos de la vida, las crisis existenciales, momentos vitales diferentes. Abordamos aspectos como sexualidad, maternidad, soltería, viudez, muerte, pérdidas etc. Se ha convertido en un espacio terapéutico de escucha, confianza, apoyo, consejo, contención y elaboración.

Desde la lectura de uno de los cuentos comenzamos a realizar el comentario y las asociaciones, a partir de las cuales se desarrolla la sesión. Algunas de ellas comentan cosas en relación a este espacio co-creado.

Ana: *...reconozco abiertamente que muchos puntos del cuento tocan heridas de mi alma, heridas que con los años he cubierto y recubierto, he protegido, escondido y que ahora puedo observarlas de cerca, acariciarlas con el único fin de curarlas, de curarme.... Sé que me encuentro en un proceso único en mi vida y quiero vivirlo porque quiero ser libre...me he equivocado mucho pero ahora, aún con dificultad, busco a dónde pertenezco y en esta búsqueda estoy siendo muchas veces feliz, me encanta sentir que me estoy reconstruyendo, armándome de a poquito y aceptándome con amor.*

Luz: *...tenemos en común construirnos y reconstruirnos como mujeres, hijas, hermanas, esposas y, por sobre todo, ser madres a pesar del encierro y las limitaciones que ello impone. ....Cuando entendí que algo muere para dar vida a otro, me preparo para recibir expectante, ya no con miedo, lo nuevo y quizá por eso aprendo a no aferrarme y a romper con el apego (que es tan humano y necesario). Lo que sigue fue expresado en el contexto de crisis con la pareja y momento en que ella debe tomar una decisión: No puedo exigirle que me espere, son muchos años que llevo en prisión y muchos los que faltan... Agradezco por este espacio, por la constancia, amor y paciencia pues logra que como grupo de mujeres caminemos dignas procurando ayudarnos a nosotras mismas y así poder ayudar a otras.”*

Linda una de las más jóvenes y con menos tiempo de prisión, sólo 3 años: *A través de las sesiones he descubierto que muchas veces he exiliado ideas, pensamientos, obras y sentimientos, y he sido muy dura y cruel conmigo para poder encajar en la perfecta hija, madre, novia, amiga, hermana que todos querían. Me encuentro perdida en algunos aspectos de mi vida que aún no organizo, como el tema de vivir mi maternidad lejos de mi hija y asumirla...Aún me estoy buscando y quiero aceptarme.*

Las escucho en las sesiones como en estos textos y hace eco en mí lo del espacio transicional, aquel que permite que se mueva la pulsión. Siento que se crea un vínculo de sostén, holding, en ese espacio intersubjetivo, espacio donde pueden crear y sostener la esperanza o la “ilusión” (Winnicott)

Es así como se trabaja en este proceso de reparación individual e interrelacional, se acepta el daño hecho o consentido y también la capacidad de sublimar, re-ligar la vida. Muchas hacen proyectos vitales: se casan, comienzan y terminan estudios universitarios, escriben, inician proyectos conjuntos de trabajo artesanal, forman cooperativas.

### ***Una apuesta por la vida tejida en la oscuridad***

Por ello creo que este es un desafío para nosotros analistas que proponemos una clínica donde apostamos por sujetos transformados y defendemos el derecho al secreto que tienen las personas, derecho a pensar y a escoger qué comunicar.

Requiere de nosotros capacidad para permanecer en la escucha allí donde “ser humano” duele. Allí donde en medio del dolor y horror la memoria afectiva viva sostiene. Lucy: *“Esos cinco años que pasé en el sótano, donde no veía a nadie solo a los que me llevaban la comida recordaba las canciones que me cantaba mamá y los cuentos que me contaba. Y pensar en mi hija y en aquel momento en que la veía, me hacía sobrevivir a la oscuridad, el horror y la muerte”*. Traigo a la memoria el relato de Primo Levi sobre ese campo de concentración nazi y la última noche de esas mujeres con sus niños allí. Cuando les dijeron que al día siguiente irían en los trenes para ser exterminadas. Ellas como quien sale de viaje de excursión lavaron las ropas y juguetes de sus niños para colocarlos limpios en las maletas para el viaje. A la mañana siguiente aparecieron en los alambrados las ropas limpias y secas de todos los niños. Aunque externamente les arrebatan la vida ellas no consintieron con la muerte injusta.

Así, estas mujeres con quienes me encuentro cada semana, no consienten con ser enterradas y silenciadas detrás de los muros del penal.

Por eso aliento la apuesta que hago cada día por el espacio de terapia analítica donde se facilita la ligazón de eros permitiendo integrar la pulsión de vida y muerte. Donde se hace posible la reparación y la sublimación, religando la vida, recreando proyectos vitales, para reinsertarse en la sociedad como mujeres capaces de crear, potenciar y sostener vínculos más sanos.

### ***A modo de conclusión***

Vuelvo a la imagen de la Eva, así como el escultor, creo que nosotros como analistas “obedecemos” (en hebreo: escuchamos) a los movimientos y procesos internos de aquella que es sujeto con cuerpo propio y que lleva también en sí misma a otro (inconsciente, mundo pulsional) que no ve pero que tiene movimiento y desde el cual reclama espacio. Para nosotros ese otro al que escuchamos trae promesa de algo nuevo.

Qué misterio este interjuego al que nos exponemos cuando nos involucramos en la creación y recreación de la obra aceptando que escapa a nuestro poder el concluirla.

Por eso apoyo la apuesta por generar un espacio de confidencialidad sostenido en el tiempo, inclusivo para excluidos allí en estos otros bordes de la sociedad.

Como terapeuta y analista atestiguar de esta manera la existencia de lo subjetivo en un mundo penitenciario, caracterizado por lo no subjetivo, lo des-subjetivante y donde lo subjetivo es tomado desde lo negativo.

Por lo tanto desplegar nuestra disciplina en estos contextos nos lleva a instalar “lo nuevo” a través de la relación de transferencia y contratransferencia. A abrir instancias terapéuticas y también ayudar a que la mujer no quede atrapada en los aspectos negativos,

rescatarlos de lo tanático e investirlos desde eros. Es así donde puede hacerse posible la reparación y la sublimación dando espacio a la capacidad de crear, recrear y transformar.

**Resumo:** Este é um desafio para nós, analistas, que propomos uma clínica na qual se quer sujeitos transformados e que defendemos o direito à privacidade das pessoas, direito de pensar e também o direito de escolher o que comunicar. Testemunhar, como analista, a existência do subjetivo em um mundo penitenciário caracterizado pelo não subjetivo, o (des)-subjetivante, onde o subjetivo é tomado a partir do negativo. É um desafio que requer de nós a capacidade de permanecer na escuta, ali onde o “humano” dói, onde, em meio à dor e ao horror, a memória afetiva se mantém. É assim que esses espaços terapêuticos, estruturados e mantidos ao longo do tempo, são geradores de subjetividade, onde as mulheres podem “voltar a dizer” sua verdade (dizer... recuperar seu desejo ...) e, junto com outras, compreender-se, para, logo depois, integrar as pulsões vitais de uma forma diferente, dando espaço para a capacidade de criar, recriar e transformar.

**Palavras-chave:** Espaço transaccional, presença e espera, confidencialidade.

## Referencias

- AULANGIER, P. (1979) *Los destinos del placer*. Ed. Petrel. Barcelona
- \_\_\_\_\_ (1997) *La violencia de la interpretación*. Amorrortu Editores. Buenos Aires.
- FREUD, S. (1912) *La dinámica de la transferencia*. En *Obras Completas*. Vol. XII. Amorrortu Editores. Buenos Aires. (1991)
- \_\_\_\_\_ (1937) *Análisis terminable e interminable*. En *Obras Completas* Vol. XXIII. Amorrortu Editores. Buenos Aires. (1991)
- GREEN, A. (1990) *Narcisismo de Vida, narcisismo de muerte*. Amorrortu Editores. Buenos Aires.
- \_\_\_\_\_ (2005) *Ideas directrices para un psicoanálisis contemporáneo*. Amorrortu Editores. Buenos Aires
- IACUZZI, Alicia Beatriz. (2009) *Los enigmáticos laberintos carcelarios. Un itinerario psicoanalítico*. Ediciones de las Tres Lagunas. Buenos Aires
- WINNICOTT, D. W. (1999). “La agresión en relación con el desarrollo emocional”. “Desarrollo emocional primitivo”. “La mente y su relación con el psiquesoma”. “Aspectos clínicos y metapsicológicos de la regresión”. En *Escritos de pediatría y psicoanálisis (comp.)*. Paidós. Buenos Aires.
- \_\_\_\_\_ (1991) “La agresión y sus raíces”. “Las raíces de la agresión” “Agresión, culpa y reparación”. En *Deprivación y delincuencia (comp.)*. Paidós. Buenos Aires.
- \_\_\_\_\_ (1962). Los fines del tratamiento psicoanalítico. *Los procesos de maduración y el ambiente facilitador*. Paidós. Buenos Aires. 2005

## Realidades e ficções: a fotografia e seu uso na clínica

por Ana Maria Vieira Rosenzvaig<sup>1</sup>

**Resumo:** O trabalho apresenta e discute uma modalidade de intervenção clínica realizada em um hospital psiquiátrico, onde o uso da fotografia foi elemento mediador fundamental no processo terapêutico. O texto segue propondo uma reflexão sobre o estatuto psicanalítico dessa intervenção, seu uso na *clínica extensa*<sup>2</sup> e busca situar essa discussão no contexto de expansão e desenvolvimento da psicanálise contemporânea.

**Palavras-chave:** Fotografia, método psicanalítico, mediação, psicanálise contemporânea.

Na experiência em um hospital psiquiátrico, que funcionava no regime hospital-dia, entre as diversas atividades, acompanhávamos os pacientes em saídas externas, com a proposta de reinserção destes em um ambiente social mais amplo da comunidade local. Em uma ocasião, fomos ao Jardim Botânico e levei, ao passeio, minha máquina fotográfica, com a qual tirei várias fotos dos pacientes. Após revelá-las, resolvi mostrá-las aos pacientes com quem trabalhava mais diretamente. Para minha surpresa e de toda a equipe multidisciplinar, a resposta foi reveladora! A experiência do passeio pôde ser reconstruída a partir das imagens, gerando novas narrativas e associações por parte dos pacientes. A fotografia foi identificada como importante recurso no processo terapêutico.

Na sua grande maioria, trabalhávamos com pacientes psiquiátricos crônicos cuja atividade expressiva e comunicativa era extremamente prejudicada, embotada, comprometida. As fotos, porém, provocaram uma reação muito diferente. Houve grande interesse e até euforia por parte de alguns: queriam ver suas imagens, sua aparência, comentavam sobre os amigos formados durante o passeio, sobre a vivência experimentada no Jardim Botânico. Havia um clima de entusiasmo ao falarem de si mesmos e dos colegas: riam, compartilhavam e reexperimentavam suas vivências através dos registros fotográficos. A experiência de olhar a si mesmo e aos outros por meio das imagens fotográficas pode favorecer a formação de novas representações psíquicas. Imagens pela fotografia tornaram-se representação.

Os pacientes queriam ter as fotos para si. A equipe do hospital criou, então, um espaço - um painel de fotografias - que ficaria afixado na sala de trabalho de cada grupo de pacientes. Terapeutas ou pacientes poderiam alimentar o painel com novas fotos, desde que durante as sessões de trabalho. A prática de fotografar as atividades realizadas com os pacientes passou a fazer parte do nosso cotidiano de trabalho, tornou-se mais um recurso para nossa prática terapêutica.

1 Psicóloga, membro filiado ao Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo – SBPSP, mestre em Estudos Psicanalíticos pela University of East London – Tavistock Clinic. amrosenzvaig@terra.com.br

2 Termo criado por Fabio Herrmann para designar prática clínica psicanalítica ampliada, ou seja, fora do setting clássico do consultório.

Aprendemos com Boris Kossoy (1999) que a imagem fotográfica é, antes de tudo, um documento-representação que contém em si realidades e ficções. Toda fotografia implica uma transposição de realidades. No instante em que se dá o ato do registro, a imagem fotográfica é parte de uma *primeira realidade*. Findo o ato, a imagem obtida já integra uma *segunda realidade* - documento visual, testemunho e representação do objeto selecionado em um dado espaço e tempo, cuja compreensão engloba a consideração sobre o processo de criação do fotógrafo, que lhe deu origem. A representação fotográfica possibilitará, ainda, diferentes leituras que cada receptor poderá fazer em diferentes momentos. As realidades da fotografia são múltiplas.

Esse processo de construção de realidades, que é a fotografia, determina sua dimensão ficcional. É preciso ir além da própria imagem para decodificá-la e alcançar sua *realidade interior*, seus possíveis significados ocultos, outras realidades e ficções.

Quando uma foto nos interessa é porque ela nos diz algo e, enquanto imagem, adquiriu, em nós, a capacidade de representar outra coisa.

Na experiência vivida junto aos pacientes, as fotografias tornaram-se objetos mediadores para acesso a novas imagens interiores. Elas favoreciam a troca, a expressão e a comunicação dos pacientes sobre suas vivências pessoais e coletivas, serviam de suporte e sustentação para as projeções e produções a partir da realidade psíquica, favorecendo trocas entre imaginários. As diferentes falas que se constituíam, sobre e a partir das fotografias, alimentavam a cadeia associativa dos interlocutores, ampliando a percepção da foto e da própria representação da experiência vivida. A riqueza e pluralidade dos imaginários passavam pelas trocas dirigidas a cada uma das fotos e eram, aos poucos, recolhidas e apropriadas por cada sujeito em um trabalho psíquico de simbolização, que favorecia a construção, a ampliação e a integração de um repertório próprio sobre si e sobre o mundo a sua volta. A fotografia favorecia a capacidade do sujeito de nomear suas vivências com representações colocadas em palavras – resultado da condição de trabalho psíquico de ligação entre os processos primário e secundário.

Como objeto mediador de dupla inscrição – entre o sujeito e o objeto, entre o dentro e o fora –, a fotografia criava um espaço intermediário entre a fala sobre o objeto-foto e o sujeito, permitindo um prazer partilhado de falar de si e do mundo por meio das fotos. As conversas sobre as fotos – espaço de jogo – proporcionavam trocas que descolavam o sujeito da realidade de seu imaginário, permitindo mudanças na sua posição em relação aos seus objetos internos e externos, promoviam troca de movimentos pulsionais e identificatórios (Vacheret, 2008).

Esse espaço intermediário, estruturado entre o processo primário (pensamento em imagens) e o processo secundário (pensamento em palavras), assegurava a dupla articulação entre o intrapsíquico e o intersubjetivo.

E meu exercício enquanto fotógrafa? Como pensar o estatuto psicanalítico deste fazer clínico no contexto do atendimento terapêutico? Qual seria sua possível articulação com o vasto campo de atuação do psicanalista contemporâneo na chamada clínica extensa?

Freud, ao criar a psicanálise enquanto prática terapêutica – a *`talking cure`* –, afirma sua ênfase na palavra. Ele estabelece como dispositivos técnicos fundamentais a fala em associação livre por parte do paciente, a escuta descentrada em atenção flutuante

pelo analista e a interpretação, enquanto o ato analítico por excelência. No tratamento psicanalítico clássico, a mediação fundamental é a palavra.

Entretanto, ao longo do século XX, a expansão da prática analítica na clínica com crianças, com psicóticos, com bebês e seus pais, ou em ambientes institucionais veio oferecer novos desdobramentos técnicos e compreensões teóricas sobre a diversidade e a especificidade do fazer analítico. Nessas situações clínicas, o enquadre e a interpretação clássicos não se mostravam suficientemente eficazes. Assim, o fazer do analista precisava ser enriquecido por intervenções que favorecessem a aquisição de novas representações, criando condições para diferentes níveis de interpretação.

Nos tempos atuais, a clínica padrão de consultório vem também impondo desafios aos psicanalistas. As grandes mudanças socioculturais do nosso tempo, com conseqüentes mudanças na subjetividade contemporânea, vêm determinando a necessidade de encontrarmos novas ferramentas facilitadoras para o estabelecimento de um processo analítico. A flexibilidade, a criatividade do analista e, principalmente, sua constante reflexão sobre os fundamentos do modo de operar da clínica psicanalítica e suas modalidades de intervenção têm sido enfatizadas, por muitos pensadores da psicanálise (Herrmann, Figueiredo, Miodownik), como um ponto fundamental na expansão de nossa prática e no desenvolvimento de nossa ciência.<sup>3</sup>

Fabio Herrmann (1979), em discussão proposta pela *Teoria dos Campos*<sup>4</sup>, afirma que é a operatividade do método interpretativo, em seu potencial de *ruptura de campo*<sup>5</sup> e desvelamento de novos sentidos, que caracteriza o fazer psicanalítico. Para a Teoria dos Campos, o método é invariante, enquanto a técnica é conjuntural. Sendo assim, as diversas intervenções que o método interpretativo possibilita nos permite pensar em diferentes formas técnicas do fazer analítico. Segundo Herrmann, é a ênfase no método interpretativo psicanalítico que permitirá pensarmos e atuarmos em uma *clínica extensa*, ou seja, uma clínica psicanalítica praticada pelo analista fora do *setting* clássico de consultório.

Em uma reflexão sobre as demandas contemporâneas à prática clínica psicanalítica (especialmente aquelas constituídas por pacientes difíceis e com sofrimento narcísico identitário), Figueiredo (2014), em sintonia com as discussões propostas por Roussillon, vem desenvolvendo a ideia de uma *clínica* da mediação, como proposta de novas vias da terapêutica psicanalítica. Sua hipótese é que as transformações esperadas em uma análise dependem da formação de um terreno facilitador que seria construído por práticas de mediação terapêutica. Nesse processo, os objetos artísticos e as experiências estéticas seriam ferramentas privilegiadas, pois, enquanto meios *maleáveis* (Milner), permitem o exercício da fruição, da transformação e da criação.

Nessa perspectiva, poderíamos pensar, a partir da experiência de trabalho mencionada, que as atografias funcionaram como elementos facilitadores, mediadores na prática

3 Esse tema, não à toa, foi recentemente discutido em amplitude pela Revista Brasileira de Psicanálise em um número intitulado *Intervenções em Psicanálise* (Vol. 48, n.2, 2014)

4 *Teoria dos Campos* é a expressão utilizada para designar o pensamento psicanalítico de Fabio Herrmann na sua contribuição de desvelamento do método interpretativo freudiano. Esse pensamento metodológico é apresentado no livro *Andaimos do Real - O Método da Psicanálise* (3a. edição), Ed. Casa do Psicólogo, SP.

5 *Ruptura de campo* é o termo utilizado por Fabio Herrmann para conceituar o método psicanalítico. Ele designa a ação provocada pela atividade interpretativa do analista que rompe com o campo representacional do paciente sobre si mesmo.

terapêutica. Como no Jogo de Rabisco criado por Winnicott, cada fotografia poderia ser compreendida como um rabisco produzido pelo analista para favorecer a comunicação, a expressão e a criatividade no contexto clínico, em uma proposta de construção de um espaço intermediário de jogo e de cocriação analista-paciente no sentido da cura. A mediação clássica da palavra, nos procedimentos padrões da escuta e fala analítica, foi ampliada e enriquecida pelo olhar e a fotografia produzidos pelo analista.

Para finalizar, ponderamos que, na situação de trabalho descrita com os pacientes, os registros fotográficos produzidos pelo analista certamente não tinham sido aleatórios. Recorremos a Roland Barthes (1984). Esse autor, ao refletir sobre fotografia, enfatiza sua dimensão constatativa. Para Barthes, do ponto de vista fenomenológico, o poder de autenticação da fotografia ( 'Isso-foi ' ) se sobrepõe ao poder de representação. A fotografia seria, assim, a afirmação de um real.

Meu olhar, minhas fotos tinham, inevitavelmente, a força da constatação, da marcação de um acontecimento vivido no tempo e no espaço. Enquanto ato, poderíamos identificar nesta intervenção seu caráter de interpretação. Cada registro fotográfico, em suas dimensões de realidade e ficção, era um ato interpretativo criado a partir das relações transferenciais estabelecidas no contexto terapêutico, produzindo efeito nos pacientes: novas imagens e movimentos psíquicos, em uma produtiva cadeia de possibilidades de olhar e falar de si, para si e para o mundo a sua volta.

**Resumen:** El trabajo presenta y discute una modalidad de intervención clínica realizada en un hospital psiquiátrico, en donde el uso de la fotografía fue elemento mediador fundamental en el proceso terapéutico. El texto plantea además una reflexión sobre el estatuto psicoanalítico de dicha intervención, su uso en la *clínica extensa*<sup>6</sup> y trata de ubicar esta discusión en el contexto de expansión y desarrollo del psicoanálisis contemporáneo.

**Palabras clave:** Fotografía, método psicoanalítico, mediación, psicoanálisis contemporáneo.

## Referências

- Barthes, R. (1984). *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Figueredo, L.C. (2014). As novas vias da terapia psicanalítica. Texto não publicado, apresentado no curso de pós graduação da PUC-SP, 1º semestre de 2014.
- Figueredo, L.C. (2008). *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- Herrman, F. (1979). *Andaimos do real: o método da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, L. (2014). Intervenções em Psicanálise – século XXI. *Revista Brasileira de Psicanálise*, Vol. 48 (2), p.59-66.
- Kossoy, B. (1999). *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Atêlier Editorial.
- Miodownik, B. (2014). Em defesa de uma certa heterodoxia: sobre a frequência de sessões em psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, Vol. 48 (2), p. 19-32.
- Roussillon, R. (2006). *Paradoxos e situações limites da Psicanálise*. São Leopoldo, RS: Unisinos.
- Vacheret, C. (2008). A Fotolingagem: um método grupal com perspectiva terapêutica ou formativa. *Psicologia: teoria e prática*, Vol. 10 (2), p.180-191.

6 Término creado por Fabio Herrmann para denominar práctica clínica psicoanalítica ampliada, es decir, fuera del *setting* clásico del consultorio.

# Será que nascemos todos Pinóquios?

por Carla Cristina Pierre Bellodi<sup>1</sup>

e Marta Maria Daud<sup>2</sup>

**Resumo:** As autoras desenvolvem uma reflexão sobre a relação de Pinóquio e a Fada Azul, traçando um paralelo com a relação analítica. Partem da ideia que é somente no aprender da experiência emocional, na relação viva com outra mente, que nascemos enquanto ser psíquico e começamos a existir. Pinóquio tinha uma ânsia em se tornar logo um menino de verdade e pedia que a fada, magicamente, o transformasse em um. Assim chegam nossos pacientes, procurando sentido, com ânsia de existência, mas, muitas vezes, esperando da fada azul-psicanalista uma transformação mágica e sem dor. Até mesmo porque ainda não entendem a diferença entre estar vivo e existir, entre ter pensamentos e pensar pensamentos. A busca de saber quem somos de verdade e de transformações que nos aproximem do nosso Eu verdadeiro, o mais humano possível, passa pelas experiências vividas e transformadas. Nascemos todos Pinóquio, originalmente de matéria bruta, com pensamentos inconscientes, nunca pensados, que aguarda a companhia de outra mente para pensá-los.

**Palavras-chave:** Função Alfa, verdade, mentira, idealização.

## INTRODUÇÃO

Uma mulher de 40 anos entra na sala de análise com uma revista onde tem a figura de uma marionete e diz: - *Esta sou eu!*

Surge na mente da analista a história do Pinóquio, o boneco de madeira que sonha, um dia, ser um menino de verdade e que pode ser também um modelo rico para pensarmos alguns fenômenos atuais da clínica psicanalítica.

Na ficção, Pinóquio “nasce”, ganha “vida”, começa a ter movimentos independentes, mas continua uma marionete, mesmo sem a presença dos fios. Ele é constantemente influenciado pelos estímulos externos e internos, reage a eles sem a possibilidade de sonhar e pensar, sem a possibilidade de ser de verdade.

Acreditamos que somente no aprender com a experiência emocional, na relação viva com outra mente, é que nascemos enquanto ser psíquico e começamos a existir. Pinóquio tinha uma ânsia em se tornar logo um menino de verdade e pedia que a Fada Azul, magicamente, o transformasse em um.

Assim chegam nossos pacientes, procurando sentido, com ânsia de existência, mas muitas vezes esperando da “fada azul-psicanalista” uma transformação mágica e sem dor. Até mesmo porque ainda não entendem a diferença entre estar vivo e existir, entre ter pensamentos e pensar pensamentos.

1 Psicóloga, membro filiado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto. carlacpierre@gmail.com

2 Psicóloga, membro filiado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto. mmdaud@hotmail.com

A personagem Fada Azul tem uma participação muito importante nessa história. Ela, inicialmente, é uma figura idealizada que poderia transformar Pinóquio em um menino de verdade. Entretanto, durante toda a história, ela será a mente continente que entra em cena e assume seu posto como precursora ou como facilitadora e promotora de desenvolvimento da mente incipiente do boneco. Oferecendo sua “varinha-função alfa”, ela é uma companhia viva na trajetória de Pinóquio no vir a ser um menino de verdade.

A partir dessas ideias, gostaríamos de refletir sobre a relação entre Pinóquio e a fada azul, e a transformação de boneco em menino de verdade, traçando um paralelo com a relação analítica. Essa é a transformação, onde o paciente está no processo de vir a ser mais plenamente e o analista está conhecendo a pessoa que o paciente está se tornando, através da experiência compartilhada e vivida entre o paciente e o analista de verdade.

“A visão emocional compartilhada, vivencia-se uma sensação de estar com a verdade.” (Bion 1962/1994, p. 137)

### FADA AZUL E SUA FUNÇÃO

A Fada Azul é uma personagem muito importante na transformação de Pinóquio em menino de verdade. Sua companhia é fundamental nesta trajetória do vir a ser. O boneco idealiza a fada como alguém muito poderosa que poderia transformá-lo magicamente, projetando nela toda a esperança e responsabilidade de sua transformação. Conforme a história vai transcorrendo, observamos a Fada como aquela que acompanha Pinóquio em sua jornada, tentando refletir junto com o boneco, sobre suas atitudes, exercendo a função continente. Ela o ajuda a perceber as diferenças e a fazer discriminações, bem como lidar com as frustrações e a criar uma condição de tolerância para alcançar o que deseja. A fada ajuda Pinóquio a perceber que a transformação que ele deseja precisa acontecer dentro dele mesmo.

Na clínica psicanalítica, podemos comparar a função-fada com a função do analista. Nossos pacientes chegam procurando sentido, ânsia de existência, mas, muitas vezes, esperando da “fada azul-psicanalista” uma transformação mágica, rápida e sem dor.

*Até que ponto a idealização tem uma função importante e necessária no processo de análise? Ou será que a idealização também não poderia ser usada como uma forma de evitar viver emoções tão humanas?*

A relação analítica é uma relação naturalmente assimétrica. Ogden, em seu livro *A arte da psicanálise*, esclarece: “A metodologia analítica se baseia no pressuposto de que existe um “diferencial” (Loewald, 1960, citado por Ogden p. 24) entre a maturidade emocional do analista e a do analisando, ou seja, que o analista atingiu um nível de maturidade psicológica maior do que o analisando, ao menos nas áreas de experiência mais problemáticas para o paciente”.

A experiência concreta, sem nenhuma simbolização quando encontra com uma mente continente, vai se transformando, criando um significado e, com isso, desenvolvendo recursos internos, a subjetividade que podemos, então, considerar como sendo um caminho em direção ao crescimento. Pensando no modelo mãe-bebê, a mãe,

sendo continente ao choro do bebê, vai transformando o desconforto do bebê em algo com um significado. Assim, o bebê pode desenvolver recursos dentro dele para suportar o desconforto e a frustração. Suportar a frustração é essencial para o desenvolvimento do aparelho de pensar. Todos nascemos Pinóquio, com pensamentos e verdades que esperam companhia para torná-los toleráveis, possíveis de pensamento e existência. Desenvolver o aparelho de pensar liberta a dor e percebemos que o desenvolvimento da condição de pensar os pensamentos é LIBERTADOR.

Bion (1962, citado por Ogden, 1991, p. 25) introduziu o termo função-alfa para se referir ao conjunto ainda desconhecido de funções mentais que, juntas, transformam “impressões sensoriais brutas relacionadas a uma experiência emocional”, as quais denomina de “elementos-beta”, em elementos-alfa”. Os elementos-beta – impressões sensoriais não processadas – não podem ser ligados entre si e, conseqüentemente, não podem ser utilizados para pensar, sonhar ou armazenar na memória. Em contraste, os elementos-alfa são elementos da experiência que podem ser ligados entre si no processo consciente e inconsciente de pensar e de sonhar (tanto enquanto acordados quanto dormindo).

Se entendermos que, no início do processo analítico, o paciente se apresenta com a função alfa muito precária e, em alguns casos, quase nula, a idealização do analista parece necessária para que o analisando possa investir sua esperança na pessoa do analista, acreditando na possibilidade de tornar-se de verdade. É também muito importante para o paciente sentir o analista capaz de suportar as evacuações de elementos-beta por parte do paciente, os quais serão desintoxicados pelo analista e devolvidos para o paciente de uma maneira mais tolerável. Dessa maneira, paciente e analista vão tecendo o continente, expandindo a possibilidade de sonhar e pensar, aproximando-se o paciente da sua verdade.

Anne Alvarez, em seu artigo “O anjo necessário”, faz referência a alguns autores que colocam que a idealização, além de sua função defensiva, é uma necessidade, ou seja, a crença nos bons objetos é um passo intermediário essencial para o desenvolvimento mental. Rosenfeld (1987, citado por Alvarez, 1994, p. 132) “salienta uma questão técnica, mas também teórica e quantitativa implícitas, quando diz que o analista não deve desfazer a idealização muito rapidamente no caso de pacientes muito vulneráveis, que talvez precisem idealizar o analista para criar uma atmosfera benigna”.

Entretanto, a idealização também pode atuar como um impedimento psíquico e enrijecer a relação analítica, evitando tanto o contato do paciente com o analista, quanto do paciente com suas emoções. Portanto, a percepção desses momentos e de funções distintas da idealização, por parte do analista, torna-se essencial para ajudar o paciente a se libertar em direção ao crescimento psíquico.

### ***Lucas – escravo da idealização***

Lucas, um rapaz muito insatisfeito com seu trabalho, referia-se ao mesmo como “trabalho escravo”, dizia ser infeliz por isso e também não via perspectiva de mudar essa situação. Mesmo porque não tinha nenhuma ideia do que poderia deixá-lo feliz. Desde o início de sua análise, trata a analista de modo bastante formal. “Tudo bem com a senhora, doutora?” Quando, em uma sessão, a analista investiga a função do tratamento, aparece

um Lucas enfurecido. Todas as emoções que tentava evitar com aquela formalidade/idealização vêm à tona mostrando o quanto era difícil para ele viver e se aproximar mais intimamente de suas emoções. Entretanto, a possibilidade de vivê-la na companhia da analista promoveu uma experiência com emoções intensamente violentas. Ter a analista como uma companheira para conhecer emoções que eram tão temidas foi retirando a analista e também seus temores desse lugar idealizado e, ao mesmo tempo, distante.

## A TRANSFORMAÇÃO DE PINÓQUIO EM MENINO DE VERDADE

### *Ana e seu caça-palavras*

Ana, uma jovem de 23 anos, procurou análise há quatro anos, apresentava crises onde ficava totalmente paralisada e só voltava a se mexer após ser internada e medicada com remédios bem fortes.

Quando chegou para análise, estava fazendo tratamento com medicamentos psiquiátricos e, durante um longo tempo, teve muita dificuldade em se organizar no tempo e espaço para chegar às sessões. Esquecia totalmente das sessões, desaparecia por alguns dias e, após longo período, retornava.

Durante os primeiros três anos de trabalho, as crises foram se espaçando, os medicamentos sendo retirados, e Ana foi ficando muito ligada à análise. Após as férias de final de ano, Ana retorna muito assustada com o que sentiu durante as férias, teve muita vontade de ligar para a analista, pois sentia a agitação que normalmente precedia as crises de paralisação. Entretanto, aguardou o retorno no dia combinado.

Nesse primeiro dia após as férias, relata o seguinte sonho:

*- Eu era a palavra de um caça-palavras. Procurava onde eu caberia e não conseguia encontrar um lugar. Acordo assustada do sonho e me vejo espremida e dura no canto da cama, como a palavra, no sonho, que tentava se encaixar no quadrado do caça-palavras.*

Ana sentiu, pela primeira vez após quatro anos de análise, a separação da analista e a abstinência da análise. Ela estava em um caça-palavras, buscava a palavra, o sentido. Ao mesmo tempo, ela era a própria palavra, a palavra concreta. Ana e sua analista começam, então, a construir uma ponte entre o concreto e o simbólico. Inicia-se um movimento de transformação de partes sem sentido, enrijecidas em busca de sentido e que, por meio da palavra, podem libertar as emoções, torná-las vivas e pensáveis. A psicanálise como um relicário de palavras.

“Existe algo verdadeiro na experiência emocional humana que um analista pode sentir e comunicar com precisão ao paciente em palavras que o paciente possa ser capaz de utilizar” (Ogden, 2010, p. 89).

Na ficção, parece existir um momento em que a fada transforma o boneco em menino de verdade. É o que a maioria acredita, entretanto, o fato é que Pinóquio conquista, ao longo de sua trajetória a condição humana, pois a transformação vai acontecendo a cada experiência vivida e compartilhada com a fada, momentos de conversa e reflexão durante toda a história, pontes construídas entre o concreto e o simbólico.

Assim, compartilhamos na clínica essas transformações de estados mentais “Pinóquio” em estados mentais “Menino de verdade”. Quando podemos acompanhar estados de impedimento psíquico, onde predomina a evasão das emoções, presenciamos um enrijecimento e um estado marionete. Por outro lado, quando podemos viver as emoções e compartilhar essas experiências acompanhamos o processo de vir a ser mais verdadeiro do paciente.

Segundo Ferro (2011, p. 45-46), o mental deriva da transformação do que é sensorialidade em elementos-alfa. A psique seria algo que nasce da transformação de tudo aquilo que é percebido como perturbador e que, conseqüentemente, torna-se o “percebido evacuado”. Uma vez que esse percebido evacuado é acolhido e transformado por uma mente que tem uma função alfa que funcione, inicia-se o processo que leva ao elemento-alfa e a introjeção progressiva da função alfa.

Dessa maneira, o analista não transforma seu paciente em alguém de verdade. O paciente, por meio de sua relação com o analista, é que vai desenvolvendo sua condição de ser verdadeiramente ele, isto é, a partir da introjeção da função alfa da fada-analista.

Segundo Ogden (2010, p. 91), o analista, ao fazer uma interpretação (que encerra alguma verdade e é utilizável pelo paciente), dá “forma” verbal à experiência que antes era não verbal e inconsciente. Ao fazer isso, o analista cria o potencial para uma nova experiência do que é verdadeiro, que deriva da experiência inconsciente inarticulada do paciente.

Portanto, ser um menino de verdade, nascer psiquicamente, depende obrigatoriamente da passagem através da mente do outro. É preciso ao menos duas pessoas para pensar (Bion, 1963, citado por Ogden, 2010, p. 90). Depende de encontrar uma fada azul, com sua varinha-função pensante e que essa relação funcione de forma suficientemente boa para que, por meio da introjeção dessa função, o Pinóquio-marionete possa deixar nascer o Pinóquio-menino de verdade. A verdade pode, então, vir à tona através da relação entre duas pessoas.

O menino de verdade, a verdade do menino, esteve sempre presente no Pinóquio-marionete, aguardando outra mente-fada azul para poder nascer.

**Resumen:** Las autoras desarrollan una reflexión sobre la relación de Pinocho y el Hada Azul, trazando un paralelo con la relación analítica. Parten de la idea que es solamente no aprender de la experiencia emocional, en la relación viva con otra mente, que nacemos mientras ser síquico y comenzamos a existir. Pinocho tenía un ansia en se transformar rápidamente en un niño de verdad y pedía que el hada mágicamente lo transformase en uno. Así llegan nuestros pacientes, buscando un sentido, con ansia de existencia, pero muchas veces esperando del hada azul-psicoanalista una transformación mágica y sin dolor. Hasta mismo porque todavía no entienden la diferencia entre estar vivo y existir, entre tener pensamientos y pensar pensamientos. La búsqueda del saber quién somos de verdad y de transformaciones que nos aproximen de nuestro yo verdadero, lo más humano posible, pasa por las experiencias vividas y transformadas. Nacemos todos Pinochos, originalmente de materia bruta, con pensamientos inconscientes nunca pensados, que aguardan la compañía de otra mente para pensarlos.

**Palabras clave:** Función Alfa, verdad, mentira, idealización.

### **Referências**

- Alvarez, A. (1994). *Companhia viva: psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, borderline, carentes e maltratadas*. (p. 132). Porto Alegre: Arte medica
- Bion, W. R. (1991). *O aprender com a experiência*. (p. 25, 26). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1962).
- \_\_\_\_\_ (1994). *Estudos psicanalíticos revisados (second thoughts)*. (p. 137). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1962)
- Ferro, A. (2011). *Evitar as emoções, viver as emoções*. (p., 45, 46). Porto Alegre: Artmed.
- Ogden, T. H. (2010). *Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos*. (p. 24, 25, 89, 90, 91). Porto Alegre: Artmed.

## Personalizar en América Latina

por Sylvia Martínez Moreno<sup>1</sup>

*“¿Qué hice, qué hiciste, qué hemos hecho?  
El laberinto de la culpa sin culpa  
el espejo que acusa y el silencio que se gangrena  
el día estéril, la noche estéril el dolor estéril  
la soledad promiscua  
el mundo despoblado  
la sala de espera en donde ya no hay nadie.”*

*Octavio Paz*

**Resumen:** A partir de los mitos que narran el origen de los pueblos americanos y el proceso de colonización de las tierras de América, se compara el origen del psicoanálisis y la adopción de sus principales concepciones. Plantea un regreso al comienzo, un retorno al origen o a la propia conformación ontológica para reconocernos como personas, cuya subjetividad siempre está en juego frente al encuentro entre dos culturas, entre dos relatos en cada nuevo territorio que se habita. Se propone pensar el significado de personalizar en psicoanálisis y hacer una reflexión en torno al accionar del analista frente a las vicisitudes actuales.

**Palabras clave:** Mitología, pensamiento psicanalítico latinoamericano, América Latina.

Cuenta la leyenda que después de la creación del mundo todo era armonía, los seres humanos veneraban a los dioses con templos y sacrificios, pero esto enfurecía a *Quetzalcóatl*. Entonces, un día decidió bajar al mundo de los humanos convertido en uno de ellos para enseñarles sus conocimientos. Cuando descendió a *Tollan* tuvo que detener el sacrificio, provocando que las deidades enfurecidas produjeran tormentas que hubo que ahuyentar. Así se dieron cuenta de quién era. Prohibió sacrificios y llenó el pueblo de enseñanzas relacionadas con la agricultura, la literatura, la astronomía y todos esos dones de los dioses. *Tezcatlipoca*, su hermano, para tenderle una trampa, se disfrazó de un viejito y le ofreció un regalo. Era un brebaje que al embriagarlo le hizo tomar a una de las mujeres del templo. La culpa lo obligó a construir un barco y retirarse prometiendo su regreso.

En 1909 a bordo del *George Washington*, la estatua de la libertad asalta por primera vez la mirada de Freud, quien acto seguido susurra a oídos de su colega Jung “*no saben que les traemos la peste*”.

<sup>1</sup> Analista en Formación de la Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires (APdeBA).  
sylvia.martinez.moreno@gmail.com

A *Quetzalcóatl* se lo dibuja como serpiente emplumada en *Teotihuacán*, que representa a los poderes reproductores de la tierra y la fertilidad. A Freud, solemos atribuir el descubrimiento de lo inconsciente, y de la sexualidad infantil; para algunos, quizá, tan peligrosa como una serpiente emplumada.

Las primeras teorías sexuales infantiles, nuestros cuentos de cuna - así como la mitología de los primeros pueblos indígenas que poblaron estas tierras, narran los orígenes de mesoamérica-, describen también aspectos arqueológicos de nuestro psiquismo; teorías y conceptos que han sido acuñados como doctrina social en territorios vírgenes, en terrenos que muchas veces no han sido cultivados para la siembra mucho menos para la cosecha.

¿Qué significa *psicoanalizar en América Latina*? ¿Qué quise decir con mi fallido al escribir '*personalizar*' en América latina en un intento de buscar un título adecuado para los fines de un trabajo?

El relato con el que doy entrada a este texto, y que cita una de las leyendas de los orígenes de lo que ahora es México, es un breve ejemplo de que los pueblos de Latinoamérica, y nuestras culturas están enmarcadas por diversidad de otros mitos y creencias; que si bien evolucionan con el tiempo, parten de concepciones muy particulares en torno a la cosmovisión de la naturaleza, de la vida y del hombre. También imprimen un sello específico a cada cultura, una impronta filogenética particular que puede permanecer por muchos años. Sabemos, a partir de Freud, que los sueños son *los mitos de los pueblos*, y desde diferentes connotaciones, algunos aforismos nos recuerdan la labor arqueológica y cartográfica del psicoanálisis freudiano, y que *lo inconsciente*, seguramente prevaleció a los orígenes de toda intelección teórica al respecto.

Gran parte de los territorios atravesaron por un proceso de colonización a través del cual algunos valores culturales luchan por sobrevivir, otros se pierden y algunas herramientas o creencias nuevas se incorporan. La llegada del psicoanálisis a este continente no se exime de esta condición de conquista de territorios vírgenes, no únicamente por las dificultades inherentes a un nuevo proceso, sino por los matices que cada territorio, que cada cultura, conservan a través del tiempo, más allá de todo *mestizaje* doctrinal.

En los últimos años nos hemos concentrado en las diferencias entre las concepciones teóricas, pasando por alto la riqueza de esta diversidad y enfocándonos en las dificultades lingüísticas y semánticas de supuestas fronteras del psicoanálisis. Este punto permite abrir otro interrogante en relación al accionar del analista a partir de estas diferencias. ¿Qué sucede desde este otro lado del diván y desde este otro lado del continente?

El hecho clínico *per se* ya nos introduce en un nuevo territorio, por su unicidad; pero inaugurar un tratamiento no implica un proceso de colonización. Podríamos llanamente imaginarlo *a priori* como un encuentro entre dos culturas. Y quizá, un movimiento de conquista inverso favorecería ulteriores movimientos, dentro de las provincias de la transferencia, siempre que nuestra sensibilidad y condición humana nos libren de la posición de *sujeto supuesto saber* que algunos pacientes suelen adjudicar a su analista.

Ante la metáfora de que Freud “descubre” un continente desconocido al comunicarnos sus propios hallazgos sobre lo inconsciente, se contraponen la idea de que también Freud descubrió al psicoanálisis al mismo tiempo que se descubría a sí mismo, a través de su autoanálisis y de la interpretación de sus sueños. Así, no estaríamos alejados de la palabra *personalizar*. Por otro lado, Américo Vespucio, tuvo una certera aproximación a los límites de este continente, de tal manera que Cristóbal Colón tampoco “inventó” América. Además, en primera instancia debió haber sido testigo de lo que ocurría ahí y, más allá de los acontecimientos históricos, mucho no nos han contado sobre su experiencia personal o subjetiva ante ese encuentro.

Con lo sofisticado de la época en que vivimos, ya es común advertir en muchos ámbitos una desesperada necesidad por volver al origen, a lo que nos es más natural y orgánico o favorable a nuestro cuerpo. Esto quizá intenta revertir algo de lo que los avances científicos y tecnológicos en todos los campos han dotado de artificial e ilegítimo a ciertas experiencias. Quizá ahora el psicoanálisis también advierte este fenómeno. El concepto de *neutralidad* ha sido una de las herramientas habituales de la práctica del psicoanálisis, pero estamos corriendo el riesgo de utilizarle a veces de manera automática e indiscriminada. La técnica, o lo que entendemos por ella en general y en todos los ámbitos -no sólo en el de nuestra área- cuando es bien aplicada, facilita movimientos y progreso; pero también puede convertirse en un artilugio. Un aparato sin calibrar adecuadamente puede entorpecer u obturar una mirada más auténtica del objeto que estudia; en este caso, de un ser humano que vive y siente la experiencia con su escucha, con su mente, con sus manos, con su propia subjetividad. Neutralizar no dista de un acto de generalizar o unificar criterios.

La teoría psicoanalítica, como ha llegado a nuestros tiempos, no nace de la misma cocina. Se fabrica y se elabora en el devenir de la experiencia clínica de los seres humanos que nos anteceden en este oficio; proviene de otras subjetividades, de otros encuentros, de otros territorios, de otras épocas. Por ello, se vuelve imposible utilizar la misma ‘materia prima’, pues no siempre disponemos de los mismos ingredientes, ni las mismas ‘cantidades’. ¿En dónde está esa justa medida? Quizá contar con lo que la naturaleza nos ofrece ahora, nos permita estar siempre abastecidos, y contar siempre con *stock*.

Al concepto de *neutralidad*, solemos relacionar el de *abstinencia*. ¿De qué nos abstenemos? Quizá de aquello que daña o perjudica; aunque habría que poner en juego el *quien, cómo, cuándo y por qué* ¿Podemos permanecer *neutros y abstinentes* al dolor y a la evidencia del sufrimiento humano?

La técnica de pronto puede adquirir la categoría de *valor* o de *doctrina* al punto de no querer ‘faltar al respeto’ a la neutralidad y abstinencia. ¿Dónde está la instancia que censura nuestros actos, cuando trabajamos infinidad de horas de nuestra vida en soledad, en un consultorio “privado”? ¿De qué nos priva el consultorio?

En algún momento debimos haber conocido la risa, pero también el llanto; la tranquilidad y la paz, y también el dolor; la seguridad en los brazos de una madre, y el desamparo y la orfandad de una cuna en medio de la oscuridad y de la noche cuando todos se han dormido. Pero salimos de ella al haber alguien que ‘nos piense’.

A veces los pacientes acuden desde esa orfandad a recordarnos esa necesidad de ‘ser pensados’, y no necesariamente desde el propio desamparo que al analista le produce la habitación en un edificio, un consultorio solitario o hasta una sofisticada y bien cuidada ‘fortaleza teórica’. Tal vez el paciente no vino a nosotros a cambiar algo, sino a recuperar algo que perdió y que muchas veces desconoce. Algo faltó, o algo falló desde el comienzo.

Y si América llegara a nuestro consultorio, ¿cuál sería su motivo de consulta? ¿Qué le duele a nuestro continente? ¿Qué nos duele a nosotros al encontrarnos en la clínica de América latina? ¿Podemos psicoanalizar al enfrentarnos a un déficit global generalizado a muchos aspectos de la vida humana?

‘Personalizar’ o ‘persona’ etimológicamente significa, por un lado “máscara” o “personaje teatral”; por el otro, *per-sonare* se refiere a aquello que suena. Existe un instrumento musical del siglo XVII que se llama *viola d’ amore*. La diferencia entre éste y un instrumento más actual que es la viola, radica en que la *viola d’amore* está construida de tal manera que, además de las cuerdas con las que el instrumentista entra directamente en contacto, posee en paralelo otras cuerdas que vibran por simpatía, ‘por amor’. ¿Será que las cosas que nos hacen ‘sonar’ o ‘vibrar’ son aquellas que se parecen a lo que somos, a lo que nos constituye como seres humanos, y de lo cuál no podemos sustraernos? ¿Es acaso que a nuestra historia individual, familiar, social, étnica, se suma todo lo que de entrada traemos en el paquete desde antes de nacer para constituir nuestra esencia? ¿De qué estamos hechos los psicoanalistas de América Latina?

Nacemos y nuestra primera analista quizá fue la madre, o el primer ser humano que nos permitió constituirnos como persona cubriendo esa función de maternaje. ¿Qué es lo que nos hace vibrar como *per-sonas*, cómo es ese *sonido* en nuestra vida desde que adquirimos el lenguaje hasta que estamos frente al paciente? ¿El instrumento con el que trabajamos es un instrumento *d’amore* que permite que nuestras fibras más íntimas vibren por simpatía o por empatía tras el sonido que estamos escuchando, cuando las historias de nuestros pacientes nos *tocan*? Querer ayudar a otro, *com-padecerlo* (o ‘padecer con’) implica un acto de amor.

Al retirarse el paciente y salir del consultorio en definitiva descubrimos que ya no somos los mismos, y que *psicoanalizar y personalizar en América Latina* o en cualquier rincón del mundo, sí pueden *con-fundirse*, que al ser analistas podemos seguir siendo *per-sonas*.

**Resumo:** A partir dos mitos que explicam a origem dos povos americanos e do processo de colonização das terras da América, compara-se a origem da psicanálise e a adoção de seus principais conceitos. O trabalho propõe uma volta ao início, um retorno à origem ou à própria formação ontológica, para nos reconhecemos como pessoas cuja subjetividade está sempre em jogo diante do encontro de duas culturas, entre dois relatos, a cada novo novo território que se habita. Também propõe pensar o significado de personalizar na psicanálise e, ainda, a fazer uma reflexão sobre o agir do analista diante das vicissitudes atuais.

**Palavras-chave:** Mitologia, pensamento psicanalítico latino-americano, América Latina.

## **Referencias**

- Coromines, J. *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana*. Ed. Gredos. Madrid, 2012.
- Freud, S. (1913): *Tótem y Tabú*. Amorrortu Editores, O.C., vol. XIII.
- Killingmo, B. *Conflicto y déficit: implicancias para la técnica. Libro anual de psicoanálisis del Int. J. Psychoanalysis*, vol. 70, Londres, 1989, pág. 111-126.
- Renik, O. “*Los riesgos de la neutralidad*”. En *Aperturas Psicoanalíticas. Revista internacional de psicoanálisis*. No.010. Disponible en <http://www.aperturas.org/articulos.php?id=188&a=Los-riesgos-de-la-neutralidad>. Fecha de consulta: abril 2014.
- Varios autores. *Leyendas cortas*. Disponible en: <http://leyendascortas.com.mx/leyenda-de-quetzalcoatl/>. Fecha de consulta: mayo de 2014.
- Winnicott, D. (1956). “*Preocupación maternal primaria*”. En *Escritos de Pediatría y Psicoanálisis*. Ed. Paidós. Buenos Aires, 1999.

# **TRANSFORMACIÓN**

revista de psicoanálisis | número 12 | septiembre 2014

**OCAL** Organización de Candidatos de América Latina

© dos textos, os autores

© da edição, OCAL Organización de Candidatos de América Latina

Design gráfico e diagramação,  
AGÊNCIA COMUNICA - Joaquim Olímpio Martins

Revisão dos textos em português,  
Lana Cristina do Carmo



# conteúdo

**EDITORIAL** por Carlos Cesar Marques Frausino

**MENSAGEM DA PRESIDENTE** por Cecília Moia

## À GUIA DE INTRODUÇÃO

Pertencer a OCAL: “OCAL somos todos” por Carmen Cuenca e Osvaldo Canosa

Representação e pertencimento por Christiane Paixão

## UM CAPÍTULO DA HISTÓRIA DA OCAL

Sementes compartilhadas – uma experiência junto à OCAL

por Rita Andréa Alcântara de Mello

## A REPRESENTAÇÃO DOS ANALISTAS EM FORMAÇÃO BRASILEIROS

Um percurso... por Joselane A. Tenório Campagna da Silva

Novos rumos e desafios da Associação Brasileira de Candidatos

por Miriam Altman

## A OCAL EM MOVIMENTO

Correntes mexicanas por Alejandra Uscanga Castillo

Correntes chilenas por Juan Dittborn

Correntes brasileiras por Carlos Cesar Marques Frausino e Christiane Paixão

Correntes argentinas por Luisa Pérez Suquilvide

Correntes peruanas por Eduardo Llanos B.

## DIÁLOGOS

Entrevista com Abel Fainstein por Cecilia Moia e Osvaldo Canosa

Entrevista com Fernando Orduz por Carlos Cesar Marques Frausino e

Luisa Pérez Suquilvide

Entrevista com Sergio Eduardo Nick por Carlos Cesar Marques Frausino

## TEMAS LIVRES

A Cadeira vazia – recortes de uma sessão psicanalítica de grupo

por Evelyn Prizant

A língua que está na minha mão – especulações neurocientíficas e

psicanalíticas sobre fantasia e realidade por Petruska Menezes

El todo y sus partes: el gran cuerpo del psicoanálisis

por Alejandra Uscanga Castillo

Édipo e luto em Melissa – um estudo por Cynthia Peiter

Más allá de las fronteras. El paciente “S” – algunos apuntes sobre el vínculo

y la melancolía por Eduardo Llanos

Era uma vez... O conto como possibilidade da criação de um espaço

transicional entre a fantasia e o sonho por Marília Silveira Modesto

El psicoanálisis en nuestros tiempos por José Galeano

El sobre que sobra por Lila Gómez

Detrás de los muros. Aproximación a mi práctica, como analista

en formación, en un penal de mujeres por María Julia Ardito

Realidade e ficções: a fotografia e seu uso na clínica

por Ana Maria Rosenzvaig

Será que nascemos todos Pinóquios? por Marta Maria Maud e

Carla Cristina Bellodi

Personalizar en América Latina por Sylvia Martínez Moreno

